



Digitized by the Internet Archive
in 2015

As mais belas

POESIAS BRASILEIRAS

de Amor

AUTORES INCLUÍDOS NESTE FLORILÉGIO

Gregório de Matos
Santa Rita Durão
Cláudio Manuel da Costa
Inácio José de Alvarenga Peixoto
Tomás Antônio Gonzaga
Maciel Monteiro
Gonçalves Dias
Bernardo Guimarães
Francisco Otaviano
Laurindo Rabelo
Álvares de Azevedo
Junqueira Freire
Luís Delfino
Joaquim Serra
Casimiro de Abreu
Machado de Assis
Vitoriano Palhares
Fagundes Varela
Gonçalves Crêspo
Luís Guimarães Júnior
Castro Alves
Lúcio de Mendonça
Teófilo Dias
Artur Azevedo
Alberto de Oliveira
Bernardino Lopes
Adelino Fontoura
Augusto de Lima
Raimundo Correia
Luís Murat
Cruz e Sousa
Olavo Bilac
Vicente de Carvalho
Emílio de Meneses
Guimarães Passos
Mário Pederneiras
Medeiros e Albuquerque
Emiliano Perneta
Alberto Silva
Zeferino Brasil
Azevedo Cruz

Alphonsus de Guimaraens
Francisca Júlia
Alberto Ramos
Belmiro Braga
Amadeu Amaral
Marcelo Gama
Goulart de Andrade
Carlos Góis
Castro Meneses
Martins Fontes
Luís Edmundo
Humberto de Campos
Manuel Bandeira
Heitor Lima
Adelmar Tavares
Hermes Fontes
Olegário Mariano
Guilherme de Almeida
Filipe d'Oliveira
Gilka Machado
Mário de Andrade
Ronald de Carvalho
Murilo de Araújo
Alceu Wamosy
Raul de Leoni
Cleômenes Campos
Renato Travassos
Osório Dutra
Ribeiro Couto
Cecília Meireles
Abgar Renault
Francisco Karam
Moacir de Almeida
Murilo Mendes
Carlos Drummond de Andrade
Carmen Cinira
Vargas Neto
Adalgisa Nery
Augusto Frederico Schmidt
Vinicius de Moraes
J. G. de Araújo Jorge

Os autores acham-se dispostos neste volume em ordem cronológica, gundo o ano de nascimento.

As mais belas

POESIAS BRASILEIRAS
de Amor

SELEÇÃO,
PREFÁCIO
E NOTAS
DE

FREDERICO DOS REYS COUTINHO

5.^a EDIÇÃO

CASA EDITORA VECCHI LTDA.
RUA DO RESENDE, 144 — RIO DE JANEIRO



Direitos reservados.

MCMLVI

Printed in Bra

PQ

9651

C83m

1956

Prefácio

SE é exato, conforme observou Alberto de Oliveira, que no gênero lírico está a expressão mais bela e mais característica da poesia brasileira, não é menos verdade que no lirismo especificamente amoroso se encontra a mais genuína e sedutora manifestação dessa mesma poesia.

Porque uma supremacia comparável à daquele gênero em relação aos restantes — épico, satírico, religioso — se poderá encontrar, mais atenuada embora, no seio da própria lírica nacional, destacando a poesia de inspiração amorosa dos demais ramos, que haurem seus motivos em outros sentimentos do artista. Isso, não porque os nossos mais famosos vates tenham sempre alcançado em versos de amor a culminância de sua arte (sem embargo de tal ser o caso de numerosos, entre os quais Gonzaga, Luís Delfino e Bilac), mas visto a consistência e a felicidade raras com que tem sido o tema de modo geral versado, conferirem a êsse setor da lírica patricia singular relevo e nêle indicarem uma riqueza que se não encontra na poesia de idéias, na de emoção patriótica ou na puramente descritiva, para não aludir a outras espécies ainda menos cultivadas aqui.

O caráter, unido à psique brasileira, explicarão o fato, certamente mais acentuado entre nós que nas literaturas estrangeiras. Uns mais que outros, os nossos artistas, considerados em bloco e atenuando-se na preferência que sói manifestar-se em suas obras pelos motivos de amor, traduziriam em poesia e beleza, através de toda a diversidade de seus estros, as constantes do sentimentalismo

e da voluptuosidade que historiadores e sociólogos têm sempre assinalado no homem brasileiro.

Trazer para mais perto do grande público algumas dessas produções em que o talento criador mergulha tão profundas raízes na alma nacional, em que tão acessível o poeta se nos depara e próximo da humanidade, é o único objetivo desta coletânea, preparada por quem redobrou de esforços para o desempenho satisfatório da tarefa a que se abalçou.

Prestou-se especial atenção à presença no florilégio, por intermédio de ilustres representantes, das escolas que mais fortemente marcaram a evolução da poesia nacional nos séculos que medeiam entre seu alvorecer e a presente época, herdeira das gloriosas tradições dos árcades, dos românticos, parnasianos e simbolistas.

As dimensões prefixadas do volume, bem como a dificuldade de se obterem obras de certo número de autores, explicam as omissões que não puderam ser evitadas e que se diligenciará sanar em futura antologia, cuja realização dependerá tão-sòmente da acolhida que esta merecer.

Soneto

Gregório de Matos

Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:

Tu, que em ímpeto abrasas escondido;
Tu, que em um rosto corres desatado;
Quando fogo, em cristais aprisionado;
Quando cristal, em chamas derretido.

Se és fogo, como passas brandamente,
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,
Como quis que aqui fôsse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria.

(Obras — II — Lírica)

Caramuru

A Morte de Moema

Santa Rita Durão

E' fama então que a multidão formosa
 Das damas, que Diogo pretendiam,
 Vendo avançar-se a nau na via undosa,
 E o que a esperança de o alcançar perdiam,
 Entre as ondas com ânsia furiosa
 Nadando, o espôso pelo mar seguiam,
 E nem tanta água que flutua vaga,
 O ardor que o peito tem, banhando, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
 Corre a ver o espetáculo assombrada;
 E ignorando a ocasião da estranha emprêsa,
 Pasma da turba feminil, que nada;
 Uma, que às mais precede em gentileza,
 Não vinha menos bela do que irada:
 Era Moema, que de inveja geme,
 E já vizinha à nau, se apega ao leme.

Bárbaro (a bela diz) tigre, e não homem...
 Porém o tigre por cruel que brame,
 Acha fôrças, amor, que enfim o domem;
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:

Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Como não consumis aquêlê infame?
 Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
 Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:
 Porém deixando o coração cativo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
 E êsse fado cruel doce me fôra,
 Se a meu despeito triunfar não vira
 Essa indigna, essa infame, esa traidora.
 Por serva, por escrava te seguira,
 Se não temera de chamar senhora
 A vil Paraguaçu, que sem que o creia,
 Sôbre ser-me inferior, é néscia, e feia.

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
 Flutuar moribunda entre estas ondas;
 Nem o passado amor teu peito incita
 A um ai sòmente, com que aos meus respondas!
 Bárbaro, se esta fé teu peito irrita
 (Disse, vendo-o fugir), ah! não te escondas;
 Dispara sôbre mim teu cruel raio...
 E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
 Pálida a côr, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as salsas escumas desce ao fundo,
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a aparecer desde o profundo,
 Ah! Diogo cruel! disse com mágoa,
 E sem mais vista ser, sorveu-se na água.

Sonêto

Cláudio Manuel da Costa

Nize? Nize? onde estás? Aonde espera
 Achar-te uma alma, que por ti suspira;
 Se quando a vista se dilata, e gira,
 Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera
 Entre esta aura suave, que respira!
 Nize, cuido que diz, mas é mentira.
 Nize, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
 Se o meu bem, se minh'alma em vós se esconde,
 Mostra, mostra-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
 Ah! como é certa a minha desventura!
 Nize! Nize? onde estás? aonde?

(Obras Poéticas)

*Soneto**Cláudio Manuel da Costa*

Êstes os olhos são da minha amada,
Que belos, que gentis e que formosos!
Não são para os mortais tão preciosos
Os doces frutos da estação dourada.

Por êles à alegria derramada
Tornam-se os campos de prazer gostosos,
Em zéfiros suaves e mimosos
Tôda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos belos, vinde, e enfim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas belas,
Dai alívio ao mal que estou gemendo.

Mas oh! delírio meu que me atropelas!
Os olhos que eu cuidei que estava vendo
Eram (quem crera tal!) duas estrêlas.

(Obras Poéticas)

Estela e Nize

Alvarenga Peixoto

Eu vi a linda Estela, e namorado
 Fiz logo eterno voto de querê-la;
 Mas vi depois a Nize, e a achei tão bela
 Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
 Não posso distinguir Nize de Estela?
 Se Nize vir aqui, morro por ela;
 Se Estela agora vir, fico abrasado.

Mas, ah! que aquela me despreza amante,
 Pois sabe que estou prêso em outros braços
 E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me dêstes laços;
 Ou faz de dois semblantes um semblante,
 Ou divide o meu peito em dois pedaços!

(Obras Poéticas)

Em uma frondosa...

Tomás Antônio Gonzaga

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um lindo botão.
Marília formosa
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas fôlhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu;
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marília gritando,
Co' o dedo fugiu:
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rutura,
 E o sangue espargido,
 Que a Deusa mostrou:
 Risonho beijando
 O dedo ofendido,
 Assim lhe falou:

Se tu por tão pouco
 O pranto desatas,
 Ah dá-me atenção!
 E como daquele
 Que feres e matas,
 Não tens compaixão?

(*Marília de Dirceu*)

Meu sonoro passarinho...

Tomás Antônio Gonzaga

Meu sonoro passarinho,
 Se sabes do meu tormento,
 E buscas dar-me cantando,
 Um doce contentamento.

Ah não cantes, mais não cantes,
 Se me queres ser propício:
 Eu te dou em que me faças
 Muito maior benefício.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o pôrto da Estrêla,
Sobe à serra, e se cansares
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova que fica
Ao direito lado e segue
Sempre firme a Vila Rica.

Entra nessa grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palácio defronte.

Êle tem ao pé da porta
Uma rasgada janela,
E da sala, aonde assiste
A minha Marília bela.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinais todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabelos,
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha e breve,
Suas faces côr-de-rosa,
Numa palavra a que vires
Entre tôdas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio pensando.

(Marília de Dirceu)

Um dia que o gado...

Tomás Antônio Gonzaga

Um dia que o gado
No prado guardava,
Amor me aparece
Com arco e aljava.

No tronco mais verde,
Que no prado houvesse,
Amor me mandou
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Um tronco buscar,
Para nêle as ordens
Pronto executar.

No tronco de um freixo
Que viçoso vi,
Quis gravar "amor"
"Marília" escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome beijado
Alegre me diz:

“ — Não temas, Dirceu,
Não mudes de côr;
Nesse doce nome
Escreveste amor.”

(Marília de Dirceu)

Nesta triste masmorra...

Tomás Antônio Gonzaga

Nesta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura;
Amor na minha idéia te retrata;
Busca extremoso que eu assim resista
À dor imensa que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez da face;
E aperto sôbre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio.
Não sei se vivo ou morto;
Enternece-se amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto;
Conheço então que amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

“ — Se queres ser piedoso,
Procura o sítio em que Marília mora,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, amor, se chora.
Se lágrimas verter, se a dor a arrasta,
Uma delas me trazê sôbre as penas,
E para alívio meu só isto basta.”

(Marília de D

Soneto

Maciel Monteiro

Formosa, qual pintor em tela fina
Debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochara
Em primavera a rosa purpurina;

Formosa, qual se a própria mão divina
Lhe alinhara o contôrno e a forma rara;
Formosa, qual no céu jamais brilhara
Astro gentil, estrêla peregrina;

Formosa, qual se a natureza, e a arte,
Dando as mãos em seus dons e em seus lavôres
Jamais pôde imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem pode ver-te sem querer amar-te?
Quem pode amar-te sem morrer de amôres?!

Se se morre de amor!

Gonçalves Dias

Meer und Berge und Horizonte zwischen Liebenden — aber die Seelen versetzt sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER — Die Räub

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
 Quando é fascinação que nos surpreende
 De ruidoso sarau entre os festejos;
 Quando luzes, calor, orquestra e flôres,
 Assomos de prazer nos raiam na alma,
 Que embelezada e sôlta em tal ambiente
 No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Simpáticas feições, cintura breve,
 Graciosa postura, porte airoso,
 Uma fita, uma flor entre os cabelos,
 Um quê mal definido, acaso podem
 Num engano de amor arrebatá-los.
 Mas isso amor não é; isso é delírio,
 Devaneio, ilusão, que se esvaece.
 Ao som final da orquestra, ao derradeiro
 Clarão que as luzes no morrer despedem;
 Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,
 De amor igual ninguém sucumbe à perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,
De altas virtudes, até capaz de crimes!
Compreender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos;
De aves, flôres, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o êrmo,
E ter o coração em riso e festa;
E a branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer que olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, êsses tesouros
Inesgotáveis, de ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compreender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Se tal paixão porém enfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido

Em recíproco afeto; e unidas, uma,
Dois sêres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas — em puro céu de êxtases puros:
Se logo a mão do fado as torna estranhas,
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;
Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio?
Pode o raio num píncaro caindo,
Torná-lo dois, e o mar correr entre ambos;
Pode rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Sinais mostrando da aliança antiga;
Dois corações, porém, que juntos batem,
Que juntos vivem — se os separam, morrem;
Ou se entre o próprio estrago ainda vegetam,
Se aparência de vida, em mal, conservam,
Ânsias cruas resumem do proscrito,
Que busca achar no berço a sepultura!

Êsse, que sobrevive à própria ruína,
Ao seu viver do coração, — às gratas
Ilusões, quando em leito solitário,
Entre as sombras da noite, em longa insônia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a apetecida imagem;
Êsse, que à dor tamanha não sucumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado têrmo!

(Poesias Completas)

O amor

Gonçalves Dias

Amare amabam.
Santo Agostinho.

Amor! enlêvo de alma, arroubo, encanto
Desta existência mísera, onde existes?
Fino sentir ou mágico transporte
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quais não basta a natureza humana),
Simpática atração de almas sinceras
Que unidas pelo amor no amor se apurou,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E à terra fêz baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontrar! em vão meus anos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cair precípite
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meu deserto
Aos meus acentos reboava em balde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compreende e busca,
Em vão meus lábios sôfregos cobiçam,
Librar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga,
Enquanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sôrvo;
Prazer, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me impuseste,
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,
Feri-me aos teus ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz que inda conservo,
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das asas auribranças de algum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esfera.
Centelha e luz do Sol que nunca morre;
És tudo, e mais do que isto: — és luz e vida,
Perfume, e vôo de anjo mal sentido,
Peregrinas essências trescalando!...
Também passas veloz, — breve te apagas,
Como de uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando à flor de um lago!

(Poesias Completas)

Amor! Delírio—Engano

Gonçalves Dias

Y el llanto que en su cólera derrama,
La hoguera apaga del antiguo amor.

Zorrilla.

Amor! delírio — engano... Sôbre a terra
Amor também fruí; a vida inteira
Concentrei num só ponto — amá-la e sempre.
Amei! — dedicação, ternura, extremos
Cismou meu coração, cismou minha alma,
— Minha alma que na taça da ventura
Vida breve de amor sorveu gostosa.
Eu e ela, ambos nós, na terra ingrata
Oásis, paraíso, éden ou templo
Habitamos uma hora; e logo o tempo
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
Doce encanto que o amor nos fabricara.

E eu sempre a via!... quer nas nuvens de oiro,
Quando ia ao Sol nas vagas sepultar-se,
Ou quer na branca nuvem que velava
O círculo da Lua, — quer no manto
De alvacenta neblina que baixava
Sôbre as fôlhas do bosque, muda e grave
Da tarde no cair; nos céus, na terra,

A ela, a ela só, viam meus olhos,
 Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;
 Ouvia-os no gemer da parda rôla,
 No trépido correr da veia argêntea,
 No respirar da brisa, no sussurro
 Do arvoredado frondoso, na harmonia
 Dos astros inefável; — o seu nome
 Nos fugitivos sons de alguma flauta,
 Que da noite o silêncio realçavam,
 Os ares e a amplidão divinizando,
 Ouviam meus ouvidos; e de ouvi-lo
 Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vêzes, quantas! junto dela
 Não senti sua mão tremer na minha;
 Não lhe escutei um lânguido suspiro,
 Que vinha lá do peito à flor dos lábios
 Deslizar-se e morrer?! Dos seus cabelos
 A mágica fragrância respirando,
 Escutando-lhe a voz doce e pausada,
 Mil venturas colhi dos lábios dela,
 Que instantes de prazer me futuravam.
 Cada sorriso seu era uma esp'rança,
 E cada esp'rança enlouquecer de amôres.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
 Saber que amor, à ingrata, havia eu dado;
 Que afetos melindrosos, que em meu peito
 Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
 Oh! não, — morra comigo o meu segrêdo;
 Rebelde o coração murmure embora.
 Que de vêzes, pensando a sós comigo,
 Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,

Da minha vida que farei, se acaso
 Faltar-me o teu amor um só instante;
 — Eu que só vivo por te amar, que apenas
 O que sinto por ti a custo exprimo?
 No mundo que farei, como estrangeiro
 Pelas vagas cruéis à praia inóspita
 Exânime arrojado? — Eu, que isto disse,
 Existo e penso — e não morri, — não morro
 De que outrora senti, do que ora sinto,
 De pensar nela, de a rever em sonhos,
 Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ela de mim já esquecida!
 Esquecida talvez de amor tamanho,
 Derramando talvez noutros ouvidos
 Frases doces de amor, que dos seus lábios
 Tantas vêzes ouvi, — que tantas vêzes
 Em êxtase divino aos céus me alçaram,
 — Que dando à terra ingrata o que era terra
 Minha alma além das nuvens transportaram.
 Existo! Como outrora, no meu peito
 Férvido o coração pular sentindo,
 Todo o fogo da vida derramando
 Em queixas mulheris, em moles versos.
 E ela!... ela talvez nos braços de outrem
 Com sua vida alimenta uma outra vida,
 Com o seu coração o de outro amante,

Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
 Ela, que eu respeitei, que eu venerava
 Como relíquia santa! — a quem meus olhos,
 Receando ofendê-la, tantas vêzes
 De castos e de humildes se abaixaram!

Ela, perante quem sentia eu prêsa
 A voz nos lábios e a paixão no peito!
 Ela, ídolo meu, a quem o orgulho,
 A fôrça do homem, o sentir, vontade
 Própria e minha dediquei, — sujeita
 À voz de alguém que não sou eu, — desperta,
 Talvez no instante em que de mim se lembra,
 Por um ósculo frio, por carícias
 Devidas de um espôso! . . .

Oh! não poder-te,
 Abutre roedor, cruel ciúme,
 Tua funda raiz e a imagem dela
 No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora,
 Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe
 Um quebrado suspiro do imo peito,
 Que de eras já passadas se recorda.
 Hás de escutá-lo, e ver-lhe a côr do rosto
 Enrubescer-se ao deparar contigo!
 Prêsa serás também de atroz cuidado,
 Terás ciúme, e sofrerás qual soffro;
 Nem menor que o meu mal quero a vingança.

(Poesias Completas)

*Ainda uma vez—Adeus!**Gonçalves Dias*

Enfim te vejo! — enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado.
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crêspa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me o tédio da vida,
Passos da morte senti;

Mas quase no passo extremo,
 No último arcar da esp'rança,
 Tu me vieste à lembrança:
 Quis viver mais e vivi!

Vivi; pois Deus me guardava
 Para êste lugar e hora!
 Depois de tanto, senhora,
 Ver-te e falar-te outra vez;
 Rever-me em teu rosto amigo,
 Pensar em quanto hei perdido,
 E êste pranto dolorido
 Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
 De mim afastas teu rosto?
 Pois tanto pôde o desgosto
 Transformar o rosto meu?
 Sei a aflição quanto pode,
 Sei quanto ela desfigura,
 E eu não vivi na ventura...
 Olha-me bem, que sou eu!

Nem uma voz me diriges!...
 Julgas-te acaso ofendida?
 Deste-me amor, e a vida
 Que ma darias — bem sei;
 Mas lembrem-te aquêles feros
 Corações, que se meteram
 Entre nós; e se venceram,
 Mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... mas devera
 Expor-te em pública praça,
 Como um alvo à populaça,
 Um alvo aos ditérios seus!
 Devera, podia acaso
 Tal sacrificio aceitar-te?
 Para no cabo pagar-te,
 Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava
 Que de mim t'esquecerias,
 Que, sem mim, alegres dias
 T'esperavam; e em favor
 De minhas preces, contava
 Que o bom Deus me aceitaria
 O meu quinhão de alegria
 Pelo teu quinhão de dor!

Que me enganei, ora vejo;
 Nadam-te os olhos em pranto,
 Arfa-te o peito, e no entanto
 Nem me podes encarar;
 Êrro foi, mas não foi crime;
 Não te esqueci, eu to juro:
 Sacrifiquei meu futuro,
 Vida e glória por te amar!

Tudo, tudo; e na miséria
 D'um martírio prolongado,
 Lento, cruel, disfarçado,
 Que eu nem a ti confiei,
 "E ela é feliz (me dizia)
 "Seu descanso é obra minha."

Negou-mo a sorte mesquinha...
Perdoa que me enganei!

Tantos encantos me tinham
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo êsse engano desfez!

Enganei-me!... — Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'ó que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra;
Pensar que te vejo agora,

Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera.
No meu caminho a pusera...
E eu! eu — fui que a não quis!

És d'outro agora, e pra sempre!
Eu a mísero destêrro
Volto, chorando o meu êrro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria pôsto,
Que a expressão dêste desgôsto
Será um crime ante Deus!

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema.
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

Lerás porém algum dia
 Meus versos, d'alma arrancados;
 D'amargo pranto banhados,
 Com sangue escritos; — e então
 Confio que te comovas
 Que a minha dor te apiade,
 Que chores, não de saudade,
 Nem de amor, — de compaixão.

(Poesias Completas)

Desejo

Gonçalves Dias

E poi mori

Metastasi

Ah! que eu não morra sem provar ao menos
 Sequer por um instante, nesta vida
 Amor igual ao meu!
 Dá, Senhor Deus, que eu sôbre a terra encontre
 Um anjo, u'a mulher, uma sombra tua,
 Que sinta o meu sentir;
 Uma alma que me entenda, irmã da minha,
 Que escute o meu silêncio, que me siga
 Dos ares na amplidão!
 Que em laço estreito unidas, juntas, prêsas,
 Deixando a terra e o lôdo, aos céus remontem
 Num êxtase de amor!

(Poesias Completas)

*Se eu de ti me esquecer**Bernardo Guimarães*

Se eu de ti me esquecer, nem mais um riso
Possam meus tristes lábios desprender;
Para sempre abandone-me a esperança,
Se eu de ti me esquecer.

Neguem-me auras o ar, neguem-me os bosques
Sombra amiga, em que possa adormecer.
Não tenham para mim murmúrio as águas
Se eu de ti me esquecer.

Em minhas mãos em áspide se mude
No mesmo instante a flor, que eu fôr colhêr;
Em fel a fonte, a que chegar meus lábios
Se eu de ti me esquecer.

Em meu peregrinar jamais encontre
Pobre albergue, onde possa me acolher;
De plaga em plaga, foragido vague
Se eu de ti me esquecer.

Qual sombra de precito entre os viventes
 Passe os míseros dias a gemer,
 E em meus martírios me escarneça o mundo,
 Se eu de ti me esquecer.

Se eu de ti me esquecer, nem uma lágrima
 Caia sôbre o sepulcro em que eu jazer;
 Por todos esquecido viva e morra,
 Se eu de ti me esquecer.

(*Novas Poesias*)

Recordações

Francisco Otaviano

Oh! se te amei! Tôda a manhã da vida
 Gastei-a em sonhos que de ti falavam!
 Nas estrêlas do céu via o teu rosto,
 Ouvia-te nas brisas que passavam.
 Oh! se te amei! Do fundo de minha alma
 Imenso, eterno amor te consagrei...
 Era um viver em cisma de futuro!
 Mulher! oh! se te amei!

Quando um sorriso os lábios te roçava,
 Meu Deus! que entusiasmo que sentia!
 Láurea coroa de virente rama,
 Inglório bardo, a fonte me cingia;

À estrêla-d'alva, às nuvens do Ocidente,
 Em meiga voz teu nome confiei.
 Estrêla e nuvens bem no seio o guardam;
 Mulher! oh! se te amei!

Oh! se amei! As lágrimas vertidas,
 Alta noite por ti; atroz tortura
 Do desespero da alma, e além, no tempo,
 Uma vida a sumir-se na loucura...
 Nem aragem, nem sol, nem céu, nem flôres,
 Nem a sombra das glórias que sonhei...
 Tudo desfez-se em sonhos e quimeras.
 Mulher! oh! se te amei!

À minha mulher

Laurindo Rabelo

(Lembranças do nosso amor)

Da morte o sôpro gelado,
 Não me apagando a existência
 No coração com veemência,
 Sinto seu passo apressado.
 Ai! quando, bem adorado,

Minha alma daqui se fôr,
 Disfarça teu dissabor,
 Resiste à fôrça veemente,
 Mas nunca risques da mente
 Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te
 De fortuna nem de glória,
 Nada me aponta a memória
 Que possa morto legar-te;
 Se nada deve ficar-te
 Mais que saudades e dor,
 Bálamo consolador
 À dolorosa ferida
 Hão de ser-te nesta vida
 Lembranças do nosso amor.

Lembrar um bem adorado
 Na dor da saudade ausente,
 E' mesmo sê-lo presente,
 Inda que seja passado.
 Ser por ti sempre lembrado,
 Como em vida morto fôr,
 Por influxo encantador
 Dêste mistério profundo,
 Hão de ser-te nesse mundo
 Lembrança do nosso amor.

(Poesias Completas)

*Soneto**Laurindo Rabelo*

E' carpir, delirar, morrer por ela!
Bocage.

De uma ingrata em troféu despedaçado,
Meu coração devora amor cruento,
Trocando em fero e bárbaro tormento
Quantos prazeres concedeu-me o fado.

No seio da alma, já dilacerado,
Negras fúrias do bárbaro apascento!
Filtra-me o delirante pensamento
De zelos negro fel envenenado.

Desprêzo, ingratidão, fria esquivança
Da cruel por quem morro, em tal procela
Apagaram-se a estrêla da esperança.

E eu (ao confessá-lo a dor me gela)
Humilhado a seus pés, minha vingança
E' carpir, delirar, morrer por ela!

(Poesias Completas)

Saudades

Álvares de Azevedo

'T is vain to struggle-let me perish young
Byron.

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi,
E às primaveras disse adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Vinte anos! derramei-os gôta a gôta
Num abismo de dor e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte anos!... não vivi um só momento!

Contudo, no passado uma esperança!
Tanto amor e ventura prometia,
E uma virgem tão doce, tão divina
Nos sonhos junto a mim adormecia!

.....

Quando eu lia com ela — e no romance
Suspirava melhor ardente nota,
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota,

Eu sentia a tremer, e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma inocentinha,
E uma furtiva lágrima rolando
Da face dela umedecer a minha!

E quantas vêzes o luar tardio
Não viu nossos amôres inocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos cânticos ardentes?

E quantas vêzes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas,
E que o céu ia abrir-se, e que entre os anjos
Eu ia despertar em noites puras?

Foi êsse o amor primeiro — requeimou-me
As artérias febris da juventude,
Acordou-me dos sonhos da existência
Na harmonia primeira do alaúde!

.....

Meu Deus! e quantas eu amei!... Contudo
Das noites voluptuosas da existência
Só restam-me saudades dessas horas
Que iluminou tua alma de inocência!

Foram três noites só... três noites belas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sôbre o teu coração morrer de gôzo!

E por três noites padeci três anos,
 Na vida cheia de saudade infinda...
 Três anos de esperança e de martírio...
 Três anos de sofrer — e espero ainda!

A ti se ergueram meus doridos versos,
 Reflexos sem calor de um sol intenso:
 Votei-os à imagem dos amôres
 Pra velá-la nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
 Tantas noites de febre e de esperança!
 Mas hoje o coração desbota, esfria,
 E do peito no tûmulo descansa!

Pálida sombra dos amôres santos,
 Passa, quando eu morrer, no meu jazigo;
 Ajoelha-te ao luar e canta um pouco,
 E lá na morte eu sonharei contigo!

(*Poesias Completas*)

Sonêto

Álvares de Azevedo

Pálida, à luz da lâmpada sombria,
 Sôbre o leito de flôres reclinada,
 Como a lua por noite embalsamada,
 Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens de alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

(Poesias Completas)

Amor

Álvares de Azevedo

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir.

Victor Hugo.

Amemos! quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tua alma, e em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber
Os teus amôres do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlêvo do seio teu!
Quero viver de esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

(Poesias Completas)

Temor

Junqueira Freire

Ao gôzo, ao gôzo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso pêso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços.
 Escondamo-nos um no seio do outro.
 Não há de assim nos avistar a morte,
 Ou morreremos juntos.

Não fales muito. Uma palavra basta
 Murmurada, em segrêdo, ao pé do ouvido.
 Nada, nada de voz, — nem um suspiro,
 Nem um arfar mais forte.

Fala-me só com o revolver dos olhos.
 Tenho-me afeito à inteligência dêles.
 Deixa-me os lábios teus, rubros de encanto,
 Sòmente para os meus beijos.

Ao gôzo, ao gôzo, amiga. O chão que pisas
 A cada instante te oferece a cova.
 Pisemos devagar. Olha que a terra
 Não sinta o nosso pêso.

(Poesias Completas)

Aqui

Junqueira Freire

Talvez agora entre os convivas ébrios,
 Nas turmas dos mentidos namorados,
 Ela se esquece dos meus puros gostos
 Por nós aqui passados.

Aqui — já era noite... eu reclinei-me
 Nas moles formas do virgínio seio:
 Aqui — sôbre ela eu meditei amôres
 Em doce devaneio.

Aqui — inda era noite... eu tive uns sonhos
 De monstruosa, de infernal luxúria:
 Aqui — sôbre ela estremeci, sonhando
 Em amorosa fúria.

Aqui — quase manhã... eu contemplei-a
 A resfolegar com agradável ânsia:
 Aqui — bebi seu hálito em torrentes,
 Torrentes de fragrância.

Aqui — era manhã... — Vi-a sentada
 Sôbre o sofá — voluptuosa um pouco:
 Aqui — prostrei-me a lhe beijar os rastros
 Alucinado e louco.

Aqui — ardia o sol... ela beijou-me,
 Para aplacar-me a fervorosa calma;
 Aqui — meus hinos sensuais cantando,
 Ela embalou minha alma.

Aqui — era tarde... eu pude ouvir-lhe
 Protestos firmes de um amor eterno:
 Aqui — ela selou-me êstes protestos
 Com um beijo mais que terno.

Aqui — oh quantas vêzes!... eu a tive
 Unida a mim — a derreter-se em ais:
 Aqui — ela ensinou-me a ter mais vida,
 Sentir melhor e mais.

Aqui — oh quantas vêzes!... eu a tive
Em acessos de amar desfalecida!
Lasciva e nua — a me exigir mais gostos
Por sôbre mim caída!

Mas lá talvez ela se esquece entanto
Dos nossos lindos tempos já passados:
Agora folga entre os enredos torpes
Dos falsos namorados!

(*Poesias Completas*)

Os seios

Luis Delfino

Nunca te vejo o peito arfar de enleio,
Quando de amor, ou de prazer te ebrias,
Que não ouça lá dentro as fugidias
Aves, baixo alternando algum gorjeio...

Aves são, e são duas aves, creio,
Que em ti mesma nasceram, e em ti crias,
Ao arrulhar de castas melodias,
No aroma quente e ebúrneo do teu seio;

Têm de uns astros irmãos o movimento,
Ou de dois lírios, que balouça o vento,
O giro doce, o lânguido vaivém.

Oh! quem me dera ver no próprio ninho
Se brancas são, como o mais branco arminho,
Ou se asas, como as outras pombas, têm...

(Íntimas e Aspásias)

A sombra de sua mão

Luis Delfino

Saí de sua alcova a passo lento e morno,
Onde a deixei velando
A irmãzinha doente: olhei depois em tórno,
O dia ia baixando:

O corredor escuso em meia sombra estava,
No fim descia a escada:
Na minha mão direita a mão dela eu levava
Ligeira e delicada;

A sombra da mão dela, a sombra fugitiva,
Porque eu sentia ainda
Roçar-me a sua mão quente, trêmula, viva,
A sua mão tão linda,

A sua mão tão branca, a sua mão macia,
Suave e cetinosa,
Com unhas côr de aurora e luz do meio-dia
Nas hastes côr-de-rosa.

Quando só me senti, levei à bôca ardente
A minha mão gelada,
E aí de sua mão beijei profundamente
A sombra perfumada...

(Atlante Esmagado)

In her book

Luis Delfino

Ela andou por aqui; andou. Primeiro,
Porque há traços de suas mãos; segundo,
Porque ninguém, como ela, tem no mundo
Êste esquisito, êste suave cheiro.

Livro, de beijos mil teu rosto inundo,
Porque dormiste sob o travesseiro
Em que ela dorme o seu dormir, ligeiro
Como um sono de estrêla em céu profundo.

Trouxeste dela o olor de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rôla
E êsse estranho mexer de etéreos ninhos...

Ruflos de asas, amoras dos silvedos,
Frescuras de água, sombras e arvoredos
Dando seca aos rosais pelos caminhos...

(Íntimas e Aspásias)

Ever... for ever

Luis Delfino

Sim! tudo em ti é para mim sagrado,
 Seja o que fôr: eu amo o teu presente,
 Eu amo loucamente o teu passado,
 E loucamente o teu futuro ausente.

Amo-te triste, amo-te contente,
 Apenas sou o teu leão domado,
 E até adoro a esplêndida corrente
 Em que ando à sombra dos teus pés atado.

Quando o teu riso, como de alta esfera,
 Caísse do teu lábio, que não zomba,
 Não como flor que solta a primavera,

Mas como um raio, que nas nuvens tomba,
 Se alguém irado te dissesse: — Fera...
 Eu te diria mansamente: — Pomba...

(Íntimas e Aspásias)

A minha madona

Joaquim Serra

Oh, tão formosa, custa crê-la humana.
Macedo.

Alva, mais alva do que o branco cisne
Que lá nas ondas se mergulha e lava;
Alva como um vestido de noivado,
 Mais alva, inda mais alva...

Loira, mais loira do que a nuvem linda
Que o sol à tarde no poente doira;
Loira como uma virgem ossianesca
 Mais loira, inda mais loira...

Bela, mais bela que o raiar da aurora
Após noite hibernal, negra procela;
Bela como uma cisma de poeta,
 Mais bela, inda mais bela...

Doce, mais doce que o gemer da brisa;
Como se dêsse mundo ela não fôsse;
Doce como es cantares dos arcanjos,
 Mais doce, inda mais doce...

Casta, mais casta que a mimosa fôlha,
Que se constringe, que da mão se afasta;
Casta como a madona imaculada,
Mais casta, inda mais casta.

(Poesias)

Moreninha

Casimiro de Abreu

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos os amôres,
Faceira, vendendo flôres
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas na aldeia,
Diz o povo à bôca cheia:
— “Mulher mais linda não há!
“Ai! vejam como é bonita
“Co’as tranças prêsas na fita.
“Co’as flôres no samburá!”

Tu és meiga, és inocente
Como a rôla que contente
Voa e folga no rosal;
Envôlta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas falas,
Morena — não tens rival!

Tu, ontem, vinhas do monte
 E paraste ao pé da fonte
 À fresca sombra do til;
 Regando as flôres, sòzinha,
 Nem tu sabes, Moreninha,
 O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
 Como o pássaro esfaimado
 Vai seguindo a juriti;
 Mas tão pura ias brincando,
 Pelas pedrinhas saltando,
 Que eu tive pena de ti!

E disse então — Moreninha,
 Se um dia tu fores minha,
 Que amor, que amor não terás!
 Eu dou-te noites de rosas,
 Cantando canções formosas,
 Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
 Tu és a rosa da aldeia,
 Mulher mais linda não há;
 Ninguém te iguala ou te imita
 Co'as tranças prêsas na fita,
 Co'as flôres no samburá!

Tu és a deusa da praça,
 E todo o homem que passa
 Apenas viu-te... parou!
 Segue depois seu caminho,
 Mas vai calado e sòzinho
 Porque sua alma ficou!

Tu és bela, Moreninha,
 Sentada em tua banquinha
 Cercada de todos nós;
 Rufando alegre o pandeiro,
 Como a ave no espinheiro
 Tu soltas também a vez:

— “Oh! quem me compra estas flôres?
 “São lindas como os amôres,
 “Tão belas não há assim!
 “Foram banhadas de orvalho,
 “São flôres do meu serralho,
 “Colhi-as no meu jardim.”

Morena, minha Morena,
 És bela, mas não tens pena
 De quem morre de paixão!
 — Tu vendes flôres singelas
 E guardas as flôres belas.
 As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
 Tu és das belas rainha,
 Mas nos amôres és má;
 — Como tu ficas bonita
 Co’as tranças prêsas na fita,
 Co’as flôres no samburá!

Eu disse então: — “Meus amôres,
 “Deixa mirar tuas flôres,
 “Deixa perfumes sentir!”
 Mas naquele doce enleio,
 Em vez das flôres, no seio,
 No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo acendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E decerto mais ligeira
Qualquer gazela não é:
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai meus amôres,
Eu quero comprar-te as flôres,
Mas dá-me um beijo também!
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não há.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças prêsas na fita,
Co'as flôres no samburá!

(Primaveras)

Canto de amor

Casimiro de Abreu

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como de um desgosto
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar.
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Mole vergando à viração do mar.

Era a mesma visão que eu dantes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E nesta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silêncio da noite a virgem vinha
Sôltas as tranças junto a mim dormir;
E era bela, meu Deus, assim sòzinha
No seu sono de infante inda a sorrir!...

I I

Vi-a e não vi-a! Foi num só segundo,
 Tal como a brisa ao perpassar na flor,
 Mas nesse instante resumi um mundo
 De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu de afago,
 E minha imagem nem sequer guardou,
 Qual se reflete sôbre a flor de um lago
 A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista espairecendo vaga,
 Quase indolente, não me viu, ai, não!
 Mas eu que sinto tão profunda a chaga
 Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto de anjo, qual estátua antiga
 No altar erguida, já caído o véu!
 Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
 Que níveo colo prometendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
 Em longos sonhos a sonhara assim;
 O ideal sublime, que eu criei na mente,
 Que em vão buscava e que encontrei por fim!

I I I

Pra ti, formosa, o meu sonhar de louco
 E o dom fatal, que desde o berço é meu;
 Mas se os cantos da lira achares pouco,
 Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
 Se preito queres — eu te caio aos pés,
 Se rires, — rio, se chorares — choro,
 E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus lábios um sorrir fagueiro,
 E dêsses olhos um volver, um só;
 E verás que meu estro, hoje rasteiro,
 Cantando amôres se erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
 Sôbre êste peito cuja voz calei:
 Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
 Tôda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
 Virgem, terás o que ninguém te dá;
 Em delírio de amor dou-te a minha alma,
 Na terra, a vida, e eternidade — lá!

I V

Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,
 Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
 Da fantasia nas douradas asas
 — Nós viveremos noutro mundo — além!

De belos sonhos nosso amor povôo,
 Vida bebendo nos olhares teus;
 E como a garça que levanta o vôo,
 Minha alma em hinos falará com Deus!

Juntas, unidas num estreito abraço,
 As nossas almas uma só serão;
 Criará poema de imortal paixão!
 E a fronte enfêrma sôbre o teu regaço

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
 E' grande e belo como é grande o mar,
 E doce e triste como da harpa um canto
 Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
 Sou como o lírio que já murcho cai!
 Ampara o lírio que inda é tempo hoje!
 Orvalha o lírio que morrendo vai!...

(Primaveras)

Amor e medo

Casimiro de Abreu

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
 Da luz de fogo que te cerca, ó bela,
 Contigo dizes, suspirando amôres:
 “— Meu Deus! que gêlo, que frieza aquela!”

Como te enganas! meu amor é chama
 Que se alimenta no voraz segrêdo,
 E se eu te fujo é que te adoro louco...
 És bela — eu môço; tens amor — eu mêdo!...

Tenho mêdo de mim, de ti, de tudo,
 Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
 Das fôlhas sêcas, do chorar das fontes,
 Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
 A luz da aurora me intumesce os seios
 E ao vento fresco do cair das tardes
 Eu me estremeço de cruéis receios.

E' que êsse vento que na várzea — ao longe,
 Do côlmo o fumo caprichoso ondeia,
 Soprando um dia tornaria incêndio
 A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
 Cedendo ao raio que a tormenta envia,
 Diz: — que seria da plantinha humilde
 Que à sombra dêle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
 Torrara a planta qual queimara o galho,
 E a pobre nunca reviver pudera
 Chovesse embora paternal orvalho!

I I

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sôbre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a bôca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza de anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sôbre o chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flôres da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Tôda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos pauis da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
 — Olhos pisados — como um vão lamento,
 Tu perguntaras: — que é da minha c'roa?...
 Eu te diria: — Desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gêlo!
 Bem vês: traí-me no fatal segrêdo.
 Se de ti fujo, é que te adoro e muito,
 És bela — eu môço; tens amor, eu — mêdo!...

(Primaveras)

Ontem à noite

Casimiro de Abreu

Ontem — sòzinhos — eu e tu, sentados,
 Nos contemplamos, quando a noite veio:
 Queixosa e mansa a viração dos prados
 Beijava o rosto e te afagava o seio,
 Que palpitava como — ao longe — o mar,
 E lá no céu êsses rubis pregados
 Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silêncio augusto,
 Tu me falavas sem mentido susto,
 E nunca a virgem, que a paixão revela,
 Passou-me em sonhos tão formosa assim!
 Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bela,
 Eu disse aos astros: — dai o céu a ela!
 Disse a teus olhos: — dai amor pra mim!

(Primaveras)

Noivado

Machado de Assis

Vês, querida, o horizonte ardendo em chama?
 Além dê ses outeiros
 Vai descambando o sol, e à terra envia
 Os raios derradeiros;
 A tarde, como noiva que enrubesce,
 Traz no rosto um véu mole e transparente;
 No fundo azul a estrêla do poente
 Já tímida aparece.

Como um bafo suavíssimo da noite,
 Vem sussurrando o vento,
 As árvores agita e imprime às fôlhas
 O beijo sonolento;
 A flor ajeita o cálix: cedo espera
 O orvalho, e entanto exala o doce aroma;
 Do leito do Oriente a noite assoma,
 Como uma sombra austera.

Vem tu agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flor querida;
Vem contemplar o céu, página santa
Que amor a ler convida;
Da tua solidão rompe as cadeias;
Desce do teu sombrio e mudo asilo;
Encontrarás aqui o amor tranqüilo...
Que esperas? que receias?

Olha o templo de Deus, pomposo e grande;
Lá do horizonte oposto
A lua, como lâmpada, já surge
A alumiar teu rosto;
Os círios vão arder no altar sagrado,
Estrelinhas do céu que um anjo acende:
Olha como de bálsamo rescende
A c'roa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças;
E voltarão contigo, entrelaçadas
Nas tuas longas tranças;
No entanto eu preparei teu leito à sombra
Do limoeiro em flor; colhi contente
Fôlhas com que alastrei o solo ardente
De verde e mole alfombra.
Pelas ondas do tempo arrebatados,
Até a morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida

Os esquecidos remos.

Firmes, entre o fragor da tempestade
Gozaremos o bem que amor encerra,
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.

(Poesias)

A Carolina

Machado de Assis

Querida! Ao pé do leito derradeiro
Em que descansas desta longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.

Pulsa-lhe aquêlê afeto verdadeiro
Que, a despeito de tôda a humana lida,
Fêz a nossa existência apeteçada
E num recanto pôs um mundo inteiro...

Trago-te flôres, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Versos à Corina

Machado de Assis

Guarda êstes versos que escrevi chorando,
 Como um alívio à minha soledade,
 Como um dever do meu amor; e quando
 Houver em ti um eco de saudade,
 Beija êstes versos que escrevi chorando.

Único em meio das paixões vulgares,
 Fui a teus pés queimar minh'alma ansiosa.
 Como se queima o óleo ante os altares;
 Tive a paixão indômita e ferosa,
 Única em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperança,
 Dei para ti os meus primeiros passos;
 Minha ilusão fêz-me, talvez, criança;
 E eu pretendi dormir aos seus abraços,
 Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado à sombra do mistério,
 Pude cantar meu hino doloroso;
 E o mundo ouviu o som doce e funéreo,
 Sem conhecer o coração ansioso
 Refugiado à sombra do mistério.

Mas eu que posso contra a sorte esquivar?
 Vejo que em teu olhares de princesa
 Transluz uma alma ardente e compassiva
 Capaz de reanimar minha incerteza;
 Mas eu que posso contra a sorte esquivar?

Como um réu indefeso e abandonado,
 Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
 E se a perseguição me tem cansado,
 Embora, escutarei o teu aresto,
 Como um réu indefeso e abandonado.

Embora fujas aos meus olhos tristes,
 Minh'alma irá saudosa, enamorada,
 Acercar-se de ti lá onde existes;
 Ouvirás minha lira apaixonada,
 Embora fujas aos meus olhos tristes.

Talvez um dia meu amor se extinga,
 Como fogo de Vesta mal cuidado
 Que sem o zêlo da Vestal não vinga,
 Na ausência e no silêncio condenado,
 Talvez um dia meu amor se extinga.

Então não busques reavivar a chama;
 Evoca apenas a lembrança casta
 Do fundo amor daquele que não ama;
 Esta consolação apenas basta;
 Então não busques reavivar a chama;

Guarda êstes versos que escrevi chorando,
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija êstes versos que escrevi chorando.

(Poesias)

Canção

Vitoriano Palhares

Adeus! Já nada tenho que dizer-te,
Minhas horas finais trêmulas correm.
Dá-me o último riso, para que eu possa
Morrer cantando, como as aves morrem.

Ai daquele que fêz do amor seu mundo
Nem deuses, nem demônios o socorrem.
Dá-me o último olhar, para que eu possa
Morrer sorrindo, como os anjos morrem.

Fôste a serpente, e eu, vil, ainda te adoro!
Que vertigens meu cérebro percorrem!
Mente a última vez, para que eu possa
Morrer sonhando, como os doidos morrem.

A flor do maracujá

Fagundes Varela

Pelas rosas, pelos lírios,
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá,
Pelo cálice de angústias
Da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manacá,
Pelas gotas do sereno
Nas fôlhas do gravatá,
Pela coroa de espinhos
Da flor do maracujá!

Pelas tranças da mãe-d'água
Que junto da fonte está,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos cravos desenhados
Na flor de maracujá.

Pelas azuis borboletas
 Que descem do Panamá,
 Pelos tesouros ocultos
 Nas minas do Sincorá,
 Pelas chagas roxeadas
 Da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,
 Pelas montanhas, sinhá!
 Pelas florestas imensas
 Que falam de Jeová!
 Pela lança ensangüentada
 Da flor do maracujá!

Por tudo o que o céu revela,
 Por tudo o que a terra dá
 Eu te juro que minh'alma
 De tua alma escrava está!...
 Guarda contigo êste emblema
 Da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos
 De tantas rimas em — a,
 Mas ouve meus juramentos,
 Meus cantos ouve, Sinhá!
 Te peço pelos mistérios
 Da flor do maracujá!

(Poesias Completas)

Estâncias

Fagundes Varela

Quando à tardinha rumorejam brisas
 Roubando o aroma das agrestes flôres,
 E doce e grave, nas viçosas matas,
 Mais triste canto o sabiá desata,
 Eu lembro-me de ti!

*
* *

Eu lembro-me de ti, porque tua alma
 E' o sol da minh'alma e de meu gênio.
 E neste exílio que infernal me cerca,
 Mísera planta, desfaleço e morro
 Ao frio toque de hibernal geada!

*
* *

Quando das franjas do Ocidente róseo
 Um raio ainda me clareia o cárcere,
 E um tom suave de tristeza e luzes
 Mistura o dia à palidez da noite,
 Eu lembro-me de ti!

*

* *

Eu lembro-me de ti, porque teu seio
 Guarda um tesouro de piedade santa,
 E nesse instante o que o pesar duplica
 Faltam-me as vozes de teus lábios meigos
 E o doce orvalho de amorosos olhos!

*

* *

Quando nas bordas de meu leito escuro
 Fatais espectros de pavor se cruzam,
 E exausto, e lívido, eu procuro embalde
 O grato sono que meus olhos deixa,
 Eu lembro-me de ti!

*

* *

Eu lembro-me de ti, porque saudosa
 Sonho-te a imagem soluçando ao longe,
 E a fronte curva, e umedecidas pálpebras,
 Meu nome dizes ao tufão que passa,
 À brisa doida que te morde as tranças!

*

* *

Quando meu corpo se debate em febre,
É a lava ardente nas artérias corre...

Quando cruenta, de funéreos risos,
Pressinto a morte levantar-se perto,
Eu lembro-me de ti!

*

* *

Eu lembro-me de ti, que és minha vida,
Último alívio neste mundo insano,
Anjo da guarda que à minha'alma aflita
Pudera as trevas espancar co'as asas,
Levar-lhe as manchas num Jordão de lágrimas!

*

* *

Ai! tudo os homens entre nós quebraram:
A paz, o riso, as esperanças áureas;
Mas de teu peito arrancar não podem,
Nem a minh'alma desprender da tua!...
Eu lembro-me de ti!

(Poesias Completas)

Ao sôpro do vento brando,
 Rola o selvagem cantando
 Na correnteza do rio;

Assim passava eu no mundo,
 Nesse descuido profundo
 Que etérea dita produz!
 Tu eras, Iná, minh'alma,
 De meu estro a glória e a palma,
 De meus caminhos a luz!

Que é feito agora de tudo
 De tanta ilusão querida?
 A selva não tem mais vida,
 O lar é deserto e mudo!

Onde fôste, oh! pomba errante?
 Bela estrêla cintilante
 Que apontavas o porvir?
 Dormes acaso no fundo
 Do abismo tredo e profundo,
 Minha pérola de Ofir?

Ah! Iná! por tôda parte
 Que teu espírito esteja,
 Minh'alma que te deseja
 Não cessará de buscar-te!

Irei às nuvens serenas,
 Vestindo as ligeiras penas
 Do mais ligeiro condor;
 Irei ao pêgo espumante,
 Como da Ásia o possante,
 Soberbo mergulhador!

*Juvenília**Fagundes Varela*

Era à tardinha. Cismando,
Por uma senda arenosa
Eu caminhava. Tão brando,
Como a voz melodiosa
Da menina enamorada,
Sôbre a grama aveludada
Corria o vento a chorar.
Gemia a pomba... no ar
Passava grato e sentido
O aroma das maravilhas
Que cresciam junto às trilhas
Do deserto umedecido.

Mais bela que ao meio-dia,
Mais carinhosa batia
A luz nos canaviais;
E o manso mover das matas,
O barulho das cascatas
Tinham notas divinais.
Tudo era tão calmo e lindo,
Tão fresco e plácido ali,
Que minh'alma se expandindo
Voou, foi junto de ti,
Nas asas do pensamento,
Como nas noites de estio,

Gozar do contentamento
 Que noutro tempo fruí.
 Oh! como através dos mantos
 Das saudades e dos prantos
 Tão meigamente sorrias!
 Tinhas o olhar tão profundo
 Que da minh'alma no fundo
 Fizeste brotar um mundo
 De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas
 Brancas, virgens, odorosas,
 Te cingia a fronte triste...
 Cismava quêda, silente.
 Mas, ao chegar-me, trememente
 Te ergueste, e alegre, contente,
 Sôbre meus braços caíste.
 Pouco a pouco, entre os palmares
 Da longínqua serrania,
 Sumia-se a luz do dia
 Que aclarava êstes lugares;
 As campânulas pendidas
 Sôbre as fontes adormecidas
 De sereno gotejavam,
 E no fundo azul dos céus,
 Dos vapôres entre os véus,
 As estrêlas despontavam.

Éramos sós, mais ninguém
 Nossas palavras ouvia;
 Como tremias, meu bem!
 Como teu peito batia!...

Pelas janelas abertas
Entravam moles, incertas,
Daquelas plagas desertas
As virações suspirosas,
E cheias de mil desvelos,
Cheias de amor e de anelos,
Lançavam por teus cabelos
O eflúvio das tuberosas!...
Ai! tu não sabes que dores,
Que tremendos dissabores
Longe de ti eu padeço!
Em teu retiro sòzinha,
Pobre criança mesquinha,
Cuidas talvez que te esqueço!
A turba dos insensatos
Entre fúteis aparatos
Canta e folga pelas ruas;
Mas triste, sem um amigo,
Em meu solitário abrigo
Pranteio saudades tuas!
Nem um minuto se passa,
Nem um inseto esvoa
Nem uma brisa perpassa
Sem uma lembrança aqui;
O céu, de aurora risonho,
A luz de um astro tristonho,
Os sonhos que à noite sonho,
Tudo me fala de ti.

(Poesias Completas)

A confessada

Gonçalves Crêspo

Era tão linda assim, ajoelhada,
 As mãos unidas com suave gesto,
 Os olhos baixos, e um sorrir modesto
 De seus lábios na curva imaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
 Ela curvara a fronte delicada,
 E dizia-lhe baixo e sossegada
 De sua vida o deslizar honesto.

Mas súbito uma nuvem côr-de-rosa
 Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!
 E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,
 Esta palavra — amor — em letras de ouro
 Traçadas no carmim de sua face.

Canção

Gonçalves Crêspo

I

Mostraram-me um dia na roça dançando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Com um lenço de côres nos seios cruzado,
Nos lobos da orelha pingentes de prata.

Que viva mulata!

Por ela o feitor

Diziam que andava perdido de amor.

II

De em tôrno dez léguas da vasta fazenda
Ao vê-la corriam gentis amadores,
E aos ditos galantes de finos amôres,
Abrindo seus lábios de viva escarlata,

Sorria a multa,

Por quem o feitor

Nutria quimeras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noite de lua
Cantava modinhas, lunduns magoados,

Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lho com voz timorata...
 Amaste-o, mulata!
 E o triste feitor
Chorava na sombra, perdido de amor.

I V

Um dia encontraram na escura senzala
O catre da bela mucama vazio:
Embalde recortam pirogas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da mata.
 Fugira a mulata,
 Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

Hora de amor

Luis Guimarães Júnior

Reunimo-nos todos no terraço:
A fria lua sôbre nós pairava;
Rescendendo a baunilha, suspirava
A aragem, quente ainda do mormaço.

E ela pousou o alabastrino braço
Nu sôbre o mármore. Seu olhar brilhava
Como a opala ao luar, — e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orquestra, invisível e saudosa,
Cuja harmonia os ecos repetiam,
Lançava à noite os ais de Cimarosa:

E quando os mais a música aplaudiam,
Eu, ó madona minha silenciosa,
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

Guitarra

Luis Guimarães Júnior

Cantei, oh bela, os dotes teus: a lira
Fiel e meiga a voz me acompanhava,
E a lua, erguendo o manto de safira,
Parecia escutar o que eu cantava.

Cantei-te o seio lânguido e alvejante
— Pomba aninhada em flocos de cambraia —
E pareceu-me ouvir naquele instante
Zelosa a vaga estremecer na praia.

Cantei depois a juvenil fragrância
Dos nossos velhos e gentis folguedos
Na mais sonora e feiticeira estância;

Cantei o nosso amor e os seus segredos;
Mas quando ia cantar tua constância...
Quebrou-se a lira e me caiu dos dedos.

O coração

Luis Guimarães Júnior

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outrora independente,
Hoje humilde, cativo e satisfeito;

Quando eu cair, enfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lùgubrememente
Do repouso final, — tranqüilo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fores comovida
— Branca visão que entre os sepulcros erra,
Visitar minha fúnebre guarida,

O coração, que tôda em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

O adeus de Teresa

Castro Alves

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
— Adeus! — eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: — Adeus!

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando u'a mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
— Adeus! — lhe disse conservando-a prêsa...

E ela entre beijos murmurou-me: — Adeus!

Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos de Empírio...
Mas um dia volvi aos lares meus
Partindo eu disse: — Voltarei!... descansa!...
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: — Adeus!

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou, branca... surpêsa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: — Adeus!

(Espumas Flutuantes)

Boa noite

Castro Alves

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète.
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(Shakespeare)

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora,
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes — Boa noite.
Mas não mo digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julietta do céu! Ouve... a calhandra
 Já rumoreja o canto da matina.
 Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira.
 Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrêla-d'alva os derradeiros raios
 Derrama nos jardins do *Capuleto*,
 Eu direi, me esquecendo da alvorada:
 E' noite ainda em teu cabelo prêto...

E' noite ainda! Brilha na cambraia
 — Desmanchando o roupão, a espádua nua —
 O globo de teu peito entre os arminhos,
 Como entre névoas se balouça a lua...

E' noite, pois — Durmamos, Julietta!
 Rescende a alcova ao trescalar das flôres.
 Fechemos sôbre nós estas cortinas...
 — São as asas do arcanjo dos amôres.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
 Lambe voluptuosa os teus contornos...
 Oh! deixa-me aquecer teus pés divinos
 Ao doido afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor. Quando aos meus beijos
 Trema tua alma como a lira ao vento,
 Das teclas de teu seio que harmonias,
 Que escalas de suspiros bebo atento!

Ai! canta a cavatina do delírio,
 Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
 Marion! Marion!... E' noite ainda.
 Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sôbre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
— Boa noite! formosa Consuelo!...

(Espumas Flutuantes)

Hebréia

Castro Alves

Flos campi et lilium convalium.
(Cântico dos Cânticos)

Pomba de esp'rança sôbre um mar de escolhos!
Lírio do vale oriental, brilhante!
Estrêla vésper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora hebréia...
Pálida rosa da infeliz Judéia
Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Por que descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sôbre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira do Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
 A terra santa do Oriente imenso?
 E as caravanas no deserto extenso?
 E os pagueiros da palmeira à sombra!?...

Sim, fôra belo na relvosa alfombra,
 Junto da fonte, onde Raquel gemera,
 Viver contigo qual Jacob vivera
 Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas águas de cheiroso banho
 — Como Susana a estremecer de frio —
 Fitar-te, ó flor do babilônio rio,
 Fitar-te a mêdo no salgueiro oculto...

Vem pois!... Contigo no deserto inculto
 Fugindo às iras de Saul embora,
 David eu fôra, — se Michol tu foras,
 Vibrando na harpa do profeta o canto...

Não vês?... Do seio me goteja o pranto
 Qual da torrente do Cedron deserto!...
 Como lutara o patriarca incerto
 Lutei, meu anjo, mas caí vencido.

Eu sou o Lótus para o chão pendido,
 Vem ser o orvalho oriental, brilhante!
 Ai! guia o passo ao viajor perdido,
 Estrêla vésper do pastor errante!...

(Espumas Flutuantes)

Adormecida

Castro Alves

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière.
La croix de son collier repose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. de Musset

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rêde encostada molemente...
Quase aberto o roupão... sôlto o cabelo
E o pé descalço do tapête rente.

Estava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmula beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a môça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as fôlhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
O' flor! — tu és a virgem das campinas!
“Virgem! tu és a flor de minha vida!...”

(*Espumas Flutuantes*)

Amemos!

Castro Alves

DAMA NEGRA

A cette terre, où l'on ploie
Sa tente au déclin du jour,
Ne demande pas la joie,
Contente-toi de l'amour!
Dans ce monde de mensonges,
Moi, j'aimerai mes douleurs,
Si mes rêves sont tes songes
Si mes larmes sont tes pleurs.

V. HUGO.

Por que tardas, meu anjo? oh! vem comigo
Serei teu, serás minha... E' um doce abrigo.

A tenda dos amôres!

Longe, a tormenta agita as penedias...

Aqui, ao som de errantes harmonias,

Se adormece entre flôres.

Quando a chuva atravessa o peregrino,

Quando a rajada a galopar sem tino

Açoita-lhe na face,

E à meia-noite, em cima dos rochedos,

Rasga-se o coração, ferem-se os dedos,

E a dor cresce e renasce...

A porta dos amôres entreaberta

E' a cabana erguida em plaga incerta,

Que ampara do tufão...

O lábio apaixonado é um lar em chamas,
E os cabelos, rolando em espadanas,
São mantos de paixão.

A. Gonçalves Dias - Se se morre... p. 20

Oh! amar é viver .. Dêste amor santo
— Taça de risos, e beijos de prantos
Longos sorvos beber...

No mesmo leito adormecer cantando...
Num longo beijo despertar sonhando...
Num abraço morrer.

Oh! amar é ser Deus!... Olhar ufano
O céu azul, os astros, o oceano
E dizer-lhes: sois meus!

Fazer que o mundo se transforme em lira,
Dizer ao tempo: não... tu és mentira,
Espera que eu sou Deus!

Amemos! pois. Se sofres terei prantos,
Que hão de rolar por terra tantos, tantos,
Como chora um irmão.

Hei de enxugar teus olhos com meus beijos,
Escutarás os doces rumorejos
D'ave do coração.

Depois... hei de encostar-te no meu peito,
Velar por ti — dormida sôbre o leito,
Bem como a luz no altar.

Te embalarei com uma canção sentida,
Que minha mãe cantava enternecida
Quando ia me embalar.

Amemos, pois! Pra ti eu tenho na alma
Beijos, prantos, sorrisos, cantos, palmas...

Um abismo de amor...

Sorrisos de uma irmã, prantos maternos,
Beijo de amante, cânticos eternos.

E as palmas do cantor.

Ah! fôra belo unidos em segrêdo,
Juntos, bem juntos... trêmulos de mêdo,
De quem entra no céu;
Desmanchar teus cabelos delirante,
Beijar teu colo... Oh! vamos, minha amante,
Abre-me o seio teu.

Eu quero teu olhar, de áureos fulgores,
Ver desmaiar na febre dos amôres,
Fitos... fitos em mim.

Eu quero ver teu peito intumescido,
Ao sôpro da volúpia arfar erguido...
O oceano de cetim...

Não tardes tanto assim... Esquece tudo...
Amemos, porque amar é um santo escudo,
Amar é não sofrer.

Eu não posso ser de outra... Tu és minha,
Almas que Deus uniu na balsa edênea
Hão de unidas viver.

Meu Deus!... Só eu comp'rendo as harmonias,
De tua alma sublime... as melodias

Que tens no coração.

Vem! Serei teu poeta, teu amante...

Vamos sonhar no-leito delirante

Num templo da paixão.

(Hinos do Equador)

Pelo rio

Lúcio Mendonça

Éramos dois na canoa,
Sòmente os dois. Eu remava,
Ela a cabeça apoiava

Ao ombro meu,

Roçando pelas barrancas
Iam névoas menos brancas,
Que o colo seu.

Bela manhã que essa estava,
Gorjeada, luminosa!
Quando a luz o mundo goza,
Que belo é amar!

Ali, a onda azulada;
Perto a terra embalsamada,
Tranqüilo o ar.

Claro verão confortado,
Alegre estação bendita!...
Como a terra está bonita!...
 Que luz de amor!
Meu Deus! que ventura imensa
Cai do céu em recompensa
 Da humana dor!

“Pálida môça formosa,
O céu é estar a teu lado!
Dá-me êsse beijo rogado,
 Agora, enfim!
E assim corra tua vida
Como esta água adormecida,
 Assim... assim...”

Disse-lhe eu, e no ombro
Senti trêmula a cabeça
Da bela criança. A travêssa
 Corou. Depois...
O lenho vogava à toa...
E éramos dois na canoa,
 Sòmente os dois!

A estátua

Teófilo Dias

Fôsse-me dado, em mármore de Carrara,
Num arranco de gênio e de ardimento,
Às linhas do teu corpo o movimento
Suprimindo, fixar-te a forma rara,

Cheio de fôrça, vida e sentimento,
Surgira-me o ideal da pedra clara,
E em fundo, eterno arroubo, se prostrara
Ante a estátua imortal, meu pensamento.

Do albor de brandas formas eu vestira
Teus contornos gentis; eu te cobrira
Com marmóreo sendal os moles flancos,

E a sôfrega avidez dos meus desejos
Em mudo turbilhão de imóveis beijos
As curvas te enrolara em flocos brancos.

(Fanfarras)

Os seios

Teófilo Dias

Como serpente arquejante
Se enrosca em férvida areia,
Meu ávido olhar se enleia
No teu colo deslumbrante.

Quando o descobres, no ar
Môrno calor se dissolve
Do aroma em que êle se envolve
Como em neblina o luar.

Se ao corpo te enrosca os braços,
A terra e os céus estremecem,
E os mundos febris parecem
Derreter-se nos espaços!

E tu nem sequer presumes
Que então, querida, até creio
Sorver, desfeito em perfumes,
Todo o sangue do teu seio.

Depois que aspiro, ansiado,
Do teu níveo colo o incenso,
Minh'alma semelha um lenço
De viva essência molhado.

Deixa que a louca se deite
Nesse torpor que extasia,
E que o vinho do deleite
Me espume na fantasia;

Pois não ná ópio ou haxis
Que me abrilhante as idéias
Como as fragrâncias sutis
Que fervem nas tuas veias!

(Fanfarras)

O leito

Teófilo Dias

Mares, de espúmeo albor de rendas revestidos!
Vagas, cheias de aroma e de torpor fecundas!
Para a febre lenir que esvaíra-me os sentidos,
Quero nestes lençóis mergulhá-los, vencidos,
Num mar de sensações letárgicas, profundas!

Aqui, de regiões opostas, climas vários
Vieram se encontrar, por diversos caminhos,
Para depor, fiéis, submissos tributários.
Os prodígios do gôsto, árduos, imaginários,
Em perfume, em cetins, em sêdas, em arminhos.

Despenhada do teto em turbilhão se entorna,
Muda, imóvel cascata, a cortina nitente,

Derramando no ar uma preguiça morna,
Que os músculos distende e os nervos amadorna
Em íntima volúpia, estranha, inconsciente.

Repassa, embebe a alcova, em tôda a plenitude,
A emanção sutil, que enleva, que extasia,
De um corpo virginal e cheio de saúde,
Grato eflúvio do sangue, em plena juventude,
Que do olfato a avidez satura, e não sacia.

Perfumados lençóis! vós sois as brancas tendas,
Onde, árabes do amor, meus vagos pensamentos
Nas solidões da noite ouvem estranhas lendas,
Enquanto sob um céu enublado de rendas
Enerva-me o luar de uns olhos sonolentos!

(Fanfarras)

A matilha

Teófilo Dias

Pendente a língua rubra, os sentidos atentos,
Inquieta, rastejando os vestígios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Alucinadamente, a prêsa malferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, cálido e penetrante,

Que na rápida fuga a vítima arquejante
 Vai deixando no ar, pérfido e traiçoeiro;
 Todos, num turbilhão fantástico, ligeiro,
 Ora em vórtice, aqui se agrupam, rodam, giram.
 E, cheios de furor frenético, respiram;
 Ora cegos de raiva, afastados, dispersos,
 Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
 Transpõem num momento os vales e as colinas,
 Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
 Recruzam-se febris em direções opostas,
 Té que da prêsa, enfim, nos músculos cansados
 Cravam, com avidez, os dentes afiados...

Não de outro modo, — assim, meus sôfregos desejos,
 Em matilha voraz de alucinados beijos,
 Percorrem-te o primor das langorosas linhas,
 As curvas juvenis, onde a volúpia aninhas,
 Frescas ondulações de formas florescentes
 Que o teu contôrno imprime às roupas eloqüentes;
 O dorso aveludado, elétrico, felino,
 Que poreja um vapor aromático e fino;
 O cabelo revôlto em anéis perfumados,
 Em fofos turbilhões, elásticos, pesados;
 As fibras sutis dos lindos braços brancos,
 Feitos para apertar em nervosos arrancos;
 A exata correção das azuladas veias
 Que palpitam, de fogo intumescidas, cheias...
 — Tudo matilha audaz perlustra, corre, aspira,
 Sonda, esquadrinha, explora e anelante respira,
 Até que, finalmente, embriagada e louca,
 Vai encontrar a prêsa — o gôzo — em tua bôca.

(Fanfarras)

Vem!

Artur Azevedo

Escrúpulos?... Escrúpulos!... Tolice!...
Corre aos meus braços! Vem! Não tenhas pejo!
Traz teu beijo ao encontro do meu beijo,
E deixa-os lá dizer que isto é doidice!

Não esperes o gêlo da velhice,
Não sufoques o lúbrico desejo
Que nos teus olhos úmidos eu vejo!
Foges de mim?... Farias mal?... Quem disse?

Ora o dever! — o coração não deve!
O amor, se é verdadeiro, não ultraja
Nem mancha a fama embora alva de neve.

Vem!... que o teu sangue férvido reaja!
Amemo-nos, amor que a vida é breve,
E outra vida melhor talvez não haja!

A mão

Alberto de Oliveira

Se a mão falasse, a minha mão diria:
— “Pude apertar a sua mão tão leve!
Ah! que perfume o que essa flor trazia
Em suas cinco pétalas de neve!”

E se escrevesse a mão, como isto escreve,
Mas por si, sem lhe ser preciso guia,
Vontade, impulso, inspiração que a leve,
Talvez a minha mão escreveria:

— “Versos, ide-me assim, sem lei nem arte,
Pois não por vós, mas por mais pura e linda
Forma fugaz eu me debato em vão!”

Nem sei pegar-te, pena, e às musas dar-te,
Que ébrio me arrasto, respirando ainda
O aroma virginal de sua mão!”

(Poesias — 2.^a Série)

Versos do coração

Alberto de Oliveira

Sabes dos versos meus quais os versos melhores?
São os que noutro dia eu fiz, pensando em ti;
Amassados em fel, misturados com flôres,
Trago-os no coração e nunca os escrevi.

Sinto-os ora em canções, ora em soberbas odes,
Como nunca os sonhou musa pagã, cantar;
Quando comigo estás, tu surprender-me podes
Nos olhos, como um Sol, a estrofe lampejar.

Do peito que a gerou, como de incandescente
Ninho, ela sai; e ali, de meu pranto através,
Transformada ao passar numa lágrima ardente,
Vai cair silenciosa e extática aos teus pés.

Suas irmãs, no entanto, ou lânguidas ou vivas,
Ficam lá dentro e em côro alternam queixas e ais;
Prisioneiras de amor, pobres mouras cativas!
Ninguém o elo que as prende há de quebrar jamais!

Ninguém as há de ouvir! abafadas nasceram
Em sua própria dor, dentro do coração,
Abafadas, assim como os sonhos morreram
E a esperança morreu, lá dentro morrerão.

Se me sorris, não sei que fôrças lhes emprestas,
Que almo alento e vigor, meu lírio virginal!
Fremente, retine a rima, e todo fogo e festas
Vibra cada hemistíquio um cântico nupcial.

Se me falas, porém, com a altivez costumada,
Ah! que música triste e que infeliz sou eu!
Tudo o que há pouco ouvia em festiva toada,
Se foi a lento e lento e desapareceu.

E pelo coração rola um vasto lamento
Elegíaco e rouco, assim como um tambor,
Rufando em cada verso a ária do desalento
Do meu profundo amor, meu desgraçado amor.

(Poesias Escolhidas)

Horas de ouro

Alberto de Oliveira

.....

Pensava em ti. Ante meus olhos ávidos
Tua imagem sorria.
Beijava-a estuante e aflito (eras tão pálida!)
Nela me embevecia;
Pois que és tu no areal dos dias áridos

De minha vida a flor,
A sombra em que descanso, o oásis mágico,
O meu único amor.
Pensava em ti. Mas a razão de súbito:
— “Em que pêgo te abismas?”
Perguntou-me severa, e com voz lúgubre:
— “Que outros enganos cismas?
Dos sonhos teus nem resta a poeira lúcida!
E, ó poeta, por teu mal,
Inda te embala em místicos murmúrios
Desvairado ideal!”

Que importava a razão? Sofri-a impávido,
E surdo ao que falava,
Pensava em ti, do todo teu seráfico
A minha mente escrava.
E a amigo sono os olhos cerro extático,
E logo adormeci,
E inda em sonhos te via a imagem cândida,
Inda pensava em ti.

(Poesias — 2.^a Série)

Gesto

Bernardino Lopes

Num dos teus gestos, florido e mavioso,
A ti me prendo, amada criatura:
E' quando a tua egrégia mão procura
O cabelo domar, corrido e umbroso.

Onda rebelde! Catadupa escura,
Que se despenha pelo busto airoso!
De treva e aroma — rio caudaloso
Rodando em álveo de eteral frescura...

Que poema ardente nesse gesto eu leio!
Braços erguidos, sacudindo o colo,
Empinando e tremendo o agudo seio...

Quando consertas os cabelos pretos,
Abre-se em lírios e harpas todo o solo,
Tôda a minha alma em rosas e sonetos!

Five o' clock

Bernardino Lopes

Sós, na penumbra, a um canto do terraço,
E entre os dois, com elegância e fino gosto,
O chá das cinco sôbre a mesa pôsto,
A que eu palreiramente as honras faço.

Deita o níveo bordado no regaço
E fita-me a condêssa, erguendo o rosto...
Há rosas e ouro pelo céu de agôsto,
Há fragrâncias e música no espaço.

Do excelso néctar que fumega e cheira
Serve-me, alvorçada, tilintando
Os pingentes de prata da pulseira;

Toco-lhe a mão de angélica, indeciso,
E ela enrubesce, a chávena me dando,
Temperada de um beijo e de um sorriso!

Beatriz

Adelino Fontoura

Beatriz! Beatriz! sombra querida,
Branca visão que em tôda parte vejo,
És a ventura única que almejo,
Que outra igual não me fôra concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo bem com que sonho e que antevejo,
Tudo o que aspiro e tudo o que desejo,
A ti te devo, ó alma comovida!

Do meu amor não saibas, todavia,
Pois que igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Sucumbirei à dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

Noite de estio

Augusto de Lima

Vem, dá-me tua mão. Vamos sòzinhos
Amar-nos nesta noite a céu aberto...
O estio brilha nas estrêlas, perto
De nós cantam de amor os passarinhos.

Devem ter mais doçura os teus carinhos
Neste sítio de humano lar deserto.
Não ouves um cicio? São, decerto,
Os amôres das plantas e dos ninhos.

E, ao abraçar-te, louco de ventura,
Envolvendo-te, amada criatura,
Com meus beijos ardentes e fecundos,

A tiorba do amor canta no espaço,
O éter germina, e dentro em seu regaço,
Num beijo sideral unem-se os mundos.

*Almas paralelas**Augusto de Lima*

Alma irmã de minha alma, espelho vivo
de outro espelho fiel que te retrata,
alma de luz serena e intemerata,
cujo influxo de amor me tem cativo!

Bem sinto que em mim vives e em ti vivo;
e no entanto (e eis o desgosto que me mata!)
do amor a doce vaga me arrebatada,
e não posso atingir teu vulto esquivo.

O mesmo curso têm nossos destinos:
do gozo o mel, da dor os desatinos
a um nada inspiram, sem que ao outro inspirem.

Mas, triste sorte! ó bela entre as mais belas!
elas são como duas paralelas;
— Próximas correm, sem jamais se unirem!...

(Poesias)

Beijos do céu

Raimundo Correia

Sonhei-te assim, ó minha amante, um dia.
— Vi-te no céu; e, enamoradamente,
De beijos, a falange resplendente
Dos serafins teu corpo inteiro ungia...

Santos e anjos beijavam-te... Eu bem via,
Bejavam todos o teu lábio ardente;
E, beijando-te, o próprio Onipotente,
O próprio Deus nos braços te cingia!

Nisto, o ciúme — fera que eu não domo —
Despertou-me do sonho, repentino
Vi-te a dormir tão plácida a meu lado...

E beijei-te também, beijei-te... e, ai! como
Achei doce o teu lábio purpurino,
Tantas vêzes assim no céu beijado!

Peregrina

Raimundo Correia

Zagais do monte que um lindo
Rebanho estais a guardar,
— Essa em pós da qual vou indo,
Acaso a vistes passar?

Fonte entre seixos filtrada,
— Não veio ela aqui beber?
Florinha que orlais a estrada,
— Não vos veio ela colhêr?

E vós, peregrino bando
De andorinhas a emigrar,
— Essa em cujo encalço eu ando,
Não na vistes vós passar?

Sem responderem, lá se iam
As andorinhas pelo ar;
E as florinhas não sabiam
Resposta nenhuma dar.

E a água corrente da fonte
Corria sem responder;
E os pobres zagais do monte
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia
Uma pedra tumular:
Esta, ai! sim, responderia;
Caso pudesse falar.

Lágrimas românticas

Raimundo Correia

Na espêssa e plúmbea côr do céu de agôsto
Do dia os raios últimos morriam,
E o cêrro e a várzea, ao longe, do Sol pôsto
No vapor doce e pálido esbatiam...

Eu despedi-me trêmulo; o desgôsto
Cerrou-te o coração; se umedeciam
Teus olhos belos, por teu belo rosto
Como punhos, as lágrimas caíam...

Parti convulso, delirante e incerto...
O descampado extenso abriu-me o seio,
Sem verde arbusto, sem humano rasto...

E eu partia a estender sôbre um deserto
Outro deserto: o da alma, inda mais feio,
Inda mais horroroso, inda mais vasto...

(Sinfonias)

*Après le combat**Raimundo Correia*

Entrei e achei-a só, sôbre um estrada,
Com a frente oposta ao reposteiro erguido,
Lúbrico, o vento — sático e estouvado —
Agitava-lhe o trêmulo vestido...

Ela para saudar-me, com enfado,
O alvo braço estendeu desfalecido,
E levantou pra mim o olhar rasgado
De uns violáceos círculos tingido.

Mórbido o gesto, o lábio sêco e langue,
Do semblante o livor, como viscoso
Rastro de inseto vil em flor exangue...

Tudo era o vosso efeito perigoso,
O' explosões da pólvora do sangue!
Deliciosa síncope do gôzo!

(Sinfonias)

Vendo-a passar

Luis Murat

Todo êste espaço freme quando voltas,
 Rosada e matinal, dos teus passeios;
 Perfumam o ar as tuas tranças sôltas,
 E espiam-te, sorrindo, os ninhos cheios.

Tua pele é tão branca, que parece
 Luz de luar derramada pelos vales...
 Andas como o murmúrio de uma prece,
 E o aroma de uma flor dentro de um cálix.

A borboleta, tímida recua,
 E diz-te qualquer frase, quando passa,
 E, entre invejosa e extática, flutua
 Diante de tanta luz e tanta graça!

Um melíssonno alvéolo goteja
 Da tua rubra e pequenina bôca.
 Quando minha alma, de mansinho, a beija,
 Quase desmaia, quase fica louca!

Rosas, jasmins, camélias e narcisos,
 Curvam-se para te beijar as plantas,
 E confundem, decerto, os teus sorrisos
 Com os das deusas ou com os das santas.

Todos julgam que a sombra que projetas,
 Tem mais luz, do que a estrêla vespertina,
 E que gorjeiam todos os poetas
 Quando gorjeia a tua voz divina.

Querem subordinar-te aos meus caprichos,
 Atirar-te o batel contra os escolhos,
 E que eu manche, sacrílego, em seus nichos,
 As madonas cruéis dos teus dois olhos.

Harpas eólias vibram-te nas vestes,
 E seguem a corrente de meu pranto,
 São roseiras em flor entre ciprestes,
 E jogos infantis num Campo-Santo.

(*Poesias Escolhidas*)

Corpo

Cruz e Souza

Pompa e pompas, pompas soberanas,
 Majestade serena da escultura,
 A chama da suprema formosura,
 A opulência das púrpuras romanas.

As formas imortais, claras e ufanas,
 Da graça grega, da beleza pura,

Resplendem na arcangélica brancura
Dêsse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias
Os mistérios do Amor, melancolias,
Todo o perfume de eras apagadas...

E as águas da paixão, brancas, radiantes,
Voam, revoam, de asas palpitantes,
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

(*Poesias Escolhidas*)

Enclausurada

Cruz e Souza

O' Monja dos estranhos sacrifícios,
Meu amor imortal, Ave de garras
E asas gloriosas, triunfais, bizarras,
Alquebradas ao pêso dos cilícios.

Reclusa flor que os mais revéis flagícios
Abalaram com as trágicas fanfarras,
Quando em formas exóticas de jarras
Teu corpo tinha a embriaguez dos vícios.

Para onde foste, ó graça das mulheres,
Graça viçosa dos vergéis de Ceres,
Sem que o meu pensamento te persiga?!

Por onde eternamente enclausuraste
Aquele ideal delicadeza de haste,
De esbelta e fina ateniense antiga?!

(Poesias Completas)

Madona da Tristeza

Cruz e Souza

Quando te escuto e te olho reverente
E sinto a tua graça triste e bela
De ave medrosa, tímida, singela,
Fico a cismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente
Tôda a delicadeza ideal revela
E de sonhos e lágrimas estela
O meu ser comovido e penitente.

Com que mágoa te adoro e te contemplo,
O' da Piedade soberano exemplo,
Flor divina e secreta de Beleza!

Os meus soluços enchem os espaços,
Quando te aperto nos estreitos braços,
Solitária madona da Tristeza!

(Poesias Completas)

A alvorada do amor

Olavo Bilac

Um horror grande e mudo, um silêncio profundo
 No dia do Pecado amortalhava o mundo.
 E Adão, vendo fechar-se a porta do Éden, vendo
 Que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo,
 Disse:

“Chega-te a mim! entra no meu amor,
 E à minha carne entrega a tua carne em flor!
 Preme contra o meu peito o teu seio agitado,
 E aprende a amar o Amor, renovando o pecado!
 Abenço o teu crime, acolho o teu desgosto,
 Bebo-te, de uma em uma, as lágrimas do rosto!

Vê! tudo vos repele! a tôda a criação
 Sacode o mesmo horror e a mesma indignação...
 A cólera de Deus torce as árvores, cresta
 Como um tufão de fogo o seio da floresta,
 Abre a terra em vulcões, encrespa a água dos rios;
 As estrêlas estão cheias de calafrios;
 Ruge soturno o mar turva-se hediondo o céu...

Vamos! que importa Deus? Desata, como um véu,
 Sôbre a tua nudez a cabeleira! Vamos!
 Arda em chamas o chão; rasguem-te a pele os ramos;
 Morda-te o corpo o Sol; injuriem-te os ninhos;

Surjam feras a uivar de todos os caminhos;
 E, vendo-te a sangrar das urzes através,
 Se emaranhem no chão as serpes aos teus pés...
 Que importa? o Amor, botão apenas entreaberto,
 Ilumina o degrêdo e perfuma o deserto!
 Amo-te! sou feliz! porque, do Éden perdido,
 Levo tudo, levando o teu corpo querido!

Pode, em redor de ti, tudo se aniquilar:
 — Tudo renascerá cantando ao teu olhar,
 Tudo, mares e céus, árvores e montanhas,
 Porque a Vida perpétua arde em tuas entranhas!
 Rosas te brotarão da bôca, se cantares!
 Rios te correrão dos olhos, se chorares!
 E se, em tórno ao teu corpo encantador e nu,
 Tudo morrer, que importa? A natureza és tu.
 Agora que és mulher, agora que pecaste!

Ah! bendito o momento em que me revelaste
 O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime!
 Porque, livre de Deus, redimido e sublime,
 Homem fico, na terra à luz dos olhos teus,
 — Terra, melhor que o Céu! homem, maior que Deus!

(Poesias)

Um beijo

Olavo Bilac

Fôste o beijo melhor da minha vida,
Ou talvez o pior... Glória e tormento,
Contigo à luz subi do firmamento,
Contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
Queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
E do teu gôsto amargo me alimento,
E rolo-te na bôca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
Batismo e extrema-unção, naquele instante
Por quê, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,
Beijo divino! e anseio, delirante,
Na perpétua saudade de um minuto...

(Poesias)

Sonêto

Olavo Bilac

Lá fora, a voz do vento ulule rouca!
Tu, a cabeça no meu ombro inclina,
E essa bôca vermelha e pequenina
Aproxima, a sorrir, de minha bôca!

Que eu a fronte repouse ansiosa e louca
Em teu seio, mais alvo que a neblina
Que, nas manhãs hiemais, úmida e fina,
Da serra as grimpas verdejantes touca!

Solta as tranças agora, como um manto!
Canta! Embala-me o sono com o teu canto!
E eu, aos raios tranqüilos dêsse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio
Que, em noites calmas, sossegado e frio,
Dorme aos raios de prata do luar!...

(Poesias)

Tercetos

Olavo Bilac

I

Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fôsse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sòzinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflicção e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sôbre o teu colo deixa-me a cabeça
 Repousar, como há pouco repousava...
 Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

I I

E, já manhã, quando ela me pedia
 Que de seu claro corpo me afastasse,
 Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Não pode ser! não vês que o dia nasce?
 A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...
 Que diria de ti quem me encontrasse?

Ah! nem me digas que isso pouco importa!...
 Que pensariam, vendo-me, apressado,
 Tão cedo assim, saindo a tua porta,

Vendo-me exausto, pálido, cansado,
 E todo pelo aroma de teu beijo
 Escandalosamente perfumado?

O amor, querida, não exclui o pejo...
 Espera! até que o Sol desapareça,
 Beija-me a bôca! mata-me o desejo!

Sôbre o teu colo deixa-me a cabeça
 Repousar, como há pouco repousava!
 Espera um pouco! deixa que anoiteça!"

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

(Poesias)

Beijo eterno

Olavo Bilac

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!

O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

Fora, repousa em paz
Dormida em calmo sono a calma natureza,
Ou se debata, das tormentas prêsa, —
Beija inda mais!
E, enquanto o brando calor
Sinto em meu peito de teu seio,
Nossas bôcas febris se unam com o mesmo anseio,
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol,
Vão-se os dias sem conta! e as noites, como os dias,
Sem conta vão-se, cálidas ou frias!
Rutile o sol
Esplêndido e abrasador!

No alto as estrêlas coruscantes,
Tauxiando os largos céus, brilhem como diamantes!
Brilhe aqui dentro o amor!

Suceda a treva à luz!
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;
Em véus de opala a madrugada aponte
Nos céus azuis,
E Vênus, como uma flor,
Brilhe, a sorrir, do ocaso à porta,
Brilhe à porta do Oriente! A treva e a luz — que importa?
Só nos importa o amor!

Raive o Sol do Verão!
Venha o Outono! do Inverno os frígidos vapôres
Toldem o céu! das aves e das flôres
Venha a estação!
Que nos importa o esplendor
Da primavera, e o firmamento
Limpo, e o sol cintilante, e a neve, e a chuva, e o vento?
— Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos! que o mar
Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!
E cante o Sol a ave desperte e cante!
Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! cante a floresta!
E a natureza tôda, em delirante festa,
Cante, cante êste amor!

Rasgue-se, à noite, o véu
Das neblinas, e o vento inquiria o monte e o vale:
“Quem canta assim?” E uma áurea estrêla fale
Do alto do céu
Ao mar, prêsa de pavor:
“Que agitação estranha é aquela?”
E o mar adoce a voz, e à curiosa estrêla
Responda que é o amor!

E a ave, ao Sol da manhã,
Também, a asa vibrando, à estrêla que palpita
Responda, ao vê-la desmaiada e aflita:
“Que beijo, irmã!
“Pudesse ver com que ardor
“Êles se beijam loucamente!”
E inveje-nos a estrêla... e apague o olhar dormente,
Morta, morta de amor!...

Diz tua bôca: “Vem!”
“Inda mais!” diz a minha, a soluçar... Exclama
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:
“Morde também!”
Ai! morde! que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!

O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

(Poesias)

Olhos verdes

Vicente de Carvalho

Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas coisas, quantas maravilhas,
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Cortes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueirais em flor,
Solidões tranqüilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falais de amor!...

Vem caindo a noite, vai subindo a lua...
 O horizonte, como para recebê-las,
 De uma fímbria de oiro todo se debrua;
 Afla a brisa, cheia de ternura ousada,
 Esfrolando as ondas, provocando nelas
 Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, tôda alvor, se afasta
 Balançando na onda, palpitando ao vento;
 Ei-la que mergulha pela noite vasta,
 Pela vasta noite feita de luar;
 Ei-la que mergulha pelo fundo firmamento
 Desdobrando ao longe nos confins do amor...

Olhos cismadores que fazeis cismar!

Branca vela errante, branca vela errante,
 Como a noite é clara! como o céu é lindo!
 Leva-me contigo pelo mar... Adiante!
 Leva-me contigo até mais longe, a essa
 Fímbria do horizonte onde te vais sumindo
 E onde acaba o mar e donde o céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
 Olhos côr do mar!

(Rosa, Rosa de Amor...)

Última confidência

Vicente de Carvalho

- E se acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti?
— Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...
Nessa tarde parti.
— Se arrependido e ansioso êle indagar: “Para onde?
Por onde a buscarei?”
— Dize-lhe: “Para além... para longe...” Responde
Como eu mesma: “Não sei.”

Ai, é tão vasta a noite! A meia luz do ocaso
Desmaia... Anoiteceu...

Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso
Até achar o céu.

O céu... E que me importa a mim saber se o têrmo
Do caminho é lá?

Só quero o seu amor... De que vale um céu êrmo
Onde êle não está?

Eu cheguei a supor que possível me fôsse
Ser amada — e viver.

E' tão fácil a morte... Ai, seria tão doce
Ser amada... e morrer!...

Juve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
 As lágrimas que vês...
 Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
 O mal que êle me fêz.

Narra-lhe transe a transe a dor que me consome...
 Nem houve nunca igual!
 Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
 Na solução final!

Dize-lhe que o seu nome ensangüentava a bôca
 Que o seu beijo não quis:
 Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!
 Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quase o odeio,
 Oculta-lho... Senhor!
 Eu morro! Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
 Até morrer... de amor.

(*Rosa, Rosa de Amor...*)

Faz frio. Há bruma.

Agosto vai em meio.

Vicente de Carvalho

Faz frio. Há bruma. Agosto vai em meio.
E eu ia jurar, bendito engano,
 Que a primavera veio
 Antes do tempo, êste ano.

Vi-te. Sob o nublado céu de agosto
Nem os jardins começam a brotar,
 Mas há rosas no teu rosto
E azul, azul de céu, no teu olhar.

Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio?
Juro, posso-o jurar, que não me engano:
 A primavera veio
 Antes do tempo, êste ano.

Amo-te. E assim como senão houvesse
Inverno, a terra nua, a bruma no ar,
 O meu coração floresce
E há luz, há luz de sol, no meu olhar.

(Poemas e Canções)

Soneto

Vicente de Carvalho

Belas, airosas, pálidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Extensa multidão de almas cativas.

Têm a alvura do mármore; lascivas
Formas; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airosas, pálidas, altivas...

Por quê? Porque lhes falta a tôdas elas,
Mesmo às que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quase nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

(Poemas e Canções)

Noite de insônia

Emilio de Meneses

Êste leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde êste grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos, ambos nós, o peito contra o peito,
Ambos cheios de anelo e ambos cheios de susto;

Êste leito que aí está revôlto assim, desfeito,
Onde humilde beijei teus pés, as mãos, o busto,
Na ausência do teu corpo a que êle estava afeito,
Mudou-se, para mim, num leito de Procusto!...

Louco e só! Desvairado! — A noite vai sem têrmo
E estendendo, lá fora, as sombras augurais,
Envolve a Natureza e penetra o meu êrmo.

E mal julgas, talvez, quando, acaso, te vais,
Quanto me punge e corta o coração enfêrmo
Êste horrível temor de que não voltes mais!...

(Poesias)

Non regionar de lor

Guimarães Passos

Era mútuo o desejo, no entretanto
Quando ela me buscava eu lhe fugia;
Queria um beijo, porém não queria
Que alguém nos visse, para ter encanto.

Afastei-me dos homens — que alegria!
Estamos sós, buscamo-nos, e enquanto
Em prelúdio sorrimos, com que espanto
O Sol, como um ôlho enorme, nos espia.

A noite espero... Enfim tudo adormece...
Beijo-a; beijando-me ela a vida esquece
E a vida esqueço, porque a estou beijando.

E descuidados, quando a vista erguemos,
Vimos: a noite, (por que tal fizemos?)
Com mil olhos de fogo nos olhando.

*Barcarola**Guimarães Passos*

Na casa branca da serra
Que eu fitava horas inteiras,
Entre as esbeltas palmeiras
Ficaste, calma e feliz.
Aí, teu peito me deste,
Quando pisei tua terra;
Aí, de mim te esqueceste,
Quando deixei meu país.

Nunca te visse eu, formosa,
Nunca contigo falasse!
Antes nunca te encontrasse
Na minha vida enganosa!
Porque não se abriu a terra,
Por que os céus não me puniram,
Quando meus olhos te viram,
Na casa branca da serra?

Olhaste-me um só momento,
E desde êsse triste instante,
Tu me ficaste constante
Na vista e no pensamento;
E, mesmo, se não te via,

Eu passava horas inteiras,
 Vendo-te a sombra erradia
 Entre as esbeltas palmeiras...

Falei-te uma vez, e calma
 Tu me escutaste, mas logo
 Abrasou-me tua alma ao fogo
 Que lavrava na minha alma;
 Transfigurada e feliz,
 "Sou tua!" tu me disseste...
 Depois... de mim te esqueceste,
 Quando deixei meu país.

Embora tudo!... Bendigo
 Esta ditosa lembrança,
 Que, sem me dar esperança,
 Une-me ainda contigo...
 Bendigo a casa da serra,
 Bendigo as horas fagueiras,
 Bendigo aquelas palmeiras,
 Querida, da tua terra!

Suave caminho

Mário Pederneiras

Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
 Iremos percorrendo a mesma estrada;
 Tu — no meu braço trêmulo amparada,
 Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados neste arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cansada
E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,
Que para mim o teu carinho trouxe,
Plácida e pela Vida iremos.

Calcando mágoas, afastando espinhos,
Como se a escarpa desta Vida fôsse,
O mais suave de todos os caminhos.

Ruínas

Mário Pederneiras

Mais de uma vez olhando-te, reparo
— E sinto em reparar um certo gôsto —
Que quanto mais os olhos teu encaro
Menos o peito cansa-me o desgôsto.

Julgo-me então à sombra do Sol pôsto
A sós contigo; um bosque em flor... e raro
Céu triste e azul que a meu viver comparo
Por sôbre nós pelo prazer deposto.

Prêsas nas minhas tuas mãos. Agora
 Lábios unidos. Frases que correndo
 Aos ares vão — hinos que o amor decora.

Além os anjos a saudar em côro
 O amor, o meu amor que vai tecendo
 Cordas à lira em teu cabelo louro.

Para sempre!

Medeiros e Albuquerque

Quebrou-se, ao tédio, a cristalina taça
 em que nós ambos o prazer bebemos,
 que da afeição nos êxtases supremos
 o amor nos deu.

Rindo enterramos a quimera louca,
 que nossos peitos afagaram, breve,
 e que passou, como uma nuvem leve,
 no azul do céu...

Em vez dos crepes da tristeza negra,
 do triste choro das pungentes dores,
 — Jaz sepultada sob amigas flôres
 nossa paixão.

Cedo, bem cedo no rumor do mundo,
 temos de ver-nos nos salões festivos
 e passaremos, lado a lado, esquivos,
 na multidão.

Se nos falarmos, no calor da festa,
 hás de inclinar-te no meu curvo braço,
 e iremos juntos, brandando o passo,
 ditoso par!

Censuraremos um milhão de coisas:
 o tempo, os bailes, os vestidos caros...
 e hão de, sentindo nossos risos claros,
 nos invejar.

Depois mais tarde, acabarão as valsas,
 as notas lentas morrerão vibrando,
 e há de a noite extinguir, mágico e brando,
 todo o rumor.

E então — quem sabe? — partiremos tristes,
 ambos cismando nessa noite linda,
 ambos sentindo uma saudade infinda,
 do morto amor...

(Poestas)

Forget me not

Medeiros e Albuquerque

Não te esqueças de mim! Não te esqueças,
 quer tu sintas sorrir a ventura,
 quer em prantos acerbos padeças
 da Desgraça na negra tortura!

Não te esqueças de mim! Na minha alma
 brilha sempre o retrato da tua,
 como brilha de um lago na calma
 a serena beleza da lua.

Não te esqueças de mim! Se na vida
 me faltasse teu nome um momento,
 da existência na luta renhida,
 quem pudera me dar novo alento?

Não te esqueças de mim! E' contigo
 que minha alma sonhando se deita.
 E' teu nome em que eu acho um abrigo
 quando sinto a tormenta desfeita.

Não te esqueças de mim! És a crença
 que no peito sòmente levanto...
 E' em ti que minha alma só pensa...
 És meu Sol! meu amor! meu encanto!

(Poemas)

*Desde que comecei**Emiliano Pernetá*

Desde que comecei a te olhar, de tal modo,
Com tal encanto, com tal êxtase sorri,
Que tudo que eu amei, mais doido, como um doido,
Êste símbolo até por quem me debati,

Versos, orgulhos vãos, lá no alto, com denôdo,
Pompas imperiais (mal os teus olhos vi),
Como flôres, assim, das minhas mãos, eu, todo
Enlevado, deixei cair ao pé de Ti.

Mas que esperar enfim? Mais lindo do que um sonho,
Tudo que é teu reluz, magnífico, risonho,
Com palmas, com florões, com tôrres de marfim...

Ês um manto real, o fausto dum Castelo,
A Ilusão, o Fulgor misterioso e belo...
Ês tudo, meu amor! E hás de olhar para mim?...

(Ilusão)

Veio

Emiliano Pernetta

Di-lo tanto fulgor maravilhoso, di-lo
 Êste clarim de Sol rubro do meu anseio,
 Êste verde de mar, como um sono tranqüilo,
 Êste límpido céu azul, como um gorjeio,

Alto, bem alto, assim, para que eu possa ouvi-lo,
 Que ela, vencendo o mar, transpondo o cêrro veio,
 Todo cheirando, em flor, o perfumado seio,
 Bela, sonora, ideal, como a Vênus de Milo...

Fôsse vaidade ou amor, desespêro ou ciúme,
 Que a trouxessem aqui, com um leve perfume,
 Ou fôsem, ai de mim! raivas ou temporais,

Veio, mais com a graça e a própria luz do dia...
 O' prazer que me faz soluçar de alegria,
 E respirar, e crer nos deuses imortais!

(Ilusão)

Vincit amor...

Alberto Silva

Vi-te e me viste. Que avidez cegava
Os nossos olhos que a paixão enchia!
Quanto mais eu te via, mais te olhava;
E, em te me vendo olhar, mais eu queria...

Cabelo, colo, braços, te envolvia
Tôda, na mesma comburente lava,
Que nos meus olhos fúlgidos sentia,
Que nos teus olhos, puros, chamejava.

E, por tão longo tempo nos fitamos
Com tamanho fulgor e de tal arte,
Que de tanto nos vemos nos cegamos.

Tu dizes que não podes olvidar-te;
Eu, desde o dia em que nos contemplamos,
Outra coisa não vejo em tôda a parte.

Zelos

Zeferino Brasil

De leve beijo as suas mãos pequenas,
Alvas, de neve, e, logo, um doce, um breve,
Fino rubor lhe tinge a face, apenas
De leve beijo as suas mãos de neve.

Ela vive entre lírios e açucenas,
E o vento a beija e, como o vento, deve
Ser o meu beijo em suas mãos serenas,
Tão leve o beijo como o vento é leve...

Que essa divina flor, que é tão suave,
Ama o que é leve, como um leve adejo
De vento ou como um garganteio de ave.

E já me basta, para meu tormento,
Saber que o vento a beija e que o meu beijo
Nunca será tão leve como o vento!

(Vovó Musa)

*O amor**Azevedo Cruz*

Degenerou, por fim, numa palavra falsa,
E hoje já não é mais uma alucinação;
Tudo que o doma e o veste e o transfigura e o realça,
Da fantasia vem, — nunca do coração.

E' uma frase feliz, no delírio da valsa,
Uma chama do olhar, um apêto de mão,
Um capricho, uma flor, uma luva descalça,
Que alguém deixou cair, e que se ergue do chão.

Disse-lhe isto e esperei. Um silêncio aflito,
Triste e soturno com os torvos pesadelos,
Pairou no espaço como um pingo sôbre um — i.

Dormi. Quando acordei, vi-me enterrado vivo
Dentro da Noite má dos seus negros cabelos,
Em cuja cerração quase que eu me perdi!

Olhos que não vêem

Azevedo Cruz

Teu desdenhoso olhar de Deusa desterrada
 Da olímpica mansão das almas soberanas,
 E' a muralha em que esbarra a alcatéia esfaimada
 Das humanas paixões, das misérias humanas.

Na diluência sutil de uma chuva doirada,
 Serenamente escorre através das pestanas
 E, interdito às visões e às miragens profanas,
 Olha, e é debalde que olha; êsse olhar não vê nada.

Passa... Sôfrego, logo, inquieto, logo, ansioso,
 Procuro o teu olhar, busco a tua pupila,
 — Como o nauta a um farol sôbre o mar tenebroso;

E em vão no eterno caos a ave do olhar mergulho!
 Sòmente uma ou outra vez, na retina tranqüila
 Passa um clarão fugaz de desprezo e de orgulho.

Soneto XIX

Alphonsus de Guimaraens

Hão de chorar por ela os cinamomos
 Murchando as flôres ao tombar do dia,
 Dos laranjais hão de cair os pomos,
 Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrêlas dirão: — “Ai! nada somos,
 Pois ela se morreu silente e fria...”
 E pondo os olhos nela como pomos,
 Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua que lhe foi mãe carinhosa,
 Que a viu morrer e amar, há de envolvê-la
 Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
 E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
 Pensando em mim: — “Por que não vieram juntos?”

(Poesias)

Madrigal

Alphonsus de Guimaraens

Desse-me Deus as tintas de uma aurora
E as tintas do arrebol
O casto azul que os céus tinge e colora
E tôda a luz do Sol;
Desse-me Deus tudo isso que eu, cantando,
Pediria uma pena ao rouxinol
Melodioso e brando,
E com a tinta e com a pena escreveria
Assim muito de leve
(E com a minha melhor caligrafia)
Na brancura de neve
Dêsse teu seio casto e sedutor,
As quatro letras da palavra — Amor.

Ao poente

Alphonsus de Guimaraens

Ficávamos sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas;
Éramos duas virginais palmeiras,
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No éter sublime alavam-se radiosas,
Ao redor de nós dois, quantas roseiras...
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço;
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de arcanjo proibido.

Surgia a lua, além, tôda de cêra...
Ai como suave então me parecera
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido.

(Poesias)

Pérfida

Francisca Júlia

Disse-lhe o poeta: — “Aqui, sob êstes ramos,
Sob estas verdes laçarias bravas,
Ah! quantos beijos, trêmula, me davas!
Ah! quantas horas de prazer passamos!

Foi aqui mesmo, — como tu me amavas!
Foi aqui, sob os úmidos recamos
Desta ramagem, que uma rêde alçamos
Em que teu corpo, mole, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto
De ti. Que gozo então! Mas, pouco a pouco,
Todo êsse amor calcaste sob os pés.”

— “Mas”, disse-lhe ela, “quem és tu? Decerto,
Essa mulher de quem tu falas, louco,
Não, não sou eu, porque não sei quem és...”

(Esfinges)

Estâncias

Alberto Ramos

Êste injusto rigor abrandarás um dia
que me aflige e tortura;
acharei no teu peito a justiça tardia,
a piedade, a ternura.

Saudosa evocarás aquêl amor antigo,
sublime e desprezado;
do teu longo desdém sofrerás o castigo,
recordando o passado,

meus extremos, meu pranto, a dor que me consome,
lenta, muda, secreta.

Interrogando o céu, repetirás o nome,
em vão, do teu poeta.

Chorando, escutarás o longínquo horizonte,
o mar franjado de ouro;
colherás, tecerás, para cingir-me a fronte,
o ambicionado louro.

Mas nem lágrimas vãs, nem a pompa irrisória
da palma ambicionada,
nem o teu beijo, amor, nem o teu fumo, glória,
ôca e vazia, nada

nunca mais poderá reanimar aquela
alta flama atrevida
que ardeu e consumiu a metade mais bela
dos meus anos de vida.

Nada fará bater meu coração diverso,
nem os risos fagueiros,
a frescura de um beijo, a doçura de um verso,
à sombra dos salgueiros.

Tremerão de remorso os teus seios transidos
sem que eu possa valer-te,
ingrata! Dormirei o sono dos vencidos
na dura terra, inerte.

(O Último Canto do Fauno)

A volta de Ani

Belmiro Braga

Abri-vos, campos,
em belas flôres,
cantai, amôres,
que Ani voltou.

Meu peito triste,
desata o canto:
já vi quem tanto
se demorou.

Na ausência dela,
dizei fragrantes
bosques distantes,
quem vos pisou;

dizei, estrêlas,
no céu, serenas,
nas minhas penas,
quem vos cantou;

e vós, cravina,
dobrada e bela,
pensando nela,
quem vos beijou.

Fazei, pupilas,
vivos risonhos,
olhos tristonhos
de quem chorou.

Fugi, pesares,
que o Deus clemente
da dor pungente
me consolou:

Ani, da várzea
lírio viçoso
ao lar ditoso
já regressou.

Abri-vos, campos,
em belas flôres,
cantai, amôres,
que Ani voltou.

(Montesinas)

Sonhos de amor

Amadeu Amaral

Essa graça radiosa, êsse donaire lento
— brando raio de Sol a redostrar um lírio —
sinto-os ao pé de mim, de momento a momento,
como a velha visão seráfica do Empíreo.

Tu passaste por mim como um deslumbramento
que passa e eu mergulhei desde então num delírio,
a cismar e a tremer sob o pressentimento
de uma nova paixão e de um novo martírio.

Tenho na alma, depois que te vi e me viste,
uma surdina, um murmúrio, uma alvorada,
qualquer coisa de bom, qualquer coisa de triste;

qualquer coisa que chega, em ânsias inda incertas,
como uma ave que acorda e, inda mal acordada,
move, numa tonteira, as asas entreabertas...

(Névoa)

Num leque

Marcelo Gama

Êste leque perfumado
traz-me agora ao pensamento
aquêle antigo ditado:
— Palavras, leva-as o vento.

Se estiveres te abanando,
nunca digas que me queres,
porque o vento irá levando
as palavras que disseres.

*Pela rosácea
do vitral, desfeito...*

Goulart de Andrade

Pela rosácea do vitral, desfeito
Em côres, entra o pálido luar!
Dorme! Entre as névoas de teu alvo leito
Vejo-te o seio brandamente arfar...
Dorme! Lá fora dorme o velho mar.
Na muda noite a abóbada infinita
Apenas vela, e, trêmula, palpita.
Dorme! Nos campos adormece a flor
E a ave no ramo que o favônio agita
Como tu, adormece, meu amor.

Em vão procuro ouvir, em vão espreito
Se nesse inocentíssimo sonhar
O meu nome se escapa de teu peito,
E a minha imagem tentas abraçar...
Ah! Se estiveres tu no meu lugar!
Dorme! Das rimas a caudal bendita
Desta bôca febril se precipita
Num som dulcíssimo e acalentador...
A alma que eu trouxe antigamente aflita,
Como tu, adormece, meu amor.

Dorme! Nem sabes como contrafeito
 Vejo-te os lábios sem os não beijar...
 Com que desejo, mas com que respeito
 Contemplo a tua carnação sem par!
 Dorme! Como tu dorme o nenúfar
 Da fria linfa na prateada fita...
 Só de meu coração a surda grita
 Se escuta no silêncio esmagador!
 A lembrança das horas de desdita
 Como tu, adormece, meu amor.

Ofertório

Rainha dêste ser dorme e acredita
 Que aos brancos pés te deixo a alma precita,
 Misto de ciúmes, de êxtase, de ardor...
 Ai, dorme... a voz que êstes cantares dita...
 Como tu... adormece... meu amor...

(Poemas)

Uxor consolatrix

Carlos Góis

Porque fôsse penosa a travessia
 Da trilha que conduz do Berço à Cova,
 — Por minorar da Vida o fardo e a prova
 Deu-me o Céu tua afável companhia...

E à velha Dor opondo a alma tão nova,
Segues a par comigo pela Via
Onde o teu ser solícito comprova
Que me serves na tenebra de Guia...

Quando findar a que parece infinda
Trajetória da Vida, e como a planta
Murcha, desceres os degraus do nada,

De Cima o olhar a mim volvendo ainda,
— Hás de subir ao Céu, serena e santa,
Por um sôpro de zéfiro levada!

Soneto

Castro Meneses

Vendo, no lar deserto, meu destino
Vazio de ilusões e de esperanças,
Penso em ti, meu amor, que hoje descansas
No regaço de Deus teu ser divino.

Lembro teu vulto diáfano... imagino
Teu cabelo partido em duas tranças
Teus olhos tristes e as carícias mansas
De tuas níveas mãos de anjo franzino...

Meu amor... Meu amor... Como me sinto
 Desamparado e só neste recinto
 Que o silêncio povoa de Saudade...

Como me sinto abandonado e triste,
 Vendo que em meu futuro nada existe
 Além de sombra desta soledade...

Vulcão

Martins Fontes

Trilai, ninhos! vibrai, frondes e águas! cantai,
 Flôres! — na luz sorride e me glorificai!
 Ela me ama! Ela é minha! Apaixonadamente,
 Em meus braços, há pouco, arquejante e fremente,
 Confessou-me num beijo o que a bôca não diz!
 Conseguiu aplacar-me e fazer-me feliz!
 Ela sabe de cor os meus versos! conhece
 Tudo quanto rimei, pensando nela! a prece
 Do meu desejo ansioso, o febril madrigal,
 Estridente clangor do meu poder sensual!
 Rindo-me, entre as mãos, tomou-me a cabeça e beijou-me,
 Cem vêzes, a tremer, murmurando meu nome!
 Disse-me há quanto tempo, em segrêdo, me quer
 Sua epiderme em flor, seu corpo de mulher!
 Glória! Quero cantar! Quero que, neste dia,
 Todos sintam a minha esplendente alegria!

E o clarão auroral, que minha alma contém,
A todos torne bons, venturosos também!
O Amor é como o Sol, que deslumbra e caustica:
Se requeima e destrói, encanta e purifica
E Ela chamou-me Sol! Diz que o meu coração
Lhe parece o Vesúvio, arde como um vulcão!
Eu quisera apagar-me, eu morrer deveria
Hoje, em pleno fulgor, hoje, em plena ardentia!
Sonho! A lava combure, incandescendo os céus!
Vermelheja, roxeia, ergue-se em fogaréus!
A fornalha fumega, a cratera crepita
Em oirichuva esmecha a amplidão infinita!
Raiam, a reluzir, rubescer, purpurar,
Fitas côm de zarcão, flamas côm de azamar!
A terra escalda! O ar fulge! Abre-se o fervedouro
Do Inferno! Que esplendor! Que espetáculo de ouro!
Sou eu! em erupção! O incêndio reproduz
Meu coração-vulcão, que se desfaz em luz!

(Verão)

Fascinação

Martins Fontes

Amo-te, amo-te muito, amo-te ardentemente,
Sem poder confessar esta paixão profunda,
Êste ciúme brutal que surge, de repente,
E os meus olhos febris de lágrimas inunda.

No desespero atroz, em que vivo e me inflamo,
O amor universal meu coração encerra!
Porque eu te amo de um modo extraordinário! — eu te amo
Como ninguém amou sôbre a face da terra!

Mas, como descrever esta paixão insana,
Esta implacável sêde, êste anseio faminto,
Se, as imagens verbais da confissão humana,
Jamais conseguirão traduzir o que eu sinto?

Ouçõ uma orquestra em mim, que soluça e que canta,
O coração me estala, em nervosos arpejos!
E esta música sobe, e atravessa a garganta,
E em meus lábios estruge em blasfêmias e beijos!

Eu, que nunca perdoei, tendo embora sofrido
Tanto e tanto por ti, meu único reclamo,
Perdoaria a amargura em que tenho vivido,
Se te ouvisse dizer, à hora da morte: — “Eu te amo.”

Quando olhares o céu, como, às vêzes, eu faço,
 Comparando à minha alma a noite que se eleva,
 Pensa que o amor é imenso como o espaço,
 Cheio de estrêlas de ouro irradiando na treva!

Esta paixão cruel, em que vivo e palpito,
 Que me faz padecer, no maior desalento,
 Dá-me a estranha impressão de um suplício infinito,
 A certeza fatal do eterno sofrimento!

(Verão)

Êxtase

Luis Edmundo

Hoje, que és minha e que em meus braços vejo
 Teu corpo leve, róseo e perfumado,
 Que a nota viva e cálida de um beijo
 Inda torna mais leve e mais rosado;

Hoje, que afogo ansioso o meu desejo
 De vida, de ventura e de pecado,
 Na tua bôca, a rir, e de sobejo
 Sinto a ventura ideal de ser amado.

Hoje, que sinto a febre que te aquece
 O coração e vem rosar-te as faces
 No ardor que as almas novas estremece,

Penso, ó! assustada e trêmula andorinha,
 Como eu penara se me não amasses,
 Como eu sofrera se não fôsses minha!

(Poesias)

Beatriz

Humberto de Campos

Bandeirante a sonhar com pedrarias,
 Com tesouros e minas fabulosas,
 Do Amor entrei, por ínvias e sombrias
 Estradas, as florestas tenebrosas.

Tive sonhos de louco, à Fernão Dias...
 Vi tesouros sem conta: entre as umbrosas
 Selvas, o ouro encontrei, e o ônix, e as frias
 Turquesas, e esmeraldas luminosas...

E por êles passei! Vivi sete anos
 Na floresta sem fim. Senti ressábios
 De amarguras, de dor, de desenganos.

Mas voltei, afinal, vencendo escolhos,
 Com o rubi palpitante dos seus lábios
 E os dois grandes topázios dos seus olhos!

(Poeira...)

Poemeto erótico

Manuel Bandeira

Teu corpo claro e perfeito,
— Teu corpo de maravilha,
Quero possuí-lo no leito
Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio,
E' como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado...

Rosal queimado do estio,
Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa do lume...

Teu corpo é chama e flameja
Como à tarde os horizontes...

E' puro como nas fontes
A água clara que serpeja,
Que em cantigas se derrama...

Volúpia da água e da chama...

A todo o momento o vejo...
Teu corpo... a única ilha
No oceano do meu desejo...

Teu corpo é tudo o que brilha,
Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa, flor de laranjeira...

(Poesias Completas)

Madrigal melancólico

Manuel Bandeira

O que eu adoro em ti,
Não é a tua beleza
A beleza, é em nós que ela existe.
A beleza é um conceito.
E a beleza é triste.
Não é triste em si,
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.

O que eu adoro em ti,
Não é a tua inteligência.
Não é o teu espírito sutil,
Tão ágil, tão luminoso,

— Ave sôlta no céu matinal da montanha.
 Nem é a tua ciência
 Do coração dos homens e das coisas.

O que eu adoro em ti,
 Não é a tua graça musical,
 Sucessiva e renovada a cada momento,

Graça aérea como o teu próprio pensamento,
 Graça que perturba e que satisfaz.

O que eu adoro em ti,
 Não é a irmã que já perdi.
 Não é a mãe que já perdi.
 E meu pai.

O que eu adoro em tua natureza
 Não é o profundo instinto maternal
 Em teu flanco aberto como uma ferida.
 Nem a tua pureza. Nem a tua impureza,
 O que eu adoro em ti — lastima-me e consola-me!
 O que eu adoro em ti, é a vida.

(Poesias Completas)

Confissão

Manuel Bandeira

Se não a vejo e o espírito a afigura,
 Cresce êste meu desejo de hora em hora...
 Cuido dizer-lhe o amor me tortura,
 O amor que a exalta e a perde e a chama e a implora.

Cuido contar-lhe o mal, pedir-lhe a cura...
 Abrir-lhe o incerto coração que chora,
 Mostrar-lhe o fundo intacto de ternura
 Agora embravecida e mansa agora...

E é num arroubo em que a alma desfalece
 De sonhá-la prendada e casta e clara,
 Que eu, em minha miséria, absorto a aguardo...

Mas ela chega, e tôda me parece
 Tão acima de mim... tão linda e rara...
 Que hesito, balbucio e me acobardo.

(*Poesias Completas*)

*Asas**Heitor Lima*

O que torna mais triste o céu sangrento
Ao pôr do Sol, são as partidas, são
Os adeuses dos pássaros ao vento,
Numa incerta e fugaz palpitação.

Ah! Quantas vêzes, no apressado ou lento
Voejar de aves que vêm e aves que vão,
Tocam-se duas asas um momento
E afastam-se em contrária direção...

Também os nossos corações, um dia,
Se encontraram: no ocaso rubro ardia
O incêndio dos amôres imortais.

E — asas, na tela acesa do Sol poente —
Um no outro êles roçaram levemente,
Para não se encontrarem nunca mais!

(Primeiros Poemas)

*Por sua voz,
tal como um cego...*

Adelmar Tavares

Êsse amor que me chama, e vou seguindo,
Por sua voz, tal como um cego, vai...
Êsse amor há de dar-me um sonho lindo,
Sem um só desengano, sem um ai!...

O anjo do meu Destino está sorrindo...
Vinde, todos os pássaros, cantai!
Que o meu caminho é de ouro e azul. E' lindo!
Que amor me leva, e eu vou qual cego vai...

Fica ao fim da jornada, a Árvore Boa,
De frutos que são mel, e sombra amada,
Que a alma de doces ilusões povoa.

Mas temendo o mau fado dos meus dias,
Pressinto regressar do fim da estrada,
De alma desiludida, e mãos vazias.

(Noite Cheia de Estrêlas)

Trovas

Adelmar Javares

De amor... Amor é infinito!
Do encanto do seu poder,
Tanta coisa se tem dito!...
— E há tanta coisa a dizer...

Para matar as saudades,
Fui ver-te em ânsias correndo...
— E eu que fui matar saudades,
Vim de saudades morrendo...

Tu censuras de minha alma,
Êsse alvoroço, êsse ardor!...
— Quem tem amor, e tem calma,
Tem calma... Não tem amor...

Carnaval

Hermes Fontes

Num dêsses dias em que se permite
à Espécie a graça mútua de enganar-se,
eu a mim mesmo enganei: traí-te.

Traição ingênua! Efêmero disfarce!
nem teve dois minutos por limite,
para, desenvolvendo-se, fixar-se...

Foi alguém que passou com vulto leve,
nas proporções graciosas do teu talhe,
calçando rosas e vestindo neve.

Tinha a graça daquelas figurinhas
dos salões de Veneza e de Versalhe
e um passo de entrevôo de andorinhas.

Segui-a. Olhei-lhe os olhos: Sonho! Encanto!
Não eras tu, que inspiras o meu zêlo,
não eras tu... Mas parecia tanto!

... Mas parecia tanto que suponho
ter sido tudo aquilo um pesadelo
que a tua imagem converteu em sonho...

Carnaval dos meus olhos! Noite indigna!
Trair-te a ti, Padroeira da minha arte!
Meu coração ajoelha e se persigna.

Ceguem meus olhos pelo mundo a êsmo...
Mas foi a melhor forma de enganar-te:
Com a tua imagem e comigo mesmo...

(*Miragem do Deserto*)

Solenemente

Hermes Fontes

Juro por tudo quanto é jura... Juro
por mim... por Ti... por nós... por Jesus Cristo
— que hei de esquecer-te!... Vê-me: estou seguro
contra o teu Sólido, a cuja queda assisto.

E, visto que duvidas tanto, visto
que ris do que, solene, te asseguro,
juro mais: pelo Ser em que consisto
por meu passado! pelo meu Futuro!

Juro pela Mãe Virgem concebida!
pelas venturas de que vou no encalço!
por minha vida!... pela tua vida!

Juro por tudo que mais amo e exalço!...
 ... E depois de uma jura tão comprida,
 juro... juro que estou... jurando falso...

(Apoteoses)

Deslumbramento

Olegário Mariano

E' amor? Não sei. Essa intranqüilidade,
 Êsse gôzo na dor, essa alegria
 Triste que vem de manso e que me invade
 A alma, enchendo-a e tornando-a mais vazia;

Êste cansaço extremo, esta saudade
 De uma coisa que falta à Vida... O dia
 Sem sol, as noites êrmas, a ansiedade
 Que exalta e a solidão que anestesia,

E' amor. Egoísmo de sofrer sòzinho,
 De as penas esconder do humano açoite,
 De transformar as pedras do caminho

Em carícias sutis para colhê-las
 E andar como sonâmbulo, na noite
 Escancarando os olhos às estrêlas...

(Canto da Minha Terra)

Versos de felicidade

Olegário Mariano

Nunca eu te disse que te amava, entanto
Nossos olhos falaram sem querer.

E as nossas mãos buscaram-se a tremer,
A tremer de volúpia e de quebranto.

As nossas bôcas, numa noite calma,
Uniram-se ao relâmpago de um beijo
Onde havia a explodir todo o desejo
Da minha alma bebendo na tua alma.

Depois, instante a instante, dia a dia,
Sentimos extasiados aumentar
Essa trama de luz que vem do luar,
Essa onda de volúpia e de harmonia.

Amo-te e é cada vez mais forte e louca
A rajada inconsciente que me leva...
És um raio de Sol na minha treva
E um sorriso feliz na minha bôca.

(Castelos de Areia)

Noturno

Olegário Mariano

O crepúsculo entrou de sala a dentro... Ainda
 O primeiro *Noturno* extasiava o teclado...
 Como aos meus olhos tu ficaste linda!
 Em sangue o lábio, o corpo iluminado,
 Meu grande e humano lírio do Passado!

Na luz que em tórno abria uma sombra velada,
 Teu gesto era mais triste e era mais brando.
 Vinha de ti o olor de uma rosa fanada...
 E o teu olhar que está quase sempre chorando,
 Pela sala espalhava uma poeira doirada...

O tempo que mais dói é o que a gente recorda
 Num perfume, num som, num gesto ou num sorriso.
 Vaga recordação que nos lábios acorda
 Tôda a volúpia cruel de um passado indeciso,

Onde houve um inferno a arder dentro de um paraíso.
 Tôda uma história. Um quase nada. O cheiro
 De um lenço, um verso que a alma nos traspassa.

Depois, o grande beijo derradeiro.
 E o incêndio passa como tudo passa...
 Mas fica sempre a cinza no braseiro.

Cinza. Saudade imensa que não finda,
Do que fui, do que foste, ideal sonhado!
Vejo-te cada vez mais triste e linda.
E eu cada vez mas triste e desgraçado,
Mais desgraçado porque te amo ainda.

(Água Corrente)

“Tu és o amor”

Guilherme de Almeida

Tu és o amor.

Nasceste na minha vida como uma flor,
uma flor da minha terra. E o teu perfume perfuma
tôda a minha vida, e atraí os meus pensamentos,
como se fôsem insetos violentos
em tórno da grande flor...

Tu és o amor.

Amadureceste na minha vida,
tôda simples, e saborosa, e colorida
como um fruto da minha terra. E' o teu sabor
é todo o gôsto da minha vida, o desejo
dos meus lábios: tu tens a forma e a côr de um beijo...

Tu és o amor.

Semeias na minha vida a tua semente:
e olha como é fecunda a minha terra! Sente

como renasces nos meus versos cada dia!
Como abre, na tua sombra fresca e macia,
cada dia uma nova flor!

Porque tu és o amor!

(Encantamento)

Os três gestos

Guilherme de Almeida

Vês? Três gestos somente: um olhar descuidado,
que era um desejo volatilizado,
que era a luz de um desejo;
dois lábios estendidos para o beijo
e o teu roupão caindo a meus pés, mole e lento
como um consentimento...

Três gestos, nada mais! Foi pouco, mas o resto
foi a repetição de cada gesto
dessa suave trindade;
foi a continuação, foi a saudade
do olhar, do beijo e do consentimento — a glória
de tôda a nossa história.

Tanto tempo passou! E hoje que te olho ainda,
e te beijo, e consentes, calma e linda,
neste amor, tu duvidas
que três eternidades, que três vidas
— êsse olhar, êsse beijo, êsse consentimento —
coubessem num momento!

(Messidor)

Nós

Guilherme de Almeida

Espero-te, pensando: “Ela não tarda...
Prometeu-me: há de vir...” e com que aflitas,
longas horas de angústia tu me agitas
o coração que, tímido, te aguarda!

E espero, tristes horas infinitas,
um momento de vida que retarda.
Súbito irrompes, trêmula e galharda,
numa nuvem de rendas e de fitas.

Vens a mim. Corro, tomo-te em meus braços,
e te estreito, estreitando mais os laços
do teu, do meu, do nosso grande amor.

E o teu beijo, e o meu beijo, e os nossos beijos
são mil rosas vermelhas de desejos,
na primavera do teu corpo em flor!

(Messidor)

Ubi Troia fuit

Filipe d'Oliveira

Eu queria que tu perdesse a beleza e ficasses,
não a estátua mutilada que liberta e amplia o êxtase,
mas a transfiguração de teu próprio esplendor,
a tua metempsicose em criatura usual
integrada na turba.

Eu queria que a tua beleza morresse
e que, como um mar de naufrágio,
sobrevivesse o teu corpo deserto de tua
graça sem vestígio.

Os homens perderiam a lembrança de seu
desejo
e na lembrança dos homens se apagaria a
sua irradiação
e ante os olhos dos homens se fecharia para
sempre o sulco que teus gestos cadenciados abrem no ar
e a inconstância dos homens, insensível a
teu desastre, esqueceria a tua primavera.

Eu, só eu, ficaria contigo, eu só, com a
alegria de guardar intacta a tua
imagem.

Tudo que para minha percepção nasceu
de ti

permaneceria integral e imutável:

a rua continuaria sendo o friso que tu

povoaste de efígies harmoniosas nascidas
de cada passo de tua marcha;

a noite continuaria sendo o veludo morno
com que teu beijo a prolongou até a
origem de meu sonho

e diante de mim a felicidade continuaria,
vigilante e eterna, no fundo de teus
olhos de antigamente já apagados
para os outros que os olharam.

Eu, só eu, ficaria contigo

e seria o senhor fabuloso de um tesouro
desaparecido que a cobiça não
percebe,

e seria a voz secreta, a alma imperecível de
uma cidade morta,

e seria o testemunho revelador de uma
legenda esquecida.

Eu, só eu, ficaria contigo...

E, de trazer-te em mim,

eu seria a fôrma ignorada de uma
escultura perdida

de cuja perfeição os homens se recordam
com nostalgia.

(Lanterna Verde)

*Embora de teus
lábios afastada*

Gilka Machado

Embora de teus lábios afastada
(Que importa? — Tua bôca está vazia..).
Beijo êsses beijos com que fui beijada,
Beijo teus beijos, numa nova orgia.

Inda conservo a carne deliciada
Pela tua carícia que mordia,
Que me enflorava a pele, pois, em cada
Beijo dos teus uma saudade abria.

Teus beijos absorvi-os, esgotei-os:
Guardo-os nas mãos, nos lábios e nos seios,
Numa volúpia imorredoura e louca.

Em teus momentos de lubricidade,
Beijarás outros lábios, com saudade
Dos beijos que roubei de tua bôca.

(Carne e Alma)

Ânsia múltipla

Gilka Machado

Dentro da mágoa da ausência tua,
teus beijos pairam, tremulando,
como constelações numa noite sem Lua;
num carinho muito forte ou muito brando,
teus beijos sempre me estão beijando.

Quando me beijas, os meus sentidos
ficam todos nos lábios reunidos
para beijarem o teu beijo, Amor!
Por certo pensarás que a paixão me treslouca:
teus beijos não os sente minha bôca,
sente-os meu ser interior.

Quando longe te estás,
teu beijo sabe muito mais!...
gozo-o, egoisticamente,
parada, na mudez de um solitário ambiente,
sem que to retribua,
gozo-o por tôda a epiderme nua,
indefinidamente...

Na solidão,
teu beijo ganha mais calor e outra extensão:
largo, infinito, eletrizante,

sinto-o, em tremores e em desmaios,
vêstir-me o corpo a cada instante,
qual uma túnica de raios!

Teu beijo dá-me a sensação
de uma carícia que perfura . . .
Teus beijos matam a amargura
que me atormenta
de uma forma longa e lenta.
Ignoro os meus sejam iguais
aos teus que, às vêzes, são
finos e penetrantes
como punhais.

Teus beijos (dêles trago os meus sentidos cheios) . . .
teus beijos claros e umectantes,
ficaram-me na vida, como veios
de água em deslizos e em descantes . . .
Teus beijos, os teus beijos caminhantes,
dão um pouco de frescura aos meus anseios
que eram desertos abrasados antes.

Teus beijos são elásticos, por certo;
êles se esticam tanto no meu ser,
que, por senti-los, julgo crescer
de tal maneira que nem te posso explicar,
de tal maneira que medito:
é assim
que se espreguiça o aroma no ar,
e que o vento se alonga no deserto,
e a luz se espalha pelo infinito.

Beija-me sempre, e mais, e muito mais!...
na minha bôca esperam outras bôcas
insaciadas e loucas
os beijos deliciosos que me dás!...
Beija-me ainda,
ainda mais!...
em mim sempre acharás
à tua vinda
volúpias virginais
e, beijando-me tanto, não confortas
a ânsia infinita dessas virgens mortas
que, em ímpetos violentos,
se manifestam nos meus sentimentos!...
Beija-me mais, põe todo o teu calor
nos beijos que me deres,
pois vive em mim a alma de tôdas as mulheres
que morreram sem amor!...

(O Meu Glorioso Pecado)

Queda de estrêlas

Gilka Machado

Sob o céu, sôbre o mar, dentre um profundo
silêncio de êrmo, em meio às rochas nuas
aninhamos na noite, como duas
aves, ébrios de nós, longe do mundo.

Em teus olhos de treva ardiam luas...
errava um cheiro não sei donde oriundo
e minhas mãos, de tuas mãos no fundo,
tinham desejos de morrer nas tuas.

Sangrando luz, pendida a trança flava,
uma estrêla do além se despenhava...
sorrreste olhando-a, entristeci-me em vê-la...

Com a alma em fogo, pela noite fria,
em vertigem de amor, eu me sentia
rolar no abismo como aquela estrêla...

(Carne e Alma)

Rondó para você

Mário de Andrade

De você, Rosa, eu não queria
Receber sòmente êsse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar sòmente êsse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com êsse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza, a faceirice,
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento, a alma, o desgosto
De você.

(Clã do Jaboti)

*Teu vulto leve,
ao fundo do passado...*

Ronald de Carvalho

Teu vulto leve, ao fundo do passado,
Volve-me, às vêzes, um olhar magoado
Que lembra o luar, por entre névoas finas.
Ainda tenho no espelho das retinas
O parque familiar, e os velhos bancos
Entre tanques azuis e jasmims brancos
Onde a vida juntou, em dias vãos,
Às tuas lindas mãos as minhas mãos.

Onde estás, minha doce companheira?
 Como a rosa, que tomba da roseira,
 A hora tomba no espaço, sem rumor...
 Longe murmura a trompa de um pastor,
 Pela tarde que morre, lentamente.
 E o poente é como aquêlê mesmo poente
 Que a terra tôda encheu de um sonho triste
 Quando sombra, entre sombras, me fugiste!
 Ficaste numa curva do passado,
 Como dói recordar o tempo andado
 Nas manhãs de ilusão, nas noites calmas!
 Uma lágrima a abrir dentro das almas
 Como um pálido Sol num céu de outono,
 Um gesto, um longo gesto de abandono,
 Um desconsôlo, um pouco de saudade,
 E nisso está tôda a felicidade...

Sôbre os campos, em seu vestido louro,
 A primavera ri nos botões de ouro;
 Entre as ondas vermelhas das espigas
 Voltam cantando, em bando, raparigas,
 E, dentre a púrpura que envolve o ambiente
 Vai surgindo aos meus olhos lentamente,
 Como um rôlo de incenso, no ar lavado,
 Teu vulto leve ao fundo do passado...

(*Poemas e Sonetos*)

Bucólica

Ronald de Carvalho

A manhã parece que nasceu do teu riso,
do teu riso de pássaro ou de fonte.

Vibram na tua voz trilos d'água fresca,
d'água que escorre por entre avencas e samambaias.

E as tuas mãos são duas borboletas brancas
voando sôbre papoulas e tinhorões,
voando na luz da manhã...

(Epigramas Irônicos e Sentimentais)

A suave espera

Murilo Araújo

Uma noite virás dum céu distante
como uma noiva real em frotas
régias.

No mar, flóreo de jóias, flamejante,
oscilarão, ornadas, galeotas...

E, do alto de um terraço rutilante,
bradarei avistando as tuas frotas:

— E' a hora em que virá até mim, gloriosa
essa que espero... e morro de esperar,
Lançai nas sendas da Maravilhosa
cem rosas mortas para o seu pisar!
Não vêm do luar que espalha bênçãos de ouro
trêmulas poeiras de cristal pelo ar?!
Erguei na sombra, fulgurante de ouro,
cem luzes de ouro para a iluminar!

Sou como um rei de imemorial memória...
Vêde... E' um tesouro que me vem do mar...
Soltai nas nuvens em sinal de glória
cem pombos brancos ao clarão lunar!

Sou como um rei de imemorial memória...
Vêde a rainha que me fêz chorar...

E as trompas soarão... E, oh, meu Desejo!
virás do mar, como a aura das bonanças,
radiosa entre os lauréis de teu cortejo
todo de palmas e pendões e lanças.

(A Iluminação da Vida)

Duas almas

Alceu Wamosy

Oh! tu que vens de longe, oh! tu que vens cansada,
Entra, e sob o meu teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado e vivo tão sòzinho,
Vives sòzinha sempre e nunca foste amada...

A neve anda a branquear lividamente a estrada,
E a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
Se dcurem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do Sol dourar radiosa
Essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,
Podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem serás tão sòzinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...

História antiga

Raul de Leoni

No meu grande otimismo de inocente,
 Eu nunca soube por que foi... um dia
 Ela me olhou indiferentemente;
 Perguntei-lhe por que era... Não sabia...

Desde então, transformou-se, de repente,
 A nossa intimidade correntia
 Em saudações de simples cortesia
 E a vida foi andando para a frente.

Nunca mais nos falamos... vai distante...
 Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
 Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
 Que ela tenta dizer-me alguma coisa
 Mas que é tarde demais para dizê-la.

(A Luz Mediterrânea)

*Soneto**Raul de Leoni*

Nascemos um para o outro, dessa argila
De que são feitas criaturas raras;
Tens legendas pagãs nas carnes claras,
E eu tenho a alma dos faunos na pupila...

Às belezas heróicas te comparas
E em mim a luz olímpica cintila,
Gritam em nós tôdas as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranqüila...

E' tanta a glória que nos encaminha
Em nosso amor de seleção, profundo,
Que (ouço de longe o oráculo de Elêusin),

Se um dia eu fôsse teu e fôsses minha,
O nosso amor conceberia um mundo
E do teu ventre nasceriam deuses...

*O meu amor vai para o
teu devagarinho...*

Cleómenes Campos

O meu amor vai para o teu devagarinho,
cheio de pensamentos de ternura,
como o rio que vem de uma remota viagem,
trazendo sôbre o dorso, ainda suado de espuma,
as flôres que colheu nas curvas do caminho
ou que roubou das mãos da aragem...

O meu amor vai para o teu, aèreamente,
como uma nuvem baixa, hesitante e sombria,
que visse, muito no alto, uma outra, luminosa,
grande ilha de coral sôlta no firmamento,
e lhe saísse atrás, ao léu da ventania
errante e caprichosa...

O meu amor vai para o teu sem dizer nada,
como um segrêdo sem palavras, uma sombra
que, ao ver a tua luz, se quedasse atraída...
O meu amor vai para o teu, que é uma rajada,
como uma simples fôlha
caída...

*Cor cordium**Cleómenes Campos*

Quando eu morrer, procura uma árvore florida,
e cava-lhe no tronco, amada, o meu caixão:
quero que aí repouse o meu corpo sem vida,
longe do humano olhar, dentro da solidão.

Cante-me o *requiem* triste a voz da água perdida...
Reze por mim o vento a sua alta oração...
E seja-me o silêncio a lápide escolhida:
— que vale neste mundo, a maior inscrição?

E, um dia, quando tu, minha doce Querida,
fores ver-me (talvez o tronco esteja são),
para que aches, sem custo, a árvore referida,

farei cair da altura um fruto em tua mão,
fruto que, ao te roçar a palma comovida,
irá tomando a forma e a côr de um coração...

(Coração Encantado)

Sonêto

Renato Javares

Os teus desdêns aumentam meu desejo;
 Quando mais me desprezas, mais te anseio;
 Bate-me, aflito, o coração no seio;
 Ardendo em zêlo, em pós de ti rastejo...

Esteja o mundo de mulheres cheio:
 A ti sòmente, a mais ninguém, eu vejo...
 Mas, ai de mim! Jamais terei teu beijo,
 Jamais te prenderei num doce enleio!

Tudo nos prende, e tudo nos separa;
 És uma linda ninfa esquiva e rara...
 Sou como aquêle deus que nada alcança...

E, enquanto zombas dêste amor sincero,
 Minha alma de querer-te não se cansa:
 Quanto mais foges... tanto mais te quero!

(Cantilena)

Berceuse

Osório Dutra

Dorme sôbre o meu peito, descuidada,
Leve,
Pura,
Imprecisa,
Quase etérea,
Sem pensar um momento
Nos sobressaltos e nas cousas da vida.

Deixa cair sôbre o meu ombro
A tua mão de sílfide encantada,
Fina,
Mansa,
Ligeira,
Imponderável,
Como se fôsse uma asa de libélula,
Tocando o tronco rústico de uma árvore.

Sôbre meu rosto em fogo
Repousa, meu Amor, teu rosto lindo,
Róseo,
Brando,
Serenos,

Perfumado de malva e de heliotrópio
— O' tu que és para os meus sentidos
Tôda a poesia do meu sonho,
O símbolo nupcial do meu Amor!

Dorme ouvindo,
Em surdina,
Leve,
Pura,
Imprecisa,
Quase etérea,
A canção timorata do meu beijo,
Roçando a flor-de-lis da tua bôca!

(Inquietação)

Meu amor

Osório Dutra

Meu amor tem doçuras de veludo
E arrepios de lúbricas serpentes:
Apaixona-se e exalta-se por tudo,
Mas canta como os córregos plangentes.

Meu amor tem molezas esquisitas
E carícias de plumas vaporosas:
Enfeita-se de rendas e de fitas,
Perfuma-se de anêmonas e rosas.

Meu amor tem maciezas de damasco
E explosões de relâmpagos bravios:
Levanta-se, brutal, como um penhasco,
Desata-se em profundos amavios.

Meu amor tem caprichos e loucuras,
Que eu mesmo não consigo compreender:
Sorri das suas próprias amarguras,
Soluça de alegria e de prazer.

Meu amor se transforma como o vento.
Raramente traduz o seu desejo...
Vive para a vertigem de um momento,
Para o sonho romântico de um beijo.

Meu amor tem felinas indolências
E irritantes impulsos e furores:
E' feio de perdões e de violências,
Num contraste de lágrimas e flôres.

Meu amor tem coleios de mantilha,
Mistérios de inocência e de pecado;
E ora se glorifica, e ora se humilha,
No seu refluxo de pássaro estouvado.

Meu amor tem carinhos de criança
E malícia de sátiro perverso...
Meu amor se reflete à semelhança
Da volubilidade do meu verso.

(Inquietação)

Epitalâmio

Ribeiro Couto

Apenas as gotas de chuva: compassadas e mansas.
A folhagem, lá fora, adormeceu feliz.
Despertando na relva, cantam grilos baixinho.
A confiança da chuva, a confiança dos grilos,
Tudo que vem da noite é surdina e doçura.

Certeza não direi, mas direi: esperança.
Deves pensar em mim neste momento mesmo.
Teu pensamento é o meu, tua esperança é a minha.

Através do espaço, não é verdade? as nossas mãos
Estão apertadas, em segrêdo.
Sinto que o nosso amor era grande como a noite
E que o melhor de nós habita na distância
Que nos separa.

(Dia Longo)

Elegia para a que partiu

Ribeiro Couto

Doçura de ficar, no êxtase dos sentidos,
junto a uma lâmpada suave, meio morta,
vendo a ronda interior dos romances perdidos!

(Nunca mais ouvirei os teus passos na porta...)

Na imensa noite, que provoca pesadelos,
que sereno prazer o de estar só comigo
e chorar a passar a mão pelos cabelos!

(Onde estás? E dizer que fui tão teu amigo...?)

Minha felicidade anda sempre remota...
E se às vêzes passa por mim — felicidade! —
passa rápida como um vôo de gaivota.

(Como eu te odeio! Estou esquecido, é verdade?)

Por sôbre a velha estante, alta, enorme e sombria,
amargo, o meu sorriso irônico flutua...
Inútilmente li tanta sabedoria!

(Quem é, depois de mim, que te vê tôda nua?)

Tudo ao redor da luz se sutiliza e esfuma.
Tenho uma sensação tonta e maravilhosa
de estar vagando no ar, leve como uma pluma.

(Desfolho, sem querer, tua última rosa...)

Sôbre a mesa de estudo a lâmpada adormece.
A lâmpada é a melhor companheira que existe
pará as horas do desespêro que esmorece...

(Tua recordação é uma lâmpada triste...)

(O Jardim das Confidências)

Segredo

Ribeiro Couto

Nunca te disse nem direi o meu enlêvo
Quando adormeces, ao som da chuva das noites frias,
E horas inteiras fico velando teu sono ingênuo.
Mas o grave pudor das confissões tardias
Fecha-me a bôca. Nem murmuro que te amo.

Fora, a chuva, na vidraça,
Bate devagar, de manso.

Chuva, bate bem de manso!
Já não é mulher: menina
(Tal, no sono, é uma graça)

Voltou a ser, pequenina,
A que dormindo me abraça.
Chuva, bate bem de manso!

(Dia Longo)

Poema da grande alegria

Cecilia Meireles

Olhavas-me tanto
E estavas tão perto de mim
Que, no meu êxtase,
Nem sabia qual fôsse
Cada um de nós...
Era num lugar tão longe
Que nem parecia neste mundo...
Num lugar sem horizontes,
Onde, sôbre águas imóveis,
Havia lótus encantados...
Vinham de mais longe,
De ainda mais longe,
Músicas sereníssimas,
Imateriais como silêncios...
Músicas para se ouvirem com a alma, apenas...
E tudo, em tórno,
Eram purificações...

Não sei para onde me levavas:
 Mas aquêles caminhos pareciam
 Os caminhos eternos
 Que vão até o último Sol...
 E eu me sentia tão leve
 Como o pensamento de quem dorme...
 Eu me sentia com aquela outra Vida...
 Que vem depois da vida...
 Eleito, ó Eleito,
 Eu queria ficar sonhando
 Para sempre,
 Queria ficar,
 Para sempre,
 Tão perto de Ti
 Que, no meu êxtase,
 Nem se pudesse saber
 Qual fôsse cada um de nós...

(*Nunca Mais e Poema dos Poemas*)

Canção

Cecilia Meireles

Nunca eu tivera querido
 dizer palavra tão louca:
 bateu-me o vento na bôca,
 e depois no teu ouvido.
 Levou sòmente a palavra,
 deixou ficar o sentido.

O sentido está guardado
no rosto com que te miro,
neste perdido suspiro
que te segue alucinado,
no teu sorriso suspenso
como um beijo malgrado.

Nunca ninguém viu ninguém
que o amor pusesse tão triste.
Essa tristeza não viste,
e eu sei que ela se vê bem...
Só se aquêle mesmo vento
fechou teus olhos, também...

(Viagem)

Encantamento

Abgar Renault

Ante o deslumbramento do teu vulto,
sou ferido de atônita surprêsa
e vejo que uma auréola de beleza
dissolve em luar a treva em que me oculto.

Estás em cada reza do meu culto,
sonhas na minha lânguida tristeza
e, disperso por tôda a natureza,
paira o deslumbramento do teu vulto.

E' tua vida minha própria vida
e trago em mim tua alma adormecida...
Mas, num mistério surdo que me assombra,

tu és, às minhas mãos, vaga, fugace,
como um sonho que nunca se soubesse
ou como a sombra vã de uma outra sombra...

Êstes teus olhos

Francisco Karam

Êstes teus olhos longos e esmagados,
Como dois cordeiros que vão sendo levados
Para os sacrifícios...

Como dois braços de sombra estendidos
Num apêlo silencioso...

Êstes teus olhos longos e esmagados
Atraem-me como dois precipícios.

Olhos cismarentos...

Olhos de sonhos fracassados,

Que procuraram voar, como os pássaros

E morreram, nos ninhos, de asas estendidas.

Olhos de amortecimentos
Vesperais...
De conchas místicas e dolentes,
Que ficaram a vibrar cantos emocionais
De algas e corais
Dos palácios marinhos...
Dos palácios do cristal verde...

Olhos humildes de sofredor...
Olhos impenitentes de querer...
Que a abóbada celeste pisou,

Como dois insetos debaixo do calcanhar...
Olhos de fantasmas e assombrados...
Olhos que são os quartos escuros e abandonados
De uma vida que passou...
Olhos que querem voar...

Foi a tua frente longa de sonhadora,
A tua frente branca de pensadora,
Que ruiu sôbre os teus olhos,
Como o mármore dos sepulcros
E te fêz os olhos longos e esmagados.

(Palavras de Orgulho e de Humildade)

O meu madrigal

Francisco Karam

E eu beijei-a tanto...

Se os beijos florescessem
Ela ficaria coberta de rosas...

Se os beijos vibrassem, como as cordas de uma lira,
Ela ficaria iluminada,
Dentro da tarde dos meus olhos,
Como uma canção de fogo.

(Palavras de Orgulho e de Humildade)

A primeira espôsa

Murilo Mendes

A morta vem de manhã espiar o leito nupcial revôlto.
Caminhando majestosamente para o espôso
Que julga ser o vento remexendo nas árvores.

Ela vem para amordaçar a carne do espôso inquieto
Que vai se unir a uma segunda mulher,
Enquanto a outra ainda não se decompôs no cemitério.

Êle adivinha alguém atravessar no seu caminho,
Ouve um ruído de sêdas farfalhantes.
E' o primeiro e definitivo amor que reclama sua felicidade,
E' o pensamento amigo sobrevoando extenuado os túmulos,
E' o perfume da manhã a entrar violentamente pelas frestas,
A cortina se agitando, a música do realejo
Que êle ouviu ao lado dela, há quinze anos atrás.

Êle sente que alguém aperta sua garganta,
Ouve distintamente a voz da morta nos seus tímpanos:

“Sê fiel ao teu primeiro amor através da sucessão dos anos.
Não me procures noutra mulher. Eu sou uma e única
E me interporei entre ti e a outra no teu leito nupcial.
Ela exigirá a destruição do meu retrato,
Das íntimas lembranças da nossa vida harmoniosa.
Não cedas! Ama-me eternamente. Sê fiel ao teu primeiro
[amor.”

(Metamorfoses)

Canto do noivo

Murilo Mendes

Eu verei tuas formas crescerem pouco a pouco,
 verei tuas formas mudarem a côr, o pêso,
 [o ritmo,
 teus seios se dilatarem nas noites quentes
 os olhos se transformarem quando brotar a
 [idéia do primeiro filho...

Assistirei o desenvolver das tuas idades,
 guardando todos os teus movimentos.
 Já está na minha memória a menina de
 [bonecas,
 depois a que ficava de tarde na janela,
 e a que se alterou tanto quando me conheceu,
 e a que está perto da união das almas e dos
 [corpos.

As outras virão. Tuas ancas hão de se alargar,
 e os seios caídos, os olhos apagados, os
 [cabelos sem brilho
 hão de te arrastar para mais perto do sentido do amor,
 ó minha mártir, forma que destruí,
 [integrada em mim.

(Poemas)

Domadora do oceano

Moacir de Almeida

Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,
Esguio como um cíato romano,
Nervoso como a chama dos altares...

A alma das vagas, no ímpeto vesano,
Ajoelha ante os teus olhos estelares...
Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Cobre-o do verde Sol dos teus olhares!

Sou o oceano... És a aurora! Eis-me de joelhos,
Ainda ferido nos tufões adversos,
Lacerado em relâmpagos vermelhos!

Sou teu, divina! E, em meus gritos medonhos,
Lanço a teus pés a espuma de meus versos
E as pérolas de fogo de meus sonhos!

(Gritos Bárbaros)

Tua voz e teu olhar

Moacir de Almeida

Branca filha do Luar e da Alvorada,
Entre flôres e música nascida,
Tens o céu na garganta perfumada,
E um luar em cada pálpebra dorida.

Na ânsia da tua voz, anda perdida
A alma de Ofélia, em sonhos de balada;
E, em teu olhar cheio de aurora e vida,
Há uma sombra — minha alma — ajoelhada.

Olhas... e enches de Sol meus negros dias
Falas... e a tua voz rasga, em minha alma,
Uma verde clareira de harmonias!

Falas... Olhas... E, aos céus vibrando um grito
Minha alma, louca, a asa do Sonho espalma,
E com a asa do Sonho enche o Infinito!

(Gritos Bárbaros)

*Balada do amor
através das idades*

Carlos Drummond de Andrade

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata

onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar.
pra te fazer minha escrava,
Você fêz o sinal-da-cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espirituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Fiz tudo para impedir.
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou môço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gôsto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.

(Poemas)

Incansável

Carmen Cinira

Velho sonho de amor que me fascina,
Causa das mágoas que me têm pungido
E que, entanto, conservo na retina
Como a fonte dum bem inatingido...

Flama velada, cântico em surdina
De um'alma triste, um coração ferido,
Nem pode haver linguagem que defina
O que eu tenho, em silêncio padecido!

Mas, ainda que mal recompensado
Meu amor há de sempre desculpar-te
Humilde, carinhoso, devotado...

Bendito seja o dia em que te vi,
Pois não há maior glória do que amar-te
Nem melhor gôzo que sofrer por ti!

(Crisálidas)

Chinoca

Vargas Neto

Quando lembro do meneio
Do teu corpito de flor,
No coração me maneio,
Sou o negro do pastoreio
Num formigueiro de amor.

Se tu me miras calada,
Com teus olhos que me comem,
Fico de alma encarangada
E creio em alma-penada,
Em boitatá e lobisomem.

Chinoca do meu encanto,
Minha prenda e minha vida,
Meu coração te quer tanto
Que nêle não tem um canto
Que tu não sejas sentida.

E na paixão que me inundo,
Ao te lembrar, minha rica,
Eu vou pensando no fundo
Que a razão de haver o mundo
Só a tua presença explica.

(Troupilha Crioula)

*A um homem**Adalgisa Nery*

Quando numa rocha porosa
Cansado de te encostares
E dela vires surgir a umidade e depois a gôta,
Pensa, amado meu, com carinho,
Que aí está a minha bôca.
Se teus olhos ficarem nas praias
E vires o mar ensalivando a areia
Com alegria pensa amado meu
Num corpo feliz
Porque é só teu.
Se descansares sob uma árvore frondosa
E além da sombra ela te envolver de ar resinoso
Lembra-te com entorpecência amado meu,
Da delícia do meu ventre amoroso.
Quando olhares o céu
E vires a andorinha tonta na amplidão
Pensa amado meu que assim sou eu
Perdida na infindável solidão.
À noite quando as trevas chegarem
E vires do firmamento
Uma estrêla cair e se afundar
E' sinal amado meu
Que o teu amor vai me abandonar.
Na morte, quando perderes o último sentido

E a tua própria voz
 Em forma de pensamento
 Te subir ao ouvido
 Deixa escorrer a derradeira lágrima pelo teu rosto
 Nascida do extremo alento do coração
 E pensa então amado meu
 Que ainda é um suave carinho da minha mão!

(A Mulher Ausente)

Estigma

Adalgisa Nery

Não receio que partas para longe,
 Que faças por fugir, por te livrares
 Da fôrça da minha voz
 E da compreensão do meu olhar.
 Não temo que os mares te levem
 No bôjo dos transatlânticos
 Nem tampouco me amedronta
 Que em possantes aviões
 Cortes espaços sem conta.
 Serena ficarei se disseres
 Que na certa me olvidarás
 No ventre da mata virgem,
 Nas areias dos desertos
 Ou no amor de outras mulheres que terás.
 Não importa.

Nada temo e desejo mesmo que o faças
 Para que saibas o quanto estou em teus sentidos
 E que a minha forma, o meu espírito
 Jamais da tua existência passa.
 Se fugires pelos mares
 Tu me verás na espuma leve da onda,
 Me sentirás no colorido de um peixe
 E a minha voz escutarás dentro de uma concha.
 Se partires pelos ares,
 Certamente na brancura de uma nuvem
 Tu sentirás a maciez e a alvura
 Das minhas carnes.
 Se fores para a floresta
 Hás de me ver
 Na árvore mais florida e harmoniosa.
 Atravessando areias cálidas do deserto
 Sei que trocarias o lenitivo de um oásis
 Pela certeza de me teres perto.
 E nas mulheres que encontrares,
 Dos seios o perfume, das nuças a palidez,
 Das ancas as curvas
 E das peles a côr e a tepidez,
 Fica certo, não te evadirás.
 No céu e na terra,
 Em todos os sêres me encontrarás
 Porque desde a tua sombra
 Ao teu mais rápido pensamento
 Não serás livre de mim
 Nem um momento.

(A Mulher Ausente)

Poema

Augusto Frederico Schmidt

Antes do esquecimento, antes que o tempo sufoque as
[últimas resistências da lembrança,
Antes que o meu ser acompanhe o teu ser na viagem para
[o eterno silêncio,

Antes que a mão que escreve estas linhas
Seja imobilizada pelo mesmo frio que matou tuas mãos
[maravilhosas,

Antes que a minha cabeça e o meu coração
Se debrucem sôbre o sono sem têrmo que guarda,
Aceita, ó amada, que te recorde ainda um instante,
Que eu procure fixar a tua longínqua expressão
Nestes pobres versos frágeis, que não resistirão ao tumulto
[do tempo tão adverso;

Deixa que eu console a minha ingênua esperança
De que a tua imagem fará animar estas linhas
Da chama da tua graça desaparecida!
O' flor, ó rosa tímida, de que o frio secou as débeis pétalas,
Deixa, antes do esquecimento, que eu reveja o teu sorriso,
O teu sorriso de outono e de lágrimas;
Deixa que eu procure fazer vibrar, no indiferente silêncio,
A música da tua voz, da tua voz de segrêdo,
De vento noturno nos distantes jardins,
Da tua voz de mêdo e de impossível carinho;

Deixa que eu faça brilhar ao Sol dêste dia os teus pobres
[cabelos escondidos,
Com a mesma vida que os animava, que os iluminava
[outrora!
Deixa que eu procure evocar os teus gestos, o teu ritmo
[inconfundível,
A música misteriosa dos teus movimentos,
O' flor tão breve aberta e desfolhada!
Deixa que eu tente fazer sorrir o teu sorriso,
E viver ainda o teu olhar, um momento,
Um momento antes do grande esquecimento,
Antes do derradeiro esquecimento!

(Estrêla Solitária)

Elegia

Augusto Frederico Schmidt

Tua beleza incendiará os navios no mar.
Tua beleza incendiará as florestas.
Tua beleza tem um gôsto de morte.
Tua beleza tem uma tristeza de aurora.

Tua beleza é uma beleza de escrava.
Nascestes para as grandes horas de glória,
E o teu corpo nos levará ao desespero.

Tua beleza é uma beleza de rainha.
 Dos teus gestos simples, da tua incrível pobreza,
 E' que nasce essa graça
 Que te envolve e é o teu mistério.

Tua beleza incendiará florestas e navios.
 Nasceste para a glória e para as tristes experiências,
 O' flor de águas geladas,
 Lírio dos frios vales,
 Estrêla Vésper.

Nasceste para o amor:
 E os teus olhos não conhecerão as alegrias,
 E os teus olhos conhecerão as lágrimas sem consôlo.
 Tua beleza é uma luz sôbre corpos nus,
 E' luz da aurora sôbre um corpo frio.
 De ti é que nasce êsse sôpro misterioso
 Que faz estremecer as rosas
 E arripia as águas quietas dos lagos.

Incendiarei florestas, incendiarei os navios no mar,
 Para que a tua beleza se revele
 Na noite, transfigurada!

(*Mar Desconhecido*)

*Exercício N.º 1**Augusto Frederico Schmidt*

Vejo a aurora surgir nesses teus olhos
Ainda há pouco tão tristes e sombrios.
Vejo as primeiras luzes matutinas
Nascendo, aos poucos, nos teus grandes olhos!

Vejo a deusa triunfal chegar serena,
Vejo o seu corpo nu, radioso e claro,
Vir crescendo em beleza e suavidade
Nas longínquas paragens dos teus olhos.

E estendendo as minhas mãos tristes e pobres
Para tocar a imagem misteriosa
Dêsse dia que vem, em ti, raiando;

E sinto as minhas mãos, ó doce amada,
Molhadas pelo orvalho que roreja
Do teu olhar de estranhas claridades!

(Mar Desconhecido)

A que há de vir

Vinicius de Moraes

Aquela que dormirá comigo tôdas as luas
 E' a desejada de minha alma.
 Ela me dará o amor do seu coração
 E me dará o amor da sua carne.
 Ela abandonará pai, mãe, filho, espôso
 E virá a mim com os peitos e virá a mim com os lábios.
 Ela é a querida da minha alma
 Que me fará longos carinhos nos olhos
 Que me beijará longos beijos nos ouvidos
 Que rirá no meu pranto e rirá no meu riso..
 Ela só verá minhas alegrias e minhas tristezas
 Temará minhas cóleras e se aninhará no meu sossêgo
 Ela abandonará filho e espôso
 Abandonará o mundo e o prazer do mundo
 Abandonará Deus e a Igreja de Deus
 E virá a mim me olhando de olhos claros
 Se oferecendo a minha posse
 Rasgando o véu da nudez sem falso pudor
 Cheia de uma pureza luminosa.
 Ela é a amada sempre nova de meu coração
 Ela ficará me olhando calada
 Que ela só crerá em mim —
 Far-me-á a razão suprema das coisas.

Ela é a amada da minha alma triste
E a que dará o peito casto
Onde os meus lábios pousados viverão a vida do seu
[coração]

Ela é a minha poesia e a minha mocidade
E' a mulher que se guardou para o amado de sua alma
Que ela sentia vir porque ia ser dela e ela dêle.

Ela é o amor vivendo de si mesmo

E' a que dormirá comigo tôdas as luas
E a quem eu protegerei contra os males do mundo.

Ela é a anunciada da minha poesia
Que eu sinto vindo a mim com os lábios e com os peitos
E que será minha, só minha, como a fôrça é do forte e a
[poesia é do poeta.]

(O Caminho para a Distância)

Sonêto de contrição

Vinicius de Moraes

Eu te amo, Maria, te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma o teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto
 Ante o mistério da amplidão suspensa
 Meu coração é um vago de acalanto
 Berçando versos de saudade imensa.
 Não é maior o coração que a alma
 Nem melhor a tristeza que a saudade
 Só te amar é divino, e sentir calma.

E é uma calma tão feia de humildade
 Que tão mais te soubesse pertencia
 Menos seria eterno em tua vida.

(*Novos Poemas*)

Soneto de inspiração

Vinicius de Moraes

Não te amo como uma criança, nem
 Como um homem e nem como um mendigo;
 Amo-te como se ama todo o bem
 Que o grande mal da vida traz consigo.

Não é nem pela calma que me vem
 De amar, nem pela glória do perigo
 Que me vem de te amar que te amo; digo
 Antes que por te amar não sou ninguém.

Amo-te pelo que és, pequena e doce
 Pela infinita inércia que me trouxe
 A culpa de te amar — soubesse eu ver.

Através tua carne defendida
 Que sou triste demais para esta vida
 E que és pura demais para sofrer.

(*Novos Poemas*)

Essa ...

J. G. de Araújo Jorge

Essa — que hoje se entrega aos meus braços escrava
 olhos tontos do amor de que aos poucos me farto,
 — ontem... era a mulher ideal que eu procurava
 que enchia a minha insônia a rondar o meu quarto...

Essa, — que ao meu olhar parado e indiferente
 há pouco se despiu... divinamente nua,
 — Já me ouviu murmurar em êxtase fremente:
 sou teu!... E já me disse, a delirar: — sou tua!

Essa — que encheu meus sonhos, meus receios vãos,
 num tempo em que eram vãos meus sonhos, meus receios,
 já transbordou de vida e ânsia das minhas mãos
 com a beleza estonteante e morna dos seus seios!

Essa — que se vestiu... que saiu dos meus braços
e se foi... — para vir, quem sabe?... uma outra vez,
segui-a... e eu era a sombra dos seus próprios passos!
amei-a... e eu era um louco quando a amei talvez!

Hoje... seu corpo é um livro aberto aos meus sentidos,
já não guarda as surpresas de antes para mim...
Não importa se há livros muita vez relidos,
importa... é que afinal todos êles têm fim...

.....

Essa, — a quem julguei ter tanta afeição sincera,
e hoje... não enche mais a minha solidão,
— simboliza a mulher que sempre a gente espera,
mas que chega... e se vai... — como tôdas se vão...

(Amo!)

Bom dia, amigo Sol

J. G. de Araújo Jorge

Bom dia, amigo Sol! A casa é tua!
As bandas da janela abre e escancara,
— deixa que entre a manhã sonora e clara
que anda lá fora alegre pela rua.

Entra! Vem surpreendê-la quase nua,
 doura-lhe as formas da beleza rara...
 Na intimidade em que a deixei, repara
 que a sua carne é branca como a lua!

Bom dia, amigo Sol! E' êsse o meu ninho
 Que não repares no seu desalinho
 nem no ar cheio de sombras, de cansaços...

Entra! Só tu possuis êsse direito,
 — de surpreendê-la quente dos meus braços,
 no aconchego feliz do nosso leito!...

(Amo!)

Oráculo

J. G. de Araújo Jorge

Sinto que vens de longe, vens através das eras,
 para um mundo profano, esquecido das olímpicas
 belezas
 das mediterrâneas primaveras
 e das perfeições supremas...

Eu sabia que vinhas, e por isso eu te esperava...

Ressuscitarei em teu corpo a alma perdida e escrava,
 e ao milagre da ressurreição,
 vibrarão teus ouvidos com a música dos meus poemas!
 e os teus olhos com a fantasia da minha imaginação!

Despertarei em tua carne todos os gestos adormecidos
e ressoarão novamente em teus sentidos
acordes imortais de outros hinos de amor...

Soprarei a luz nas tuas órbitas frias e inanimadas
que não viram a marcha dos tempos,
e na superfície de cristal de tua beleza serena
acordarei repuxos de líquidos corpos
transparentes,
e mergulharei nas profundezas as minhas mãos nervosas
— as minhas mãos ardentes...

Depois... eu turvarei a pureza sem mácula da tua alma
[prêsa
e adormecida,
trazendo-te do fundo de ti mesma, e entregando-te surprêsa
a própria Vida...

Libertarei o teu corpo feito de ritmos elementares
para a suprema celebração dêsse milagre criador...

E dos teus esponsais com o Poeta, renascerão em tuas
[formas
tôdas as estátuas gregas,
e de teu ventre virá a luz que há de perpetuar a beleza
na imagem de um novo deus, filho do nosso amor!

(Eterno Motivo)

Os versos que te dou

J. G. de Araújo Jorge

Ouve os meus versos que te dou, — eu os fiz
hoje, que sinto o coração contente...

Enquanto o teu amor fôr meu sòmente,
— eu farei versos... e serei feliz...

E hei de fazê-los pela vida em fora,
versos de sonho e amor, — e hei de depois
relembrar o passado de nós dois,
— êsse passado que começa agora...

Êstes versos repletos de ternura,
são versos meus, mas que são teus também...
Sòzinha, hás de escutá-los, — sem ninguém
que possa perturbar nossa ventura...

Quando o tempo branquear os teus cabelos,
vais um dia, mais tarde, revivê-los
nas lembranças que a vida não desfez...

E ao lê-los — com saudade, em tua dor
— hás de rever, chorando, o nosso amor...
— e hás de lembrar, sofrendo, quem os fêz...

Se nesse tempo, eu já tiver partido,
e outros versos quizeres, — teu pedido
deixa ao lado da cruz para onde eu vou...

— Quando lá, novamente, então, tu fores,
podes colhêr do chão tôdas as flôres
pois são versos de amor que ainda te dou...

(Meu Céu Interior)

— FIM —

Bibliografia

Dos autores incluídos neste florilégio

GREGÓRIO DE MATOS

Moralista, lírico, satírico, principalmente, Gregório de Matos Guerra é considerado a maior figura da “Escola Baiana”, que floresceu no século XVII e primeira metade do XVIII. Personalidade irrequieta, pitoresca e forte, passou por três continentes os altos e baixos de uma fortuna que o complicado caráter do poeta, ora bajulador e submisso, ora rebelde e demolidor, tornava fatalmente inconstante. Nascido na Bahia em 1633, de respeitável e abastada família, seguiu adolescente para Portugal, onde se doutorou em leis em Coimbra, passando a advogar com êxito em Lisboa. Na metrópole exerceu cargos de magistratura, valendo-lhe sua fama de jurista e de homem de talento a entrada nos salões da nobreza e mesmo o valimento do rei D. Pedro II. Não tardou, porém, a se malquistar na corte, em virtude da sua musa desrespeitosa e escarninha, o que redundou em ter Gregório de Matos de regressar à Bahia, em 1679. Os primeiros tempos após sua volta, ainda os passou o poeta relativamente bem e amparado pelas autoridades da época, tendo exercido os cargos de vigário-geral da Bahia e tesoureiro-mor da Sé, que veio a perder por se recusar a tomar ordens sacras, conforme exigiam êstes cargos e impunha o novo arcebispo. Indisposto com o clero, a administração e a sociedade baiana, inicia-se para Gregório de Matos uma fase de privações e vida licenciosa que lhe excita e envenena a inspiração. São desta época as composições em que fustiga desapiedadamente os conterrâneos, os costumes do tempo, as figuras da Igreja e do govêrno. Cognominado então “Bôca do Inferno”, acaba degredado para Angola, onde não se demora. De volta ao Brasil, estabelece-se em Pernambuco, aí levando, “proibido de fazer versos”, a mesma vida desregrada e folgazã até 1696, ano do seu falecimento.

Extremada tem sido a opinião da crítica a seu respeito: Sílvio Romero considerou-o “o gênio satírico mais poderoso de nossa língua até hoje”; modernamente tem sido apontado como autor sem maior originalidade, decalcador de Quevedo e Góngora.

SANTA RITA DURÃO

Três poemas épicos legou-nos a “Escola Mineira”: o “Uruguai”, de Basílio da Gama, “Vila Rica”, de Cláudio Manuel da Costa e “Caramuru”, de frei José de Santa Rita Durão, de apreciáveis méritos literários e imbuídos de expressivo sentimento nativista. À exceção de Cláudio, de cuja produção a melhor parte é a lírica, ficaram os outros na história da literatura nacional como autores das

referidas epopéias. Considerado inferior ao "Uruguai" quanto à originalidade de concepção e riqueza e formosura de imagens, o "Caramuru" sobrepuja-o no tocante à pureza da linguagem, — o que levou Santa Rita Durão a ser considerado um dos clássicos do idioma — e à amplitude do quadro, que abrange a história do Brasil desde a descoberta até a expulsão do estrangeiro invasor: "Quanto à sua concepção, o poema pode dividir-se em duas partes: uma real, que trata do naufrágio de Diogo Álvares Correia, dos seus sucessos e seus amôres, e outra imaginária, que se refere à visão de Paraguaçu e onde surge em larga e movimentada cena tôda a evolução política e social do Brasil." A obra está vasada em moldes camoneanos e o autor declarou escrevê-la impellido "pelo amor da pátria".

Santa Rita Durão nasceu em Cata-Preta, próximo à Mariana, em Minas Gerais, entre 1717 e 1720. Ingressou muito jovem na ordem dos eremitas de Santo Agostinho. Doutor em teologia por Coimbra, estêve afastado de Portugal durante largos anos que passou na Espanha e Itália. De regresso a Portugal, foi nomeado por Pombal reitor da Universidade de Coimbra. Faleceu em 1784.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA

De pai português e mãe brasileira, Cláudio Manuel da Costa nasceu em 1729, próximo à Vila de Ribeirão do Carmo, a futura cidade de Mariana, em Minas Gerais. No consenso da crítica é o maior representante do arcadismo no Brasil, tendo conseguido apurar melhor que qualquer outro poeta da época todo o virtuosismo da escola. Culto, viajado, senhor absoluto dos segredos da versificação, foi o chefe da "Escola Mineira" cujos outros componentes, entre os quais Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto, foram por êle profunda e benêficamente influenciados. Seus numerosos sonetos contam-se entre os mais belos e perfeitos da língua portuguêsã, comparáveis aos de Antero de Quental e Bocage e superados apenas pelos de Camões, Camilo Castelo Branco, aliás, considerava-o mesmo maior que Bocage, e José Veríssimo só reconhecia superiores a êle, nas literaturas latinas, como sonetistas, a Petrarca e Camões. Poeta de fama e inspiração predominantemente lusitana, acha-se, entretanto, para sempre vinculado à literatura e à história nacional, já pela ação exercida sobre seus companheiros de tertúlias literárias de Vila Rica, já por sua participação na Inconfidência Mineira.

Cláudio Manuel da Costa, que era formado em cânones por Coimbra, foi encontrado morto, enforcado, certa manhã do ano de 1789, na casa onde se achava recolhido à espera de julgamento.

ALVARENGA PEIXOTO

Da produção de José Inácio de Alvarenga Peixoto, que se sabe ter composto, também, grande número de poemas, um drama em verso, *Enéias no Lácio*, e traduzido a *Méropé*, de Maffei, pouco resta: vinte sonetos, umas sextilhas, duas liras, três odes, uma cantata e um canto genetiáico, considerado o melhor destes fragmentos que até nós chegaram. Estas poucas composições revelam um poeta que, sem se poder comparar a Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, seus dois mais illustres companheiros da "Escola Mineira", era, contudo, grandemente imaginoso e expressivo. Alguns críticos vêem em sua poesia a influência de Basílio da Gama, de quem teria sido amigo íntimo. Entre os seus versos que sobreviveram, alguns destacam-se pela inspiração nativista, traduzida em passagens expressivas sobre a natureza e a vida brasileira.

Alvarenga Peixoto nasceu no Rio de Janeiro em 1744, formou-se em leis por Coimbra e seguiu a magistratura. Transferindo-se para o Brasil, radicou-se em Minas Gerais onde desviou sua atividade para os negócios de mineração. Próspero era seu estado quando foi prêso em consequência dos acontecimentos da "Inconfidência". Desterrado para Ambaca, aí faleceu em 1793.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Natural do Pôrto, onde nasceu em agôsto de 1747, de pai brasileiro e mãe descendente de ingleses, o futuro Dirceu aos sete anos veio para o Brasil onde permaneceu até 1761. De regresso a Portugal, forma-se em leis pela Universidade de Coimbra, da qual tencionava tornar-se professor, não tendo logrado realizar êsse intento em virtude da queda do marquês de Pombal, de quem era partidário e admirador. Ingressa então na magistratura, e, depois de servir na metrópole, é

nomeado ouvidor e provedor da fazenda em Vila Rica (Ouro Preto), no ano de 1782.

Nessa cidade, a mais importante da capitania das Minas Gerais, veio a conhecer alguns dos mais ilustres homens de letras brasileiras da época: Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e outros, com elles constituindo um dos mais ilustres cenáculos que a história da literatura nacional registra. Aí também conheceu aquella que bem depressa seria sua musa: D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, por elle immortalizada sob o nome de Marília, com quem estava de casamento marcado, quando foi detido sob accusação de cumplicidade na conspiração urdida em 1789 para libertar o país de Portugal. Prêso durante três anos no Rio de Janeiro, não lhe valeram as reiteradas e firmes negativas de qualquer participação no movimento, sendo condemnado em 1792 a dez anos de degrêdo em Moçambique, onde faleceu em fins de 1809 ou princípios de 1810.

No dizer de Sílvio Romero e João Ribeiro, é Gonzaga "um dos representantes mais completos do lirismo amoroso no Brasil. Não tinha grandes recursos de forma, nem audácias de pensamentos; mas tinha suavidade na expressão, clareza nas idéias, e o seu sentimento era real".

Atingem a várias dezenas as edições da sua "Marília de Dirceu", que tem traduções em francês, espanhol e italiano.

Atualmente a maioria dos estudiosos attribui-lhe a autoria do famoso panfleto em versos "Cartas chilenas" *contra Fanfarrão Minésio*; D. Luís da Cunha Meneses, governador da capitania das Minas Gerais. Passa também por ter composto no exílio um poema sôbre o naufrágio do navio "Marialva" nas costas de Moçambique.

MACIEL MONTEIRO

De Antônio Peregrino de Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, que Sílvio Romero quis substituir a Gonçalves de Magalhães como iniciador do nosso romantismo, ficou a frase famosa e pouco delicada acêrca dos seus dedos "calejados de tantas saias apalparem" e o não menos famoso soneto incluído neste volume. Seus versos, coligidos e publicados muito após a morte do autor pela Academia Pernambucana de Letras, jazem em esquecimento galhofeiramente quebrado por Agripino Grieco, que escreveu serem elles "obras-primas, uma vez aceito o princípio de que também a paspalhice tem as suas obras-primas".

Mais interessante que suas poesias foi sua vida. Nascido em Recife em 1804, bacharelou-se em letras e ciências pelo Colégio Pedro II e formou-se em medicina pela Universidade de Paris, tendo vivido em França de 1822 a 1829, quando estavam no auge as lutas do romantismo. De regresso à pátria, representou seu Estado na Câmara durante várias legislaturas, chegando a ocupar a pasta dos negócios estrangeiros. Quando faleceu em 1868, era nosso ministro plenipotenciário em Lisboa, após representar o Brasil em diversos países. Exímio repentista e orador fluente, de grande elegância física, foi um dos "leões" da sociedade de seu tempo.

GONÇALVES DIAS

Antônio Gonçalves Dias nasceu no Maranhão, na cidade de Caxias, a 10 de agosto de 1823, de pai português e mãe mameluca.

Destinado inicialmente ao comércio, tais dotes intellectuaes revelou que seu pai, a conselho de amigos, resolveu proporcionar-lhe instrução. Em São Luís inicia seus estudos, continuando-os em Portugal para onde segue em companhia do pai, enfermo. Por morte dêste volta Gonçalves Dias ao Brasil e daqui torna a Portugal onde, na Universidade de Coimbra, forma-se em ciências jurídicas. De volta à pátria, dedica-se por algum tempo à advocacia no Maranhão. Abandonando a vida de provincia transfere-se para a côrte onde publica em 1846 seus "Primeiros Cantos" que grande louvor alcançaram, merecendo caloroso artigo de Alexandre Herculano. Em 1847 produz seu melhor drama, "Leonor de Mendonça" — pois em 1838, com a criação do Teatro Acadêmico, em Coimbra, Gonçalves Dias iniciara sua carreira de teatrólogo. Em 1848 publica as "Sextilhas de Frei Antão", apontadas pela crítica como "monumento de erudição filológica". Durante alguns anos leciona em Niterói e no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II, latim e história pátria. Do imperador recebe então a incumbência de observar e sugerir melhoramentos à instrução pública do Norte do Brasil, bem como de percorrer os principais países da Europa para nêles verificar a orientação do ensino e da educação. Ao mesmo tempo que realiza êsses trabalhos visita museus e arquivos, coletando importantes dados sôbre nossa história colonial. Em 1857 é dada a lume em Leipzig nova edição dos seus "Primeiros", "Segundos" e "Últimos Cantos". Publica também

nessa época o "Dicionário da Língua Tupi" e os quatro primeiros cantos da epopéia americana "Timbiras".

Em 1862, depois de uma excursão ao Amazonas, onde fêz pesquisas sôbre etnografia e lingüística, agravando-se os padecimentos de que há longo tempo sofria, parte a conselho médico para a Europa. Lá pouco se demora e de regresso ao Brasil, perece no naufrágio do "Ville de Boulogne" nas imediações do farol de Itacolomi, a poucas léguas do litoral maranhense, no dia 3 de novembro de 1864. Foram em vão todos os esforços para se encontrar seu corpo e sua bagagem, que continha preciosíssima obra ainda inédita.

Considerado por muitos o maior poeta nacional, realizou Gonçalves Dias obra riquíssima pela variedade de motivos, de excepcional beleza quer nas composições líricas, quer nos versos épicos. Foi o cantor exaltado da nossa natureza e do índio, que êle integrou na poesia brasileira, contribuindo decisivamente para dar à primeira fase do romantismo a forte feição nacionalista em que se refletia e completava a independência política havia pouco conquistada.

BERNARDO GUIMARÃES

Foi como ficcionista — pintor de costumes do interior e paisagista agradável, — que Bernardo Guimarães adquiriu a popularidade que cercou seu nome no passado, e que ainda persiste, em parte. Isso, porém, deveu-se à decisão dos leitores e não da crítica. Esta, principalmente a moderna, antepõe nêle o poeta ao ficcionista, apontando no primeiro uma riqueza e espontaneidade de inspiração que o colocam logo após as grandes figuras do romantismo. Assim Manuel Bandeira, que em sua "Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica" inclui sete poesias do escritor mineiro, chamando no prefácio a atenção para uma delas. "O devanear de um cético"; "Por mim reclamaria maior atenção para Bernardo Guimarães, cujo *Devanear de um cético* é um dos poemas mais importantes do romantismo."

Bernardo Guimarães nasceu em Ouro Preto em 1825 e nessa mesma cidade faleceu em 1884. Na Faculdade de Direito de São Paulo foi colega de Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa, dois dos mais famosos espíritos de sua geração, com os quais logo formou uma trindade que se destacava pelo talento e a estroinice. Posteriormente juiz municipal por duas vêzes em Catalão, em Goiás, não conseguiu habituar-se à inflexibilidade que o cargo exigia, tendo de deixá-lo, não sem antes haver ocorrido o seguinte: o escritor-magistrado, que substituíra interinamente o juiz de direito local, compadecido da situação em que se encontravam os presos, convocou apressadamente uma sessão do júri, absolveu os onze réus e pô-los em liberdade.

O celebrado autor de "O Seminarista" e a "Escrava Isaura" deixou quatro volumes de poesias: "Cantos da Solidão" (1852), "Poesias" (1865), "Novas Poesias" (1876) e "Fôlhas de Outono" (1883).

FRANCISCO OTAVIANO

Em todos os campos de atividade a que a vida o conduziu, Francisco Otaviano de Almeida Rosa granjeou honroso conceito, tendo associado seu nome à nossa história política, diplomática e literária, pela brilhante atuação em ambas as câmaras e no Conselho do Império, pelo Tratado da Tríplice Aliança contra Lopes, — por êle habilmente negociado e assinado em nome do Brasil em 1865, — e por seus inegáveis dotes de publicista e autor de reduzida mas apreciada obra poética. Filho do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1825, formou-se em direito aos vinte anos pela Faculdade de S. Paulo, dedicando-se no período seguinte de sua vida à advocacia e ao jornalismo. Secretariou também durante alguns anos o govêrno da província do Rio de Janeiro, até ingressar no parlamento que, sem o afastar da imprensa, fê-lo um articulista quase exclusivamente político. Faleceu nesta capital a 28 de maio de 1889. Delicadeza e bom gôsto de inspiração, forma leve e agradável, são as suas características como poeta e prosador, cuja produção permanece na quase totalidade esparsa nos jornais da época.

LAURINDO RABELO

Incluído por Agripino Grieco entre os poetas menores do romantismo, Laurindo Rabelo tem escapado ao esquecimento graças a umas poucas composições de cunho elegíaco insertas nas antologias e à celebridade que adquiriu como boêmio incorrigível e sarcasta dos mais temíveis do seu tempo. De nascimento humilimo, mes-tiço, com intenso esforço conseguiu estudar e ascender socialmente, chegando a

cirurgião do exército e professor de português, geografia e história da Escola Militar. Não era, porém, dos que respeitam convenções e hierarquias sociais, e tal circunstância, unida a seus muitos infortúnios de família e dificuldades financeiras, contribuíram para fazer de Laurindo Rabelo o "poeta Lagartixa", tipo patusco e popular a que são atribuídos contundentes epigramas e inúmeras anedotas. Contrastando com o homem, o poeta revela-se freqüentemente de um lirismo melancólico, sendo mesmo este o tom predominante dos versos de "Trovas", o único volume que publicou em vida, reeditado mais tarde com o título de "Poesias", acrescentado de outra produção. Nasceu em 1826 no Distrito Federal, onde faleceu em 1864. Deixou inéditos vários trabalhos, inclusive peças teatrais.

ALVARES DE AZEVEDO

Falecido aos vinte e um anos incompletos (12 de setembro de 1831 — 25 de abril de 1852), Antônio Álvares de Azevedo deixou obra tão extensa, rica e valiosa que um século depois ainda os críticos meditam sobre os extraordinários frutos que uma floração assim formosa prometia. Contista, dramaturgo, crítico e ensaísta, foi ele, porém, principalmente poeta e poeta que percorreu quase todos os gêneros, porquanto escreveu versos épicos, líricos, elegíacos e humorísticos, em que espelnde seu estro fantasista, arrebatado e versátil, certas vezes angustiado e blasfemo, outras suave e angelical, outras ainda chocarreiro ou voluptuoso. Como o maior representante do romantismo brasileiro da "poesia da dúvida", — a poesia romântica por excelência — irmão de gênio de Byron, Musset, Leopardi e Heine, Álvares de Azevedo figura no mais destacado plano da poesia nacional do século passado, sobre a qual exerceu uma influência que, segundo Ronald de Carvalho, ainda perdura na atualidade, embora atenuada. Primeiro dos nossos poetas a não desdenhar o humorismo e autor de contos fantásticos de alta intensidade dramática e sugestiva atmosfera, a publicação de parte de sua obra um ano após sua morte elevou-o imediatamente do anonimato ao posto que merecia ocupar.

Nascido na cidade de São Paulo, bacharelou-se em letras pelo Colégio Pedro II e seguiu o quarto ano da Faculdade de Direito de São Paulo, quando faleceu. Suas "Obras Completas", editadas pela Livraria Garnier, foram recentemente apresentadas pela Companhia Editora Nacional em dois grossos volumes anotados e prefaciados por Homero Pires. "Amor e Morte" — temas que embora de tôdas as épocas e escolas predominam no romantismo — são os motivos de suas composições.

JUNQUEIRA FREIRE

A vida de Junqueira Freire representa importante elemento para a compreensão de sua obra. Nascido a 31 de dezembro de 1832, na Bahia, de mãe bastarda, estudou humanidades no Liceu Provincial da capital, onde se distinguiu pela agudez e combatividade de inteligência. Levado por desilusões amorosas ou desgostoso com o procedimento desonesto do pai, que era funcionário público, ingressa aos dezenove anos na comunidade beneditina da Bahia, professando em março de 1852. Não consegue, porém, adaptar-se à vida claustral — era por demais inquieto e rebelde — e tal circunstância, juntamente com o agravamento progressivo de uma doença cardíaca congênita, leva-o a pedir e obter um breve de perpétua secularização que o devolve ao convívio da família nos poucos meses de vida que lhe restavam. Junqueira Freire, que no convento construíra sua obra poética e ensinara retórica e eloqüência, faleceu a 24 de junho de 1855, com 22 anos e meio de idade.

Suas "Inspirações do Claustro" e "Contradições Poéticas", de publicação póstuma, valeram-lhe a colocação entre os seis mais ilustres representantes do nosso romantismo, colocação justificada em particular por seus versos de inspiração mundana, lírica e sensual.

"A esta veia, a um tempo lírica e epicurista, — diz Roberto Alvim Correia — devemos o que Junqueira Freire nos deu de mais precioso e simples. Não impera mais aí a retórica, que, apesar de cuidadosamente estudada e ensinada, foi prejudicial ao poeta, cada vez que este resistiu às suas impulsões, os seus nervos, ao seu sentimento, ora feridos, ora exaltados, assim como o requeria a época, pouco favorável a tudo quanto implicasse serenidade."

Tendo deixado composições religiosas, sociais, líricas e nativistas, José Luís Junqueira Freire em quase tôdas espelhou sua alma angustuada e contraditória, genuinamente romântica.

LUÍS DELFINO

Luís Delfino, diz Manuel Bandeira, resume em seus versos tôdas as fases da nossa poesia, do romantismo ao simbolismo. Sua longa existência (o poeta nasceu em Santa Catarina em 1834 e faleceu no Rio de Janeiro em 1910) e sua vigorosa personalidade artística, que o impediu de se submeter demais a qualquer das escolas de seu tempo, possibilitaram-lhe a realização de considerável e belíssima obra onde é reconhecível a marca de algumas das principais épocas da poesia brasileira. Isso é particularmente exato em relação aos seus sonetos, porque foi esta a forma poética com mais freqüência e maior perfeição usada por Luís Delfino. A êsse respeito diz também Manuel Bandeira: "O soneto de Delfino como que funde as três estéticas — a romântica, a parnasiana e a simbolista. Romântico foi êle sempre no fundo. Mas a disciplina do Parnaso aparou-lhe as asas, às vezes um tanto desordenadamente tatalantes; e o simbolismo deu-lhe aquêle vago encantatório, salvando-o também do estreito materialismo formal." Outras singulares apresenta êsse poeta que o tempo só tem feito avultar como dos maiores que possuímos, entre as quais o absoluto desinterêsse que sempre revelou em ver reunidas e editadas suas produções. Êle, que foi excepcionalmente fecundo e tão senhor de sua arte que escreveu grande parte de suas centenas de sonetos no consultório (era médico e sempre clinicou) ou no carro, a caminho da casa dos clientes, não pôde pertencer à Academia de Letras por não ter livro publicado. Não o teve até falecer, deixando esparso pelos periódicos de todo o país material abundantíssimo que vem sendo coligido por seu filho Tomás Delfino e divulgado em volumes cujo número já alcança uma dezena. Entre outros "Algas e Musgos", "Íntimas e Aspásias", "A Angústia do Infinito", "Atlante Esmagado", "Rosas Negras", "Arcos de Triunfo", etc.

JOAQUIM SERRA

Joaquim Maria Serra Sobrinho nasceu no Maranhão em 20 de julho de 1838 e morreu no Rio de Janeiro em outubro de 1888.

Como poeta foi o pintor da nossa natureza e dos costumes do interior, como teatrólogo deixou várias peças, maior porém foi a sua projeção no jornalismo onde sua pena vibrante tratou com profundidade e honestidade os problemas da política brasileira e combateu ardorosamente pelo abolicionismo. Foi, ao lado de Patrocínio, Nabuco, Quintino Bocaiuva e Rui Barbosa, um dos grandes defensores da causa dos escravos. Estreou no jornalismo em 1859 no "Publicador Maranhense", colaborou depois em "Ordem e Progresso", "A Coalisão" e o "Semanário Maranhense", todos do Maranhão. No Rio fez parte do "Abolicionista" e dirigiu o "Diário Oficial". Colaborou também em "Reforma", "Gazeta de Notícias" e "O País", figurou na primeira Câmara Liberal.

Silvio Romero assinala que "Joaquim Serra não tocou sòmente a viola do sertanejo; manejou também a harpa das inspirações sociais e a lira das emoções amorosas. Nesse gênero são belíssimos os versos *A Minha Madona*".

Escreveu "O Salto de Leucade", "Versos de Pietro Castellamare" e "Quadros", poesias: "Um Coração de Mulher", romance; "Sessenta Anos de Jornalismo", ensaio, e várias peças teatrais.

CASIMIRO DE ABREU

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em 1839 na fazenda de Indaiáçu, perto da Barra de São João, no Estado do Rio. Depois de cursar um colégio de Nova Friburgo, seguiu aos quatorze anos para Portugal, aí se demorando até os dezoito. Êsse afastamento da pátria e da família, se por um lado foi afetivamente penoso para o rapaz, contribuiu por outro para infundir em sua poesia o tom de lamento, de meiga insatisfação, o lirismo ingênuo e saudoso dos versos em que celebra alguns dos mais puros sentimentos da alma humana, e que o tornou o mais popular talvez de nossos poetas. Sua breve existência, aliás, não lhe foi avara em motivos de tristeza, a começar pela atitude do pai (negociante português) que o forçou a trabalhar no comércio, após seu regresso ao Brasil e rematando na enfermidade que o levou no ano de 1860. Casimiro de Abreu é um dos três vates mais lidos no Brasil e conta-se por dezenas as edições do seu único livro, "Primaveras". Quando em Portugal, publicou "Camões e o Jaú", cena dramática.

“Glória autêntica, escreve Edison Lins, poesia verdadeira resistindo apesar das declamadoras... Ele está vivo através de parnasianos que mangaram dêle, de naturalistas que não o consideram como poeta e dos modernistas atuais que não conseguiram a ingenuidade e a pura poesia dêste môço tuberculoso.”

MACHADO DE ASSIS

Modestíssimo foi o comêço de vida daquele que o julgamento dos contemporâneos, ratificado pela posteridade, haveria de eleger como o maior dos nossos escritores, uma das glórias da nacionalidade. Nascido a 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, no morro do Livramento, Joaquim Maria Machado de Assis cedo perdeu os pais, que eram proletários, necessitando exercer misteres modestos, inclusive o de aprendiz na Tipografia Nacional. Daí passou a revisor no estabelecimento de Paula Brito, onde fêz amizades que lhe facilitaram a estréia no jornalismo. Ingressa, também, no funcionalismo público, e casa-se, aos trinta anos, com D. Carolina Augusta de Novais, portuguesa de nascimento. Inicia-se, então, para o escritor um período de firme e sereno desenvolvimento que o conduz ao plano superior do espírito onde realiza a obra mais completa e mais bela das letras nacionais. Autodidata genial, de prodigiosa fôrça de vontade, superou os obstáculos que lhe antepunham o preconceito de côr e a enfermidade constitucional de que sofria, tendo deixado mais de vinte volumes, além de vários outros de publicação póstuma, entre romances, contos, poesias, teatro, crítica literária e crônicas. Presidiu a Academia Brasileira de Letras desde a fundação da mesma até sua morte, ocorrida a 29 de setembro de 1908.

O prosador ultrapassou o poeta em Machado de Assis, mas as histórias da literatura assinalam a função exercida por suas poesias, plenas de pensamento e de um apuro técnico desconhecido na época, como obra de transição entre a fase romântica e a parnasiana.

Obra poética: “Crisálidas”, “Falenas”, “Americanas”, “Ocidentais”.

VITORIANO PALHARES

Vitoriano J. Marinho Palhares, pernambucano de nascimento, foi contemporâneo e amigo de Castro Alves, ao lado de quem participou das famosas lutas de teatro em que se chocaram Tobias Barreto e o poeta baiano. Paupérrimo — precisou abandonar em meio o curso ginasial — nem a dureza de uma cotidiana luta pela existência, nem a desvantagem de um deficiente aparelhamento cultural lograram prejudicar o desenvolvimento da votação literária de Vitoriano Palhares, marcadamente poética, conforme comprovam os quatro volumes de versos que publicou, “Mocidade e Tristeza” (1866) “Perpétuas” (1867), “Centelhas” (1870) e “Peregrinas” (1870, os dois primeiros assinalados por um lirismo pessoal e subjetivo, contendo o terceiro poesias patrióticas inspiradas pela guerra do Paraguai, e composto “Peregrinas” de produções de fundo doutrinário e filosófico. Embara figure entre os poetas românticos olvidados pela crítica e pelo público, milita a seu favor a circunstância de ter conseguido renome e admiradores numa época dominada pela grande figura do autor de “O Navio Negreiro”.

Vitoriano Palhares, que exerceu vários cargos públicos e também deixou trabalhos em prosa, faleceu no Recife em 1890, aos cinqüenta anos de idade.

FAGUNDES VARELA

Só agora se vem fazendo justiça ao rico engenho poético de Nicolau Fagundes Varela, com a revisão dos juízos apressados acêrca do lugar que a sua obra cabe em nosso romantismo. Dos críticos do passado foi Sílvio Romero quem maior compreensão revelou a seu respeito, e entre os modernos Ronald de Carvalho, mas coube a Edgar Carneiro fazer, em recente e magnífico trabalho, o cabal levantamento e estudo da vida e obra de quem, “aparecendo depois de Álvares de Azevedo e antes de Castro Alves, carregou sôbre seus ombros a responsabilidade da poesia brasileira no decênio que vai de 1860 a 1870”.

Contraditória, agitada, plena de episódios lamentáveis foi a existência de Varela, também nesse particular genuíno representante da famosa insatisfação e desordem românticas. Nascido na fazenda Santa Rita, no município do Rio Claro, na então província do Rio de Janeiro, a 17 de agosto de 1841, de abastada e respeitável família, segue aos dezoito anos para S. Paulo onde conclui os preparatórios e ingressa na Faculdade de Direito, freqüentando-a durante dois anos. Em 1861 publica “Noturnas”, que reúne sua colaboração na imprensa paulista. Casa-se, então, em circunstâncias romanescas, forçando a vontade paterna. Um ano depois a morte do primeiro filho atira-o novamente aos hábitos de boêmia e irrespon-

sabilidade com que scandalizara a cidade, não sem antes arrancar-lhe as pungentes estâncias do "Cântico do Calvário", sua mais bela e famosa produção. Varela, que jamais concluiu seu curso, transfere-se para a escola de Recife, já tendo então publicado mais três volumes: "O Estandarte Auri-Verde" (1863), "Vozes da América" (1864) e "Cantos e Fantasias" (1865). Pouco se demora, porém, em Recife, e, tendo enuviado nesse interregno, leva vida errante e descuidosa pelo interior da provincia do Rio de Janeiro. Nem mesmo um segundo casamento consegue modificá-lo. Com a saúde minada pelas extravagâncias e o álcool, é vitimado aos trinta e quatro anos de idade por um insulto cerebral no dia 18 de fevereiro de 1875, em Niterói.

Épico, elegíaco, humorista, lírico, sertanista, místico variadíssima é sua obra que inclui mais "Cantos Meridionais" (1869), "Cantos do Ermo e da Cidade" (1869) e três livros póstumos: "Anchieta ou o Evangelho nas Selvas" (1854), "Cantos Religiosos" (1878), escritos em colaboração com a irmã, D. Ernestina Fagundes Varela) e "Diário de Lázaro" (1880).

GONÇALVES CRÊSPO

Ainda é grande a relutância da crítica em considerar como poeta brasileiro Antônio Cândido Gonçalves Crêspo. No entanto, nascido a 11 de março de 1846 nos arredores do Rio de Janeiro, de pai português e mãe mestiça, Gonçalves Crêspo na roça residiu até aos oito anos e até os quatorze na cidade, quando a debilidade de sua saúde fez que a família o enviasse para Portugal, onde primeiro viveu no Pôrto e em Braga. Transferindo-se para Coimbra, a fim de bacharelar-se em direito, publicou em 1871 o volume "Miniaturas", o primeiro formoso fruto do parnasianismo em língua portuguesa. Ainda estudante, casa-se com a escritora lusa Maria Amália Vaz de Carvalho. Uma vez formado faz vida de imprensa e, tendo-se naturalizado português, é eleito deputado às cortes e admitido sócio na Academia de Ciências de Lisboa. Publica "Noturnos" em 1880, falecendo três anos depois. Em 1897 sua família editou suas "Obras Completas".

"Deve ser incluído entre os nossos poetas, diz Alberto de Oliveira, por seu lirismo, quase sempre acentuadamente brasileiro."

LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR

Entre as estrêlas de segunda grandeza do nosso firmamento poético, Luís Guimarães Júnior cintila com luz branda e agradável na constelação que assinalou a transição entre a fase romântica e a parnasiana. Já em "Corimbos" (1869), livro que reúne suas produções de mocidade, o apuro de forma e comedimento da inspiração anunciavam o aparecimento da escola parnasiana, mais caracterizada ainda em sua segunda e última obra, "Sonetos e Rimas" (1889), escrita durante a peregrinação do poeta pelas terras a que o levou sua carreira de diplomata. É autor do famoso soneto "Visita à Casa Paterna", e de outras composições igualmente populares. O sêgrêdo da rápida aceitação dos versos de Luís Guimarães Júnior, consiste em que êle, segundo Medeiros e Albuquerque "... embora presasse acima de tudo a forma de soneto, foram um pouco artificial, sabia manejá-la com admirável mestria... O lírico sentimental aparece em tôdas as suas composições."

Luís Guimarães Júnior nasceu no Rio de Janeiro em 1847. Destinado pelo pai ao comércio, enveredou pelo jornalismo e a literatura, que praticou assiduamente até aos vinte e oito anos, quando ingressou na diplomacia. Já publicara, então, romances, livros de contos e de crônicas. Como secretário de legação estêve em Londres, Roma e Portugal, país a que se recolheu após sua aposentadoria e onde teve por amigos os mais illustres espíritos da época, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão. Faleceu em Lisboa no ano de 1898.

CASTRO ALVES.

A 14 de março de 1847, na Bahia, nasceu Antônio de Castro Alves, que seria um dos maiores, senão o maior poeta brasileiro.

Em sua curta existência, pois viveu apenas 24 anos, produziu extensa e bellissima obra que ainda hoje arrebatada pela sonoridade das estrofes e vigor das imagens que encerra. Sua inspiração por vêzes desabrocha suave e lírica em admiráveis versos de amor, outras ainda, agreste e forte, detêm-se na paisagem brasileira, que surge em tôda a sua pujança e colorido, ou então agiganta-se na defesa do escravo e na pregação da república, opulentando as letras nacionais com algumas das mais eloquentes poesias de fundo social escritas em língua portuguesa.

Filho de illustre família baiana — seu pai era médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia e sua mãe descendia de um dos heróis da independência da

provincia — iniciou Castro Alves seus estudos no Ginásio Baiano onde compôs os primeiros versos em 1859, 60 e 61. Em 1862 matriculou-se no curso anexo da Faculdade de Direito de Recife. No “Jornal de Recife” publicou suas primeiras poesias abolicionistas. Em 1865 voltou à Bahia de onde torna a Recife após a morte do pai, fundando, com amigos, uma sociedade antiescravista. O período de sua permanência em Recife foi bem um reflexo do seu temperamento trasbordante. Apaixonou-se pela atriz Eugênia Câmara, com quem fará suas futuras viagens à Bahia, ao Rio e S. Paulo, e torna-se adversário de Tobias Barreto, que admira exaltadamente outra atriz, rival da sua diva. Os dois formam grupos opostos, entre os quais se divide a mocidade do Recife.

De Pernambuco parte Castro Alves novamente para a Bahia. Transferindo-se para a Faculdade de S. Paulo, passa pelo Rio de Janeiro onde é carinhosamente acolhido por José de Alencar e Machado de Assis. Em S. Paulo, durante uma caçada, é atingido por um disparo no pé, o que o obriga a voltar ao Rio, onde é várias vezes operado. Em 1869 regressa à Bahia enfermo e mutilado mas sempre produzindo, e a 6 de julho de 1871 vem a falecer vitimado pela tuberculose.

Em vida do poeta foi publicado apenas o volume “Espumas Flutuantes”. Deixou êle, porém, numerosos inéditos e abundante colaboração na imprensa, além de um drama em prosa: “Gonzaga, ou a Revolução de Minas”.

LÚCIO DE MENDONÇA

Não são poucos os vultos ilustres das letras nacionais que dignificaram por sua competência e integridade o exercício da magistratura. Possivelmente maior número de poetas ainda que de prosadores se destacaram no cultivo das musas e no serviço de Têmis. Como poeta e prosador, Lúcio de Drummond Furtado de Mendonça granjeou honroso renome; como estudioso do Direito, sua carreira foi brilhante, tendo êle chegado a ministro do Supremo Tribunal Federal. Antes de atingir êsse pósto foi advogado militante, promotor, curador de massas falidas no Distrito Federal, diretor da Secretaria de Justiça. Profundamente interessado na literatura, integrou um grupo de escritores naturalistas que se organizara no Rio de Janeiro, ao qual também pertenciam Aluísio Azevedo e Valentim Magalhães. E' dessa época o seu romance “O Marido da Adúltera” (1884). De ficção escreveu mais “Esbôços e Perfis” (contos, 1894), “Horas do Bom Tempo” (memórias e fantasias, 1900). Sua obra de estréia fôra de poesia: “Névoas Matutinas” (1871), e de poesia também foram “Vergastas” (1889), “Murmúrios e Clamores” (poesias completas, 1902). Deixou, além de escritos jurídicos, panfletos políticos, “O Escândalo” (1888-1889), e um volume de propaganda republicana. “A Caminho” (1906), páginas essas marcadas pelo espírito de combatividade que o caracterizava.

Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, era natural de Piraí, Estado do Rio, onde nasceu a 10-3-1854, tendo falecido a 24-11-1909.

TEÓFILO DIAS

Teófilo Dias de Mesquita nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1854, sendo filho do Dr. Odorico Antônio de Mesquita e de D. Joana Angélica Dias de Mesquita, a irmã predileta do excelso poeta Antônio Gonçalves Dias. Depois de cursar humanidades em S. Luís, seguiu Teófilo para o Pará, onde pretendia trabalhar no comércio. Reconhecendo, porém, que outros eram os seus pendores, embarcou para a côrte, fazendo a viagem, longa viagem de três meses, como único passageiro paisano de um navio de guerra, a fragata “Niterói”. Acolhido no Rio pela viúva de Gonçalves Dias, o rapaz consegue a proteção de personalidades influentes, entre as quais Benjamin Constant e o conselheiro Cândido Mendes. Êste obtém que êle passe a residir no convento de Santo Antônio. Dêste período de sua vida Teófilo Dias informara os seus numa carta em que diz “a cela que eu habitava pertencera ao célebre filósofo frei Francisco de Monte Alverne; o seu retrato pende ainda da parede. Confesso que incomodava-me aquela effigie de frade, cujo olhar frio, severo e terrível parecia fitar-se sôbre mim com singular tenacidade. Parecia-me, no seio daquele silêncio sepulcral da cela, ir-se destacar a voz dos lábios da estátua”. Do Rio, onde foi professor particular, seguiu Teófilo Dias para São Paulo a fim de estudar direito. Quando se formou em 1881, já se encontrava encerrada a fase tormentosa de sua existência, pois casara-se um ano antes com a primogênita de ilustre varão paulista, o conselheiro Martim Francisco de Andrada. Ensina na Escola Normal de S. Paulo, que vem a dirigir, e é eleito deputado provincial, cargo que exerce sem abandonar a imprensa e a literatura, em cujos círculos já granjeara renome desde os tempos de acadêmico com seus livros de poesia “Flôres e Amôres” (1874), “Lira dos Verdes Anos” (1876), “Cantos Tropicais” (1878).

Publicou também “Fanfarras” (1881), a “Comédia dos Deuses” (1887) e “Proclá-rias”, de inspiração social este último. Faleceu em 1889.

Parnasiano convicto, nem por isso ressentem-se suas obras da falta de vida e vibração. Foi mesmo um dos nossos poetas que melhor soube aliar a espontaneidade do seu estro, — de um lirismo exaltado e sensual — aos preceitos da escola de que foi um dos precursores no Brasil.

ARTUR AZEVEDO

Dotado de grande facilidade de produção e capacidade de trabalho, Artur Nabantino Belo de Azevedo durante decênios espalhou pelos periódicos da capital os contos e poesias em cuja feitura empregava os poucos lazeres que lhe deixava a atividade absorvente de autor teatral, o mais popular e aclamado de sua época.

Nascido em São Luís do Maranhão em 1855, muito cedo compôs seus primeiros trabalhos teatrais entre cujos intérpretes êle próprio figurou, bem como seu irmão Aluísio, o futuro romancista de “O Cortiço”. Em 1873 veio para o Rio de Janeiro onde rapidamente adquiriu nome na imprensa como cronista. O jornalismo levou-o, como êle próprio disse, à poesia e ao conto. Como poeta filiou-se ao parnasianismo, sem permitir, entretanto, que os ditames da escola lhe afetassem a espontaneidade de inspiração, nem a vivacidade e o bom humor jocoso, tão presentes em suas poesias quanto em suas páginas de prosa.

Foi funcionário do Ministério da Viação, onde teve por colega Machado de Assis, cuja vaga de Diretor Geral de Contabilidade veio a ocupar, quando do desaparecimento do mestre.

Faleceu a 22 de outubro de 1908, sucedendo-lhe na Academia de Letras (da qual era fundador) Vicente de Carvalho.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Alberto de Oliveira, Antônio Mariano nasceu em Palmital do Saquarema, Estado do Rio, em 1857. Fêz os preparatórios em Niterói e formou-se em farmácia em 1884, seguindo depois o curso médico até o terceiro ano, quando o interrompeu, passando a colaborar na imprensa da capital do país. Estreou em 1878 com as “Canções Românticas”, livro de muito superado pelos que se lhe seguiram: “Meridionais” (1883), “Sonetos e Poemas” (1886), considerado um dos marcos do parnasianismo nacional) e “Versos e Rimas” (1894). Estas obras de Alberto de Oliveira e a sua produção posterior acham-se enfileiradas nas 4 séries das “Poesias”.

Considerado o mais apegado dentre os nossos grandes poetas aos ditames parnasianos de apuro e rigidez da forma, a crítica reconhece-lhe, entretanto, raras qualidades de pintor do verso, a par de aguda e amorosa sensibilidade em relação à natureza brasileira e suavíssimas notas de lirismo, qualidades estas de sua poesia que ressaltam principalmente nas composições de mocidade e velhice. Tendo sobrevivido 26 anos a Raimundo Correia e 19 a Bilac, com Alberto de Oliveira desapareceu em 1937 o último representante de uma época excepcionalmente agitada e gloriosa da poesia nacional. “Livro de Ema” e “Alma em Flor” são consideradas suas mais formosas produções.

Exerceu diversos cargos públicos, entre os quais o de Diretor de Instrução do Distrito Federal. Foi professor da antiga Escola Normal e da Escola Dramática. Fundador da Academia de Letras, ocupou a cadeira de Cláudio Manuel da Costa.

BERNARDINO LOPES

Bernardino Lopes foi, em seu tempo, um dos poetas mais lidos no Brasil inteiro. Classificado como simbolista por alguns críticos, como parnasiano por outros, — Manuel Bandeira encontra em sua obra a predominância de características parnasianas, — soube ser sempre pessoal e manter-se distante dos exageros em que incorreram tantos cultores de ambas as escolas. Mestiço, de hábitos extremamente boêmios, de origem humilde e vida modesta, não obstante fixou de preferência ambientes requintados e elegantes, onde belas aristocratas ostentam sua graça indolente entre flôres raras e frases de espírito. Incomparável miniaturista da vida dos salões, também não o foi menos da campestre, que lhe inspirou cromos deliciosos.

Militou ativamente no jornalismo da época.

Fluminense, nasceu em Boa Esperança, município de Rio Bonito, a 18 de janeiro de 1859 e faleceu no Distrito Federal, em 1916.

Obras: “Cromos” (1881), “D. Carmen” (1890), “Brasões” 1895), “Sinhá Flor” (1898), “Val dos Lírios” (1900), “Plumário” (1905), etc.

ADELINO FONTOURA

Uns pouco sonetos compostos em hora de feliz inspiração têm salvado do olvido mais de um nome de poeta. Foi o que se verificou com o autor de "Celeste", "Beatriz" e "Atração e "Repulsão", sonetos dos quais pelo menos um é praxe figurar nos florilégios. Sem essas formosas produções, Adelino Fontoura seria tanto mais depressa olvidado quanto é um escritor que nenhuma obra deixou: seus trabalhos em verso e prosa permanecem dispersos nos periódicos do Rio de Janeiro em que colaborou ao alvorecer do parnasianismo indígena.

Nascido no Maranhão em 1859, veio para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar no comércio, mas ingressou no jornalismo, tendo sido companheiro de Artur Azevedo na "Gazetinha", de Lopes Trovão do "Combate" e de José do Patrocínio na "Gazeta da Tarde". Enfermando gravemente, viajou para a Europa, esperançoso de aí refazer a saúde, mas não retornou à pátria, falecendo em Lisboa em 1894.

AUGUSTO DE LIMA

Quando Antônio Augusto de Lima publicou seu primeiro livro, o parnasianismo acabava de se firmar com as produções de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac. Parnasianas também, as poesias de "As Contemporâneas" (1887) foram calorosamente acolhidas por Tito Lívio de Castro, que desde logo apontou no jovem autor a "correção da forma" e o "ritmo rigoroso, matemático, como só o têm os músicos", características que o poeta manteria em sua reduzida obra posterior: "Símbolos" (1892), "Poesias" (que inclui os livros anteriores e mais "Laudas Inéditas", 1909).

Foi êle um lírico que reunia sensibilidade e pensamento inquieto e indagador. Cantou o amor, os amplos painéis da natureza, e desfez finalmente as dúvidas e amarguras flagrantes em muitos de seus trabalhos nas estrofes dulcíssimas do "Poema a São Francisco de Assis" (1930)), da mais pura inspiração religiosa, publicado poucos anos antes de sua morte.

Mineiro (nasceu em Congonhas de Sabará, hoje Vila Nova de Lima, em 5-4-1860), formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e exercer numerosos e importantes cargos públicos em seu estado natal, que representou de 1910 a 1930 na Câmara dos Deputados. Integrava a Assembléia Constituinte eleita em 1934, quando faleceu em abril dêsse ano.

Outras obras poéticas: "Tiradentes" (1905), "Antes da Sombra" (inédito).

RAIMUNDO CORREIA.

Grande poeta, que soube expressar em nobres e harmoniosos versos a angústia que lhe infundiam na alma sensível "a dor de viver" e os enigmas do destino. Raimundo Correia tem sido freqüentemente comparado a Antero de Quental, de quem o aproximam a seriedade e profundidade de pensamento, a inquietação filosófica e o pessimismo de espírito, embora menos acentuados nêle que no poeta português êsses dois últimos traços.

Seu lirismo é sereno, comedido e grave, disciplinado pela visão desencantada e meditativa do mundo e da existência. Considerado por alguns críticos o maior dos nossos parnasianos, Raimundo Correia, cujo livro "Versos e Versões" (1887) constitui um dos marcos iniciais dessa escola no Brasil, não permitiu que a rigidez de quaisquer cânones tolhesse ou deformasse a expressão de sua delicada sensibilidade e de seu espírito inquieto e inquiridor, fixada em belíssimas poesias que alcançaram para o autor real e duradoura popularidade, além do pôsto que desde logo ocupou na famosa trindade parnasiana, ao lado de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.

Nascido a 13 de maio de 1860 a bordo do vapor "S. Luís", nas costas do Maranhão, bacharelou-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Caráter íntegro e coração imenso que estendia sua bondade a todos os sêres e às próprias coisas inanimadas, foi êle, em seu meio século de existência, sucessivamente promotor, juiz, secretário de presidência de província, diretor de repartição, professor de direito, secretário de legação (em Lisboa), diretor de colégio, pretor e novamente juiz (agora no Distrito Federal), cargo que exerceu até meados de 1911, quando se licenciou a fim de fazer uma viagem à Europa para tratamento de saúde. Faleceu em Paris a 13 de setembro daquele mesmo ano, tendo seus restos mortais permanecido em França até 1920, quando foram trasladados para o Brasil.

Notável tradutor de poesia, alguns de seus mais famosos trabalhos são paráfrases magistrais de produções estrangeiras.

Obra poética: "Primeiros Sonhos" (1877), "Sinfonias" (1833), "Aleluias" (1891), "Poesias" (1898).

LUIS MURAT

A crítica é concorde em apontar os traços dominantes na obra dêsse parnasiano que, pela flama e vãos de sua imaginação, se teria sentido perfeitamente à vontade no seio da família romântica. São êles a riqueza e imponência de imagens, o poder verbal, o gôsto pelas evocações históricas e as incursões proféticas pelo futuro, o menosprêzo do soneto, a que o autor preferia amplos poemas, muitos de fundo filosófico e imbuídos de acentuado pessimismo. Sua poesia é freqüentemente obscura e possui um traço de transcendentalismo pouco comum entre os poetas nacionais.

Temperamento batalhador, pugnou pela abolição e pela república. Mais tarde opôs-se na imprensa ao govêrno de Floriano, sendo forçado a refugiar-se na esquadra que se revoltara. Representou duas vêzes o Estado do Rio na Câmara Federal.

Nasceu em Resende em 1861; era formado em direito pela Faculdade de São Paulo e faleceu no Distrito Federal, em 1929.

Obras: "Quatro Poemas" (1885), "Ondas" (3 volumes, 1890-1895-7910), "Sara" (1902), "Poesias Escolhidas" (1917).

CRUZ E SOUSA

O nome de João da Cruz e Sousa está para sempre ligado ao simbolismo brasileiro, de que êle foi um dos iniciadores e o mais ilustre representante.

Nascido em 1862 na cidade de Destêrro, capital da então província de Santa Catarina, filho de dois escravos inteiramente negros, a bondade do senhor dos pais de Cruz e Sousa, o marechal Guilherme Xavier de Sousa, possibilitou ao menino excelentes estudos de humanidades, realizados no Ateneu Provincial. Desde muito jovem interessado na literatura e no jornalismo, Cruz e Sousa fundou aos dezoito anos, com seu amigo Virgílio Várzea, a "Tribuna Popular", que floresceu longo tempo. Nos anos que se seguem, levado por seu amor à vida de teatro, excursionou pelo Brasil como secretário e ponto de uma companhia, chegando até Manaus. De volta a Santa Catarina é nomeado oficial de gabinete do doutor Gama Rosa, o novo presidente da província. Terminada, porém, a administração de seu protetor, e impedido pelos preconceitos da sociedade local de ocupar o lugar de promotor para o qual fôra designado, volta Cruz e Sousa à vida literária e de imprensa, publicando em 1885 seu primeiro livro, "Trapos e Fantasias", de colaboração com Virgílio Várzea. Depois de passar um ano no Rio de Janeiro, e regressar a Destêrro, retorna, agora definitivamente, à capital do país, onde vive obscura e penosamente do jornalismo e de um empreguinho que obteve na Central do Brasil. E' dessa época sua adesão irrestrita ao movimento simbolista que, vindo de plagas gaulesas, inflamava então os espíritos, fazia surgirem da noite para o dia periódicos pró ou contra o novo credo, acendia polêmicas, empolgando um reduzido mas brilhante setor da intelligência brasileira. O poeta negro publica "Missal" (1893), seu primeiro livro de prosa, e no mesmo ano "Broquéis" — marco do simbolismo brasileiro — que estarreceu a crítica oficial, quase tôda simpatizante do parnasianismo e portanto mal preparada para compreender e apreciar aquêles versos pouco cinzelados mas de inigualável musicalidade e nobilíssima inspiração.

Tendo-se casado no mesmo ano, o pouco tempo de vida que lhe resta é ensombrado primeiro pela doença da espôsa e dificuldades financeiras, depois pela tuberculose que o acomete e leva em poucos meses. Falecido a 19 de março de 1898, deixou Cruz e Sousa outro livro de prosa. "Evocações" (publicado seis meses após sua morte) e numerosas poesias, reunidas mais tarde nos volumes "Faróis" (1900) e "Últimos Sonetos" (1905).

Acêrca do verdadeiro significado de sua obra impõe-se a referência a dois eminentes juízos: o de Sílvio Romero, que a considerou "o ponto culminante da lírica brasileira" e o de Roger Bastide, em nossos dias, colocando-a ao lado das obras de Mallarmé e Stefan George, como expressão máxima do simbolismo universal.

OLAVO BILAC

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, além de integrante da trindade máxima do nosso parnasianismo, foi o realizador de uma obra que, pela afinidade de sua inspiração com a alma brasileira, alcançou repercussão e estima de que não havia exemplo desde os tempos de Castro Alves e Casimiro de Abreu.

Tendo contribuído decisivamente para firmar no Brasil a escola parnasiana e conquistado o aprêço da crítica e do público com a publicação de "Poesias" (1888), veio a completar gloriosamente sua obra trinta anos após, com um livro póstumo, "Tarde" (1919), no qual seu estro se apresenta mais opulento, meditativo e grave, amadurecido pela reflexão e a vida.

Embora a passagem do tempo tenha alterado a atitude da crítica em relação a Bilac — a média das opiniões aponta-o hoje como um "bom poeta", que Raimundo Correia definitivamente superou — o público continua-lhe fiel ("Poesias" estava em 1940 na décima edição).

Dois motivos aponta Ronald de Carvalho para tal popularidade. Primeiro a simplicidade de sua forma: "Seus poemas escondem a *marca da oficina*, mostrando-se naturais, diríamos espontâneos se não soubéssemos que tanta elegância *requer perícia*." Outro motivo é a nota que o crítico considera mais característica da poesia de Bilac, "êsse pansexualismo, em que se misturam tôdas as vozes do cosmos e em que tôdas vibram uníssonas no mesmo sonho de amor..."

Seus versos de amor são realmente incomparáveis pela beleza e exaltação.

Foi também exímio cronista e "conteur". Homem de ação social intensa e patriota ardoroso, participou entusiasticamente das grandes campanhas nacionalistas de sua época. Orador e conferencista magnífico, ficou famosa sua atuação na propaganda do serviço militar obrigatório e da defesa nacional.

Nascido no Distrito Federal a 16-12-1865, aqui faleceu a 28-12-1918.

VICENTE DE CARVALHO

Poeta que ombreia com os maiores do período parnasiano, Vicente Augusto de Carvalho publicou seu primeiro livro ainda estudante de direito, "Ardências" (1885). A fase acadêmica foi, aliás, plena de agitação e atividade para êle, que participou arduosamente das campanhas prenunciadoras da mudança do regime. Tendo alcançado situação de destaque nos meios republicanos de São Paulo, foi eleito deputado ao Congresso Constituinte do estado, em 1891. Tão promissora carreira política era, porém, pouco depois interrompida pelo escritor, por muito o terem desiludido os acontecimentos da época e em conseqüência, também, de se haver convertido ao positivismo. Foi, então, fazendeiro alguns anos, em seguida advogado em Santos e finalmente juiz na capital do estado. Na magistratura alcançou o pôsto de ministro do Tribunal de Justiça do Estado.

Sua reduzida e formosa obra poética, que inclui mais "Relicário" (1888), "Rosa... Rosa de Amor..." (1902), "Poemas e Canções" (publicado em 1908, com um prefácio famoso de Euclides da Cunha), incorporou a nossa literatura páginas de um alto lirismo, ora meigo e súplice, ora ardente e ousado, ora comovido e persuasivo. Não lhe foi estranha, também, a nota épica, forte e sonora em "Fugindo ao Cativoiro" e "A Partida da Monção". A seu respeito escreve Jaime de Barros: "Pintor vigoroso, de um colorido vivo e quente, em belo estilo, em que rolam as imagens e vibram sonoras as rimas de largos efeitos musicais, ampliou os horizontes de parnasianismo, que não era para êle o espartilho da forma, mas a emoção transfundida em ritmos puros." Apaixonado pelo mar, dedicou-lhe versos que são dos mais belos registrados pela poesia brasileira.

Nasceu em Santos em 5-4-1866 em 1924.

EMÍLIO DE MENESES

Emílio de Meneses nasceu em Curitiba em 1867. De família paupérrima, precisou trabalhar na adolescência como preparador de drogas na farmácia de um cunhado. Aos dezoito anos, munido de cartas de apresentação para os conterrâneos da côrte, muda-se para o Rio de Janeiro, onde faz vida de imprensa e se casa. Durante o Encilhamento ganha e perde na Bôlsa uma fortuna. Boêmio e gordíssimo, conversador brilhante e sarcasta implacável, tornou-se uma das figuras mais populares da cidade, que lhe admirava a poesia, trabalhada em rígidos moldes parnasianos (em sua primeira fase êle fôra simbolista), e temia o talento do caricaturista da palavra que incorporou ao anedotário do Rio de Janeiro dezenas de pilhérias e de trocadilhos. Companheiro de Guimarães Passos e Olavo Bilac, a influência dêstes e outros amigos que pertenciam à Academia acabou fazendo que êle entrasse para o cenáculo em 1914. Não chegou, contudo, a tomar posse, por não se conformar com as restrições feitas pela mesa da instituição ao discurso que preparara acêrca do seu antecessor: Salvador de Mendonça.

Ao falecer em 1918 deixara diversos volumes de composições líricas: "Marcha Fúnebre" (1892), "Poemas da Morte" (1901), "Poesias" (1909), "Últimas Rimas" (1917), um poema sôbre a tragédia do Aquidabã, "Dies Irae", e o material para

um famoso volume de sonetos satíricos: "Mortalhas" (os deuses em ceroulas), editado em 1924.

GUIMARÃES PASSOS

Em dois volumes de composições líricas: "Versos de um Simples" (1891), "Horas Mortas" (1901) e um terceiro de versos humorísticos, "Pimentões" (1897), escrito em colaboração com Olavo Bilac, cifra-se o principal da produção poética de Sebastião Cícero dos Guimarães Passos.

O autor da famosa "Casa Branca da Serra" nasceu em 1867 em Maceió, onde fez estudos primários e provavelmente os secundários. Aos dezenove anos veio para o Rio de Janeiro que atravessava então uma fase de excepcional efervescência em matéria de política e de letras, com os pródomos da abolição e da república e a brilhante atividade dos primeiros parnasianos. E' a grande época da boêmia literária celebrada mais tarde por Coelho Neto nas páginas de "Conquista" e "Fogo Fátuo". O provinciano recém-chegado ligou-se às mais notáveis figuras dessas rodas folgazãs, a Bilac, Pardal Mallet, Paula Ney e por elas apadrinhado iniciou-se na literatura e no jornalismo. Passam-se os anos, vem a República e a revolta da esquadra. Guimarães Passos está com os rebeldes e integra o governo revolucionário instalado no Paraná. Após a derrota é obrigado a expatriar-se na Argentina durante ano e meio. Para viver faz conferências, colabora em "La Prensa" e "La Nacion". Ao regressar à pátria tudo encontra transformado, desfeitas as rodas boêmias, instalados os amigos em bons cargos. Última personagem de uma era extinta, o poeta prossegue no antigo gênero de vida que depressa o leva ao depauperamento e à moléstia. Tuberculoso, primeiro procura o clima de Minas, mais tarde o da Madeira e finalmente Paris, onde faleceu a 9 de setembro de 1909.

"Era na sua modéstia de poeta simples bem o reflexo de um momento da nossa raça, era o derradeiro representante da boêmia amorosa em que se cristalizara durante muito tempo a vida contemplativa de todos nós", escreveu Paulo Barreto, seu sucessor na Academia de Letras.

MARIO PEDERNEIRAS

Sem alcançar as alturas em que pairaram Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimarães seus contemporâneos e companheiros de escola, ainda assim figura Mário Pederneiras com realce no grupo de simbolistas que a história da nossa literatura aponta como representativo do movimento. Sua poesia é pessoal e considerada inovadora para a época, já pela forma, o metro livre, que êle dominava perfeitamente e de preferência empregava, já pelos temas que escolhia, destituídos de qualquer pompa ou artifício, simples, naturais, colhidos em sua própria existência e no ambiente que o cercava. Foi, assim, o nosso cantor do humilde cotidiano e das alegrias e doçuras da vida íntima. Suas "Histórias de meu Casal" (1906), que êle declarou "inspiradas na delicadeza de um convívio sentimental das Árvores e do Mar, do Amor a meus Filhos", constituem uma bela manifestação de um delicado artista e de um grande coração. "Cantor da Cidade", tem sido também chamado, porque amou enternecidamente a terra carioca e celebrou-lhe as praias, as montanhas, os crepúsculos e os jardins.

Nascido em 1867 no Rio de Janeiro, aqui fez o curso ginasial, entrando depois para a Faculdade de Direito de São Paulo, que seguiu até o segundo ano. De volta ao Rio, faz vida de imprensa. Data de então sua amizade com duas outras notáveis figuras do simbolismo nacional, Gonzaga Duque e Lima Campos, dos quais se tornou companheiro inseparável, tendo com êles fundado diversos periódicos, inclusive o "Fon-Fon", que surgiu em 1908 como algo de novo e audacioso para a época e que notável influência exerceu na vida literária do país, da qual revelou um Hermes Fontes, um Olegário Mariano, um Filipe d'Oliveira e outros mais. Mário Pederneiras, que paralelamente a uma grande atividade de imprensa exercia as funções de taquígrafo do Senado, faleceu nesta capital a 8 de fevereiro de 1915.

Obra poética: "Agonia", "Rondas Noturnas" (1901), "Ao Léu do Sonho e à Mercê da Vida" (1912), "Outono" (1921), publicação póstuma.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

A feição poética está longe de ser a mais importante e acentuada na rica personalidade literária de José Joaquim da Costa Medeiros e Albuquerque. Nela sobrelevem o contista, o divulgador incomparável de novidades científicas e o conferencista que sabia trazer toda uma platéia presa aos seus conceitos belos ou

espirituosos, sempre inteligentes. Foi através da poesia, porém, que êle ingressou na literatura: "Pecados", "Canções da Decadência" e o poemeto "O Remorso" foram as obras com que, entre 1883 e 1890, se incorporou aos parnasianos que então surgiam. Sua inteligência excepcionalmente ágil e penetrante e sua cultura sempre enriquecida da aquisições recentes conduziram-no porém para outros campos, e das dezenas de volumes que deixou, que incluem ficção, crítica, memórias, conferências e trabalhos de ciência, de poesias são apenas aquêles três e mais "Fim" (1922) e "Quando eu Falava de Amor" (1933).

Medeiros e Albuquerque nasceu em Recife a 4 de setembro de 1867 e faleceu nesta capital a 9 de junho de 1934. Seu nome está ligado à história da simplificação ortográfica, da qual foi um dos primeiros e mais entusiastas defensores.

EMILIANO PERNETA

"A poesia de Emiliano Pernetá", diz Tasso da Silveira, "é uma palpação de entusiasmo heróico e de juventude." Essa definição constitui elemento bastante para se concluir quão pessoal foi a obra de Emiliano Pernetá, que soube produzir dentro dos cânones da escola simbolista sem repetir a solenidade e a exaltação próprias de um Cruz e Sousa, nem o misticismo e o delicado lirismo de Alphonso de Guimaraens.

Nascido em Curitiba em 1867, formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, publicando ainda acadêmico seu primeiro livro: "Músicas" (1888). Após breve estada no Paraná, reside algum tempo no Rio de Janeiro, onde colabora na imprensa. Exerce em seguida a magistratura em Minas Gerais, como promotor e juiz. Quando regressa a seu estado, por motivo de enfermidade, obtém em concurso as cadeiras de português e pedagogia do Ginásio Paranaense e da Escola Normal. Ao falecer era auditor de guerra e lente de direito penal militar da Universidade do Paraná.

Escreveu mais "Alegorias" (1893), plaquete em prosa, "O Inimigo" (romance, 1898), e "Ilusão" (1911), versos, sua melhor obra.

ALBERTO SILVA

Alberto José de Paula e Silva foi poeta, professor, lingüista, pintor e ativo político. Companheiro de Quintino Bocaiuva e José do Patrocínio, participou das jornadas da abolição e da república. Exerceu as funções de inspetor escolar no Estado do Rio e lecionou desenho no Ginásio Fluminense.

Era fluminense, natural de Sete Pontas, no município de São Gonçalo.

Deixou traduções de trechos da "Ilíada" e da "Odisséia".

Obras: "Matinais", "Nômades e Sedentários".

ZEFERINO BRASIL

Zeferino Brasil nasceu em Taquari, no Rio Grande do Sul, a 24 de abril de 1870 e faleceu em seu estado natal a 3 de outubro de 1942.

Tendo revelado muito cedo seus pendores poéticos, publica aos vinte e um anos o volume "Alegres e Surdinas", a que se seguem "Traços Cór-de-rosa" (1893) e "A Comédia da Vida" (1897), livro com que encerra a primeira fase de sua poesia, ainda indecisa e de traços pouco marcados. Com "Vovô Musa", porém, dada a lume em 1903, ganham as letras gaúchas um belo e delicado poeta que logo se torna dos mais apreciados e populares do seu estado. As produções posteriores de Zeferino Brasil, "... escritor remanescente daquela fase, hoje para todo o sempre desaparecida, a face mágica e prestigiosa da nossa poesia, sem que, para se ter talento, precisava-se antes ser boêmio...", embora não repetissem o êxito de "Vovô Musa", confirmavam sua situação de valor autêntico da poesia sulina. Além dessas produções, que foram "Visão do Ópio" (1906), "Na Torre de Marfim" (1910), "Teias de Luar" (1924), e "Alma Gaúcha" (1935), deixou um romance e um livro de crônicas, escritos em prosa de bom quilate.

AZEVEDO CRUZ

João Antônio de Azevedo Cruz tem sido justamente colocado no grupo de poetas parnasianos que, em ordem de valor, se seguem logo após aquêles que mais destacadamente representaram a escola no Brasil. Seu poema sobre o Paraíba, a que êle assim se refere, "rio que rolas dentro do meu peito", é considerado mesmo mais formoso que o de Alberto de Oliveira. Natural de Campos, onde nasceu a 22-7-1870, cantou eternecida e sugestivamente as paisagens e o luar da terra natal.

Neto de escravos, bacharelou-se em direito na Faculdade do Rio de Janeiro e chegou a exercer importantes cargos oficiais no Estado do Rio: foi secretário geral do estado e chefe de polícia no governo Nilo Peçanha.

Jornalista, polemista e orador, faleceu em Nova Friburgo a 22 de janeiro de 1905.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Além de Cruz e Sousa apenas uma grande figura produziu o simbolismo nacional, que foi Alphonsus Henriques da Costa Guimaraens o suavíssimo e inspirado lírico da "Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte", o puro e místico cantor do "Septenário das Dores de Nossa Senhora", cujos versos impregnados de melancolia e mansuetude, de uma dulcíssima musicalidade, tanto contrastam com a exaltação e a eloquência do poeta negro. Sua poesia, aliás, casa-se admiravelmente ao homem que êle foi e à vida que levou, homem modesto e bom, profundamente emotivo e religioso, vida de obscuridade e desprendimento, votada à arte e à família.

Nascido em 24-7-1870, em Ouro Prêto, Alphonsus de Guimaraens inicia estudos de engenharia na Escola de Minas mas acaba cursando as Faculdades de Direito de São Paulo e de Ouro Prêto. Formado, não abandona a literatura e o jornalismo que desde jovem muito o interessavam, continuando a produzir ao mesmo tempo que exerce vários cargos na magistratura mineira. Primeiro foi promotor em Conceição do Sêrro, depois juiz na mesma localidade e mais tarde, após casar-se, também juiz em Mariana, cidade que tanto amou e celebrou em versos, onde faleceu a 15 de agosto de 1921.

Alphonsus de Guimaraens, que era sobrinho de Bernardo Guimarães, cuja filha Constança, morta na adolescência, foi sua noiva e inspiradora, deixou mais as seguintes obras de poesia: "D. Mística", "Kiriale", "Pauvre Lyre" (versos em francês). Em 1938 o Ministério da Educação publicou um volume (de edição dirigida e revista por Manuel Bandeira) que encerra as poesias dos livros mencionados (menos as de "Pauvre Lyre") do magnífico poeta, fazendo-lhe a crítica, através de suas figuras mais representativas, a justiça que sempre lhe devera.

FRANCISCA JÚLIA

Francisca Júlia da Silva (1871-1920), sôbre ser uma notável figura da nossa poesia feminina, singularizou-se pela adesão radical aos preceitos parnasianos de apuro da forma e impessoalidade da obra, que ela procurou rigorosamente seguir nos versos de "Mármore", sugestivo título do volume com que estreou em 1895. Já era então conhecida através da colaboração em vários periódicos do seu estado, São Paulo e do Rio, entre os quais a revista de Valentim Magalhães, "A Semana". O aludido volume, cujas composições são inspiradas pela civilização grega e por motivos da literatura clássica, foi mais tarde reeditado sob o nome de "Esfinges", acrescido de algumas poesias. Juntamente com Emilio de Meneses, Francisca Júlia foi uma guardiã da ortodoxia parnasiana, de que na realidade bastante se afastaram, uns mais que outros, todos os demais representantes brasileiros da escola.

ALBERTO RAMOS

Pela finura de inspiração e elegância de forma de sabor clássico, Alberto Ramos incluiu-se entre os nossos melhores elegíacos, tendo enriquecido a poesia parnasiana com numerosas composições dêsse gênero não muito cultivado após o romantismo. Distinguiu-se também na sátira, outro ramo da poesia raramente versado entre nós com arte e superioridade. Foi um dos precursores do emprêgo intensivo do verso livre e talvez o primeiro a celebrar o atleta e o esporte.

Nascido no Rio Grande do Sul em 1871, passou a adolescência na Suíça e ao regressar formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Colaborou abundantemente na imprensa paulista e a partir de 1931 no "Boletim de Ariel", do Rio de Janeiro, onde publicou ensaios e poesias.

Obra poética: "Odes e Outros Poemas", "Ode do Campeonato", "Ode a Santos Dumont", o "Último Canto do Fauno", "Elegias e Epigramas", "Canto do Centenário", "Livro dos Epigramas". Traduziu Heine e Goethe.

BELMIRO BRAGA

Belmiro Braga iniciou a vida como caixeiro de padaria, depois prosperou, passou a dono; foi também guarda-livros, tabelião, agente de companhia de se-

guros, mas foi sempre e principalmente poeta, poeta de um sentimento ingênuo e suave que o fez uma das figuras mais queridas e populares das letras mineiras deste século. Tão espontânea era sua arte que em versos é que êle costumava dirigir-se à freguesia e aos amigos. Compunha com o coração e contentava-se em que houvesse apenas lirismo e ternura em suas poesias. Nasceu em Vargem Grande em 1872 e faleceu em 1937, tendo pertencido à Academia Mineira de Letras. Seu livro de estréia, "Montesinas" (1902) foi calorosamente acolhido por José Ve-ríssimo e Medeiros e Albuquerque. Deixou mais "Cantos e Contos", "Rosas", "Contas de meu Rosário", "Tarde Florida", "Redondilhas" e em prosa um livro de memórias, "Dias Idos e Vividos", além de peças teatrais. Cognominaram-no o "Rouxinol Mineiro".

AMADEU AMARAL

Amadeu do Amaral Penteado nasceu em Capivarã, Estado de São Paulo, a 6 de novembro de 1875. Na cidade natal fez os primeiros estudos, seguindo mais tarde o curso anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, cidade onde se iniciou e firmou no periodismo, vindo a dirigir vários órgãos da imprensa paulista e, durante algum tempo, "A Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro.

Serviu em diversas repartições da capital do país e do seu estado. Homem boníssimo, deixou forte impressão naqueles que de perto o conheceram. Monteiro Lobato para relembra-lo só encontra uma palavra: VIRTUDE! e Sud Mennucci chamou-o Santo Amadeu. Faleceu em São Paulo a 24-10-1929.

Poeta e ensaísta, publicou, entre outros, os seguintes livros de poesias: "Urzes" (1829), "Névoa" (1910), "Espuma" (1911), "Lâmpada Antiga" (1924). Foi também exímio conferencista e deixou estudos sobre folclore, muito apreciados.

A seu respeito escreveu Agripino Grieco que "... se não foi um grande artista, foi um artista e, nos melhores momentos, a sua frente era de um pensador que quis aclarar o problema do destino".

Sucedeu a Olavo Bilac na Academia de Letras.

MARCELO GAMA

Marcelo Gama (pseudônimo literário de Possidônio Machado), formou com Zeferino Brasil e Alceu Wamosy a trindade poética mais admirada e querida dos pampas. Inteligência cuja agudez era reforçada por natural pendor epigramático, senhor de excelente cultura, não se restringiram seus êxitos ao terreno poético, onde se revelou autor de esquisita sensibilidade e emoção comunicativa, brilhando também como jornalista, conferencista e crítico, o mais acatado do Rio Grande do Sul do seu tempo. Nascido na cidade de Cachoeira no ano de 1878, faleceu em 1915. Sua obra é pequena: dois livros de versos, "Via Sacra" e "Noite de Insônia", e uma peça dramática, "Avatar".

GOULART DE ANDRADE

José Maria Goulart de Andrade nasceu em Maceió a 6 de abril de 1881. Tendo vindo para o Rio de Janeiro aos dezessete anos, a fim de cursar a Escola Naval, trocou-a passados tempos pela Escola Politécnica onde se formou em 1906. Posteriormente ingressou na Prefeitura do Distrito Federal, da qual foi engenheiro. Tendo-se feito amigo dos grandes nomes do jornalismo e das rodas literárias de então, de Olavo Bilac, Emílio de Meneses, Guimarães Passos, Tomás Lopes e outros, Goulart de Andrade logo publicou produções reveladoras dos pendores poéticos marcados e pessoais que o levaram a reviver e praticar certa antigas formas, como o vitancete, o rondó, a balada e o conto real, nas quais deixou produções de inegável beleza que o qualificam como um dos maiores cultores do gênero em língua portuguesa.

Faleceu a 19 de dezembro de 1936, deixando também diversas peças teatrais, um romance, "Assunção" (1913)), e uma apreciada tradução do famoso romance de Enrique Larreta, "La Gloria de D. Ramiro".

Obra poética: "Poesias", primeira série, (1907), "Poesias", segunda série, (1923), "Canto do Brasil Novo" (1923) e "Poesias" terceira série, (1924).

Pertenceu à Academia de Letras, onde substituiu o almirante Jaceguai na cadeira n.º 6.

CARLOS GÓIS

A poesia é em Carlos Góis uma das brilhantes facetas de um espírito multi-formemente bem dotado. Nascido no Estado do Rio em 1881, bacharelou-se em

direito e exerceu com êxito a advocacia até inscrever-se num concurso para lente de latim do Ginásio Oficial de Minas, conquistando a cadeira em concorrência com os maiores latinistas do estado. Polígrafo, tem cultivado, além da poesia, o conto, o teatro, o folclore, a filologia e a didática. Na sua obra, que abrange nesses ramos cêrca de duas dezenas de volumes, a poesia acha-se representada por dois livros: "Crótalos" e "Cítaras". Pertence à Academia Mineira de Letras.

CASTRO MENESES.

Foi com um volumezinho de poesias, "Mitos", publicado quando o autor ainda era adolescente, que Alvaro de Sá Castro Meneses se incorporou ao grupo de discípulos de Cruz e Sousa. Está admiração pelo grande poeta dos "Broquéis" levou-o mesmo a fundar em companhia de amigos uma revista que se chamou "Rosa Cruz" e que ficou ligada à história de nossas letras nos primeiros anos do século, já por ter sido uma espécie de órgão oficial do movimento simbolista, já pela excelência das colaborações que enfeixava. Mas embora fôsse marcadamente poética a vocação literária de Castro Meneses e continuasse êle a distribuir pela imprensa do Rio e dos estados suas produções em versos, interêsses mais imediatos e a luta pela vida forçaram-no a desviar para outros campos seu talento e capacidade de trabalho. Foi assim que enveredou pelos estudos de economia e finanças, granjeando sólida reputação nesses assuntos e publicando alguns livros a respeito. De poesia mais um apenas veio a lume: "Estrada de Damasco" (1922, publicação póstuma).

Castro Meneses, que também foi "conteur" e cronista, nasceu em Niterói em 1883. Bacharelou-se em letras, pelo Ginásio Nacional e em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Estêve algum tempo no Pará, onde foi professor e jornalista, e também passageiramente exerceu a magistratura em seu estado natal. Foi catedrático da Escola Superior de Agricultura e secretário geral da Associação Comercial do Rio de Janeiro e da Federação das Associações Comerciais do Brasil. Faleceu em 1920.

MARTINS FONTES

Acêrca do livro de estreia de Joaquim Martins Fontes, "Verão" (1901), diz Agripino Grieco que "não pode ser omitido entre as coletâneas mais expressivas do nosso segundo parnasianismo". Poeta de exaltada inspiração, imaginoso, grande colorista, dominando com segurança a técnica do verso, desfrutou em certa época de enorme prestígio e foi chamado por Olavo Bilac de "príncipe dos poetas brasileiros". Mais tarde a crítica acoimou-o de rebuscado e de não ter evoluído, permanecendo em tôda a sua vasta obra posterior o mesmo poeta da estréia.

Nascido em Santos em 1884, aí faleceu em 1937. Era formado em medicina e exerceu proficientemente a profissão no Departamento de Saúde Pública e na Santa Casa de sua cidade natal. Conferencista e teatrólogo, grande trabalhador intelectual, sua produção inclui numerosos volumes, entre os quais: "Rosicler", "Volúpia", "Marabá", "Pastoral", "Prometeu", "Escarlate", "O Céu Verde", "Arlequinada", "Partida para Citera", "Tôrres de Fantasia", "Vulcão", "Guanabara", "Sombra, Silêncio e Sonho", "Teatro", "Corações do meu Vergel", etc. Foi membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

LUÍS EDMUNDO

Atualmente Luís Edmundo é quase só conhecido como o historiador da capital do país, cujo passado êle logrou, com rara felicidade, reconstituir e evocar nas páginas de "O Rio de Janeiro do Tempo dos Vice-reis" e "O Rio de Janeiro do meu Tempo". Não é essa porém, a única, nem talvez a principal feição do seu talento. Em outras épocas foi êle poeta tão lido e apreciado quanto o pitoresco e atraente historiador de agora.

Quando Luís Edmundo publicou seus primeiros versos, existiam ainda as famosas rodas boêmias e os circulos literários onde sobressaíam a personalidade de Bilac, o sarcasmo de Emílio de Meneses e o espírito de Guimarães Passos. Dêste tempo, que pertence a um Rio de Janeiro para sempre desaparecido, são algumas de suas melhores e mais divulgadas produções, que justificam as palavras de Viário Correia ao afirmar, "mais do que tudo Luís Edmundo é poeta. Poeta na melhor, na mais sã, na mais nobre acepção da palavra — poeta de espontaneidade, de singeleza, de alma e de coração". Além de "Poesias", com diversas edições, é também autor de "Nimbus", "Turibulos", "Turrís Eburnea" e "Rosa dos Ventos".

BRASILEIRAS DE AMOR

HUMBERTO DE CAMPOS

O conto alegre, primeiro, a crônica, depois, foram os gêneros em que mais se deteve a pena incansável de Humberto de Campos. As crônicas, aliás, e ao volume de "Memórias", deveu êle a preeminência que alcançara em seus últimos anos na vida literária do país. Mas embora atualmente um tanto esbatida pela distância a sua obra poética, tempo houve em que a crítica recebia Humberto de Campos como uma nova e radiosa figura da poesia nacional. Isso quando da publicação das duas séries da "Poeira", a primeira das quais, editada em 1910, quando êle ainda se encontrava no Pará, veio a ser o seu documento de apresentação que logo lhe valeu o ingresso nas redações e nas rodas literárias do Rio, quando o escritor para aqui se transferiu, dois anos depois. Estes dois livros, mais tarde reunidos no volume "Poesias", são os únicos de versos em tôda a extensa obra do autor de "O Monstro e Outros Contos", cujo estilo harmonioso e fluente, de linguagem rica e cuidada, mas sem excessos, estava a indicar uma brilhante carreira de prosador.

Humberto de Campos, que nasceu em Miritiba, no Maranhão, em 1885, de família modesta, e que depois de uma infância e mocidade acidentadas e difíceis, foi deputado, acadêmico, e o escritor mais lido e admirado de há 10 anos passados, faleceu em 1934, no Rio de Janeiro, tendo sido a sua morte considerada uma perda nacional.

MANUEL BANDEIRA

Manuel Bandeira nasceu em Recife a 19 de abril de 1886. Dos dois ao seis anos residiu no Rio de Janeiro, aonde retornou para tirar os preparatórios no então Ginásio Nacional. Concluído o curso ginásial segue para S. Paulo, onde pretendia estudar arquitetura. Adoecendo, porém, entre o primeiro e o segundo ano, é forçado a interromper os estudos e iniciar longa peregrinação pelo país e o estrangeiro em busca de saúde. Durante êstes anos afirma-se e apura sua vocação poética, dando a lume o escritor seu primeiro livro no ano em que regressou da Suíça, "Cinza das Horas" (1917). Seguem-se "Carnaval" (1919), que constituiu um marco da moderna poesia brasileira, "Poesias" (1924), "Libertinagem" (1930), "A Estrêla da Manhã", (1936). Tradutor, professor de literatura, colaborador assíduo em diversos órgãos da capital e dos estados, reuniu suas melhores páginas de prosa no volume "Crônicas da Província do Brasil", (1936). Em 1937 e 1940 publicaram-se suas "Poesias Escolhidas" e "Poesias Completas". E' autor também de duas magistrais antologias de poetas da fase romântica e da fase parnasiana, publicadas na coleção do Ministério da Educação.

Acêrca de Manuel Bandeira, sem dúvida um dos grandes poetas do Brasil, escreveu Jaime de Barros: "A maior glória do Sr. Manuel Bandeira está na fidelidade a si mesmo e à poesia. Ele tem sabido viver profunda e intensamente cada momento de sua vida. Poderíamos reconstituí-la no desalento do "Cinzas das Horas", na reação alegre, irônica, erótica e mórbida de "Carnaval". Em cada um destes períodos encontramos fragmentos da vida, pedaços d'alma, súbitas cristalizações das idéias, no longo, variado e imprevisito caminho percorrido por sua poesia."

HEITOR LIMA

O advogado de renome, o jornalista e o ardoroso combatente pró divórcio quase fizeram esquecer em Heitor Lima o poeta que êle foi na mocidade. Seu nome figura, entretanto, quer na "Evolução da Poesia Brasileira", de Agripino Grieco, quer em "Poetas do Brasil" de Jaime de Barros, como integrante do numeroso grupo de vates que prolongaram no Brasil a existência da escola parnasiana e precederam o modernismo. Amigo e fervoroso admirador de Bilac, Heitor Lima estreou em 1915 com o volume "Primeiros Poemas". Era filho do Estado de Minas Gerais, onde nasceu em São Paulo de Muriaé em 1887, e faleceu no Distrito Federal no ano de 1945.

ADELMAR TAVARES

Delicada, agradável, a poesia de Ademar Tavares destinava-se naturalmente a uma rápida popularidade. Seu lirismo meigo, comunicativo, a graciosidade inegável de muitas de suas trovas, fazem que o autor de "Noite Cheia de Estrêlas" escape à notoriedade restrita da crítica e dos círculos literários para alcançar auditórios mais amplos, embora menos requintados. Outras notas que de quando

em quando repousam em sua obra são a patriótica e uma religiosidade singela, bem brasileira.

Adelmar Tavares nasceu em Recife a 16-2-1888. Bacharel em direito em 1909 pela faculdade de seu estado, transferiu-se no ano seguinte para o Rio de Janeiro, onde ingressou na magistratura. Sucessivamente promotor público, curador de rendas e testamentos e curador de órfãos, foi promovido a desembargador em 1940. E' professor de direito penal na Faculdade do Estado do Rio e ocupa na Academia a cadeira n. 11 (Fagundes Varela).

Outras obras: "Descantes" (1907), "Luz de Meus Olhos — Miriam" (1911), "O Caminho Enluarado" (1932).

HERMES FONTES

Natural de Sergipe, onde nasceu na vila do Buquim em 1882, Hermes Fontes veio aos dez anos para o Rio de Janeiro, aqui fazendo estudos ginasiais e se formando em direito. Estréia na imprensa ainda adolescente no "Fluminense" de Niterói e durante longo tempo distribui pelos periódicos trabalhos em poesia e prosa reveladores de real talento. Foi seu primeiro livro de versos, porém, "Apo-teoses" (publicado em 1908), quando o autor cursava o terceiro ano de direito, que em meio aos aplausos da crítica o situou no grupo de ilustres coestaduanos seus que tanto têm contribuído para maior brilho da inteligência brasileira. "Este que aí chega tem proporções para ser grande", escreveu então Rocha Pombo, prognóstico amplamente confirmado pelas obras posteriores: "Gênese" (1913), "Ciclo de Perfeição" (1914), "Mundo em Chamas" (1914), "Miragem do Deserto" e "Epopéia da Vida" (1917), "Microcosmo" (1919), "A Lâmpada Velada" (1922), "Fonte da Mata" (1930), que vão balizando a carreira do autor e revelando uma poesia a princípio de inspiração cósmica, toda voltada para os grandes espetáculos da natureza, admiravelmente versados por seu grande poder verbal, mais tarde humanizada pela vida e sensível à modestas emoções terrenas. Hermes Fontes, que sem embargo de toda a sua opulenta bagagem literária não foi eleito para a Academia nas cinco vezes que o tentou, suicidou-se nesta capital a 25 de dezembro de 1930.

OLEGÁRIO MARIANO

Olegário Mariano foi eleito príncipe dos poetas brasileiros após a morte de Alberto de Oliveira. Credenciou-o para isso o merecido renome que adquirira com poesias de um lirismo delicado e pessoal sombreadas aqui e ali por um toque de melancolia e reflexão. E' o cantor amoroso das cigarras, e seus versos, que geralmente ficam no plano da sensibilidade, ascendem por vezes a alturas superiores em produções impregnadas de suave desencanto, como "A Velha Estrada" e "Fôlha Morta".

Nascido em Pernambuco em 1889, transferiu-se muito moço para o Rio de Janeiro onde se ligou ao grupo de Mário Pederneiras, iniciando assídua colaboração em "Fon-Fon", então dirigida por esse escritor. Sua primeira obra data de 1911: "Angelus". Seguiram-se "Últimas Cigarras" (1915), "Castelos na Areia" (1923), "Cidade Maravilhosa" (1922), "Evangelho da Sombra e do Silêncio — Água Corrente" (1930), "Destino" (1931), etc. E' também autor de "Canto da Minha Terra", de sincera emoção patriótica. Integrou a assembléia de 1934, como representante do Distrito Federal, e em 1937 pertencia à Câmara dos Deputados. Foi eleito em 1926 para a Academia de Letras.

GUILHERME DE ALMEIDA

Guilherme de Almeida é por igual um dos poetas mais lidos no Brasil e um daqueles que mais sedutora personalidade poética, finura de inspiração e segurança da técnica tem revelado. Lírico amoroso em "Nós", discretamente elegíaco em "Livro de Horas de Soror Dolorosa", instaurador do nativismo na poesia modernista, em "Raça" e "Meu", conforme frisou em entrevista a Silveira Peixoto, com êsses e numerosos outros livros qualificou-se entre os mais formosos poetas do país. Sabendo fixar com idêntica delicadeza um momento de amor e a doçura do entardecer, vigoroso e pessoal nas poesias nativistas, requintado nos versos de inspiração sentimental, possui todos os predicados que se requerem de um poeta para alcançar vitória integral junto à crítica e ao público. E' considerado um dos maiores tradutores de poesias que a nossa literatura registra. Entre os seus trabalhos desse gênero contam-se a versão de "Toi et Moi" de Paul Géraldy, de "Fêtes Galantes" de Verlaine e de "Gitanjali" e "O Jardineiro" de Rabindranath Tagore.

Nasceu em Campinas a 24 de julho de 1890. Formado em direito pela Faculdade de São Paulo, exerce intensa atividade jornalística como cronista social e cinematográfico.

Outras obras: "A Dança das Horas", "A Fruta que eu Perdi", "Encantamento", "Você", "Simplicidade", "Carta a Minha Noiva", "Carta que eu te Mandei", "Cartas de meu Amor", "Messidor", etc., etc.

FILIPE D'OLIVEIRA

Quando Filipe d'Oliveira chegou ao Rio de Janeiro, vindo da terra gaúcha, atravessava a poesia nacional êsse período de indecisão que precedeu o modernismo, em que se mesclavam nas composições de muitos poetas a técnica parnasiana e as tintas do simbolismo. Nos poemas de "Vida Extinta" (1911), seu livro de estréia, bruxoleram alguns dos derradeiros clarões do nosso decadentismo. O poeta evoluiu, após, para formas mais independentes e modernas, onde o esteta e o amoroso de sensação deixaram algumas belas produções. "Gentleman" e esportista, expressou em versos harmoniosos e claros, de imagens nítidas e geométricas, a riqueza da sua vida interior e as reações de sua sensibilidade aguda mas controlada. Seu último livro, "A Lanterna Verde", é de 1927. Homem de ação, interessado nos destinos de seu país, trabalhou pela vitória do movimento revolucionário de 1930. Implicado na revolução constitucionalista de S. Paulo, teve de retirar-se para a França, onde em fevereiro de 33 encontrou a morte num acidente de automóvel, próximo de Paris, aos quarenta e um anos de idade.

GILKA MACHADO

A Gilka Machado tem conferido a crítica o primado da nossa poesia feminina. Estreando, mal transposta a adolescência, com "Cristais Partidos" (1915), sua poesia pessoal, vigorosa e instintiva provocou nas palavras de um crítico, "uma irrigação de seiva em nosso lirismo", alvoroçando nas opiniões, impondo-se, fazendo proliferar em breve tempo uma legião de imitadores. Versos exaltados, fortemente sensuais, que só encontram "pendant" no gênero nas composições exóticas de Bilac, são os dêsse volume e dos que o seguiram: "Estados d'Alma", "Mulher Nua", "Meu Glorioso Pecado", "Carne e Alma", que vieram consolidar o prestígio desde logo alcançado pela autora. Sua última obra, "Sublimação", difere das anteriores pela maior riqueza de motivos e serenidade de tom, incluindo poemas de conteúdo social, reveladores de não ter Gilka Machado permanecido indiferente aos temas que hoje se oferecem aos poetas, possibilitando-lhes colaborar na construção do futuro.

Nascida no Distrito Federal em 1893, Gilka Machado é viúva do poeta Rodolfo Machado e mãe da grande dançarina brasileira Eros Volusia.

MÁRIO DE ANDRADE

Romancista, poeta, crítico de literatura e de arte, musicista e folclorista, conferencista e "conteur", Mário de Andrade nasceu em 1893 na cidade de São Paulo, onde após fazer os preparatórios cursou o Conservatório Dramático e Musical, cuja cadeira de História da Música regia ao falecer a 25 de fevereiro de 1945.

Suas primeiras obras foram de poesia: "Há uma Gôta de Sangue em Cada Poema" (1917) e "Paulicéia Desvairada", publicada em 1922, no ano da "Semana da Arte Moderna", da qual foi uma das figuras mais destacadas. Data, dessa época o redobramento do interesse do escritor pela música nacional e os estudos folclóricos, para os quais se volta o melhor da sua atividade e do seu admirável espírito crítico. Sem embargo disso, também publica nessa fase alguns volumes de poesias e dois dos seus maiores livros "Macunaíma" (1928, rapsódia romancesada) e "Belazarte" (contos, em 1934). Foi o orientador do movimento modernista e exerceu inigualável influência no campo da arte, das ciências sociais e das letras no Brasil.

Ocupou importantes cargos oficiais, beneficiando a alta administração com o concurso da sua cultura polimorfa e dos seus dotes de organizador. Primeiro diretor do Departamento de Cultura de São Paulo e professor de Filosofia da Arte da Universidade do Distrito Federal, também colaborou no Instituto do Livro onde foi o autor do projeto que deu origem ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Outras obras de poesia: "Losango Cáqui" (1926), "Ciã do Jaboti" (1927), "Remate de Males" (1930), "Poesia" (1942).

RONALD DE CARVALHO

Historiador, poeta, ensaísta, crítico de literatura e de arte, Ronald de Carvalho incorporou ao patrimônio cultural do país uma obra de rara variedade, onde a riqueza do conteúdo, a inteligência e a beleza dos conceitos, se apresentam sempre marcados pela harmonia e clareza que fizeram do escritor um dos maiores prosadores brasileiros desta metade do século. Embora o humanista e o crítico nos pareçam nêla maiores que o poeta, também foi importante sua obra nesse campo, em particular sua contribuição para o advento da nova poesia brasileira. Tendo estreado com um livro que vacilava entre o parnasianismo e o simbolismo, "Luz Gloriosa" (1912), e sido premiado pela Academia com "Poemas e Sonetos" (1919), evoluiu para os versos livres, plenas de sabedoria e encantamento, dos "Epigramas Irônicos e Sentimentais", (1922) e a poesia eloqüente de "Tôda a América" (1926).

Nasceu no Rio de Janeiro em 1893. Aqui fez os estudos primários, os ginasiais e cursou a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, bacharelando-se em 1912. Segue-se curto estágio de estudos na Europa e sua entrada para o Itamarati, onde fêz rápida e brilhante carreira, integrando missões diplomáticas e ocupando vários postos na Europa e na Secretaria de Estado. Ao falecer em fevereiro de 1935, em consequência de um acidente de automóvel exercia as funções de Secretário da Presidência da República. Foi uma das mais dinâmicas figuras do período de luta de que resultou a vitória do movimento modernista.

Em sua obra de crítico e ensaísta destacam-se a "Pequena História da Literatura Brasileira", "Espelho de Ariel" e as três séries dos "Estudos Brasileiros".

MURILO DE ARAÚJO

"Nesse poeta, diz Agripino Grieco, como em quase todos os da sua arte, existem dois poetas: um ingênuo, tímido, que adora os versos e os sonhos como adoraria os barquinhos de papel ou os balões acesos, que fica diante da vida como diante de uma árvore de Natal carregada de brinquedos, e outro, que se quer consagrar virilmente à descrição das cidades. Não raro, porém, fundem-se os dois num artista saudoso, essencialmente rítmico, que faz do alfabeto uma pauta melódica e obtém lindas transposições poéticas de impressões musicais."

Murilo de Araújo nasceu em Minas em 1894, tendo iniciado os estudos nesse estado e os prosseguido no Rio de Janeiro, onde cursou o Colégio Pedro II e a Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1921. Seus livros de estréia datam de 1927: "A Galera" e "Carrilhões". Seguiram-se "Árias de Muito Longe" (1921). "A Cidade de Ouro" (1923), "A Iluminação da Vida" (1927), dois anos depois premiado pela Academia, "As Setes Côres do Céu" (1933), "A Estrêla Azul" (1940) e "A Escadaria Acesa" (1942). Também foi laureado pela Academia com o poema "A Primeira Missa no Brasil" e tem dezenas de suas produções musicadas por ilustres figuras da moderna música brasileira.

ALCEU WAMOSY

Alceu Wamosy, lembra Agripino Grieco, "viveu entre duas revoluções gaúchas, nascendo na de 1895 e morrendo na de 1923". Afilhado por procuração de Guerra Junqueiro, que lhe escolheu o nome de batismo, estreou aos dezoito anos com o volume "Flâmulas", "belo título e versos ainda titubeantes", a que se seguiu "Terra Virgem", também fraco. Em 1914 foi para Pôrto Alegre onde fêz vida de imprensa e se tornou um dos mais queridos poetas do estado, até deflagar em 1923 a revolução federalista. Desdenhando da comodidade de um pôsto de alferes-secretário, o poeta participou bravamente dos recontros e veio a perecer vítima de ferimentos recebidos em combate. "Dessa forma, observa Grieco, para que um politiquero não derrubasse outro politiquero, sacrificou-se com menos de trinta anos, um cantor de tanta finura emotiva e de tanta sensibilidade lírica."

As produções dos seus últimos anos foram recolhidas no volume "Coroa de Sonho"; de publicação póstuma, e apresentam-no na plenitude de seu talento.

RAUL DE LEONI

"Raul de Leoni pertencia à mais elegante família de espíritos. Era um príncipe de ritmo puro. Vivendo numa época revolucionária, profundamente amada pelos mais irreverentes corifeus do espírito moderno, êle foi sempre um clássico. Terei feito o seu elogio se disser que êle jamais transigiu com o espírito dos grupos, que êle jamais procurou dar feito exótico à sua imaginação, para seguir tais ou quais correntes em moda."

Essas palavras de Gonçalo Jorge parecem-nos perfeitamente expressivas da feição da arte de Raul de Leoni e do fascínio exercido sobre os contemporâneos por sua obra e personalidade; obra de forma perfeita de pensamento, personalidade privilegiada, pela cultura e distinção, pelo brilho e singularidade de inteligência.

Breve foi a vida daquele chamado "O mais harmonioso dos poetas". Natural de Petrópolis, onde nasceu a 30 de outubro de 1895, depois de se formar em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro foi secretário de Nilo Peçanha, quando este exerceu pela segunda vez a presidência do Estado do Rio. Nomeado secretário de legação, afastou-se do cargo antes de exercer qualquer função no estrangeiro. Os últimos anos de uma existência que fôra de atleta musculoso e eufórico, passou-os Raul de Leoni emfermo em Itaipava, onde faleceu a 21 de novembro de 1926.

Publicou apenas "Ode a um Poeta Morto" (1919), e três anos depois "A Luz Mediterrânea", livro consagrador que em suas edições posteriores foi enriquecido de "Ode" e de algumas poesias inéditas.

CLEÔMENES CAMPOS

Embora Cleômenes Campos seja sergipano, de Maroim, foi de São Paulo, onde se radicara, que seu nome se irradiou para o resto do país, prestigiado pela publicação em 1923 de "Coração Encantado", livro pleno de um lirismo amoroso, suave e pessoal. Idêntico êxito registrou "De Mãos Postas", sua obra seguinte. Mais dois volumes publicou anos depois, em 1931: "Humanidade" e "Meu Livro de Amor", permanecendo desde então afastado do público. Agripino Grieco assinala que, embora viva em São Paulo, o poeta "não perdeu o contacto sentimental com as praias e as lenda do Norte. E é bem de um sergipano fino e culto a fresca fluidez de suas pastorais, das suas elegias panteístas onde as formas se movem num clima de sonho, com a brancura e a pureza das vestes monacais."

RENATO TRAVASSOS

Poeta e jornalista, Renato Travassos, nascido em Juiz de Fora em 1897, estreou com "Coração ao Sol" (1923), a que se seguiram "Cantilena" (1926-1928). "Eu e tu num Grande Amor" (1931), "Meus Filhos" (1939). É o organizador de uma "Coletânea de Sonetos de Amor" (1932) e publicou em 1940 dois trabalhos intitulados "Literatura Infantil" e "A Poesia Brasileira". Jaime de Barros assinala que êle permaneceu fiel à escola parnasiana, indiferente à renovação modernista, trabalhando ainda hoje o verso como se trabalhasse uma jóia.

É técnico de educação do Ministério de Educação e Saúde.

OSÓRIO DUTRA

A diplomacia, a exemplo da magistratura, sempre viveu nos melhores termos com as letras no Brasil, sendo apreciável o número de altos servidores do Itamarati que lograram destacada situação na literatura do país. Na poesia, então para comprovar essa assertiva, basta que se recorde entre outros os nomes de Francisco Otaviano e Luís Guimarães Júnior, no passado, e em nossos dias os de Osório Dutra e Ribeiro Couto.

Poeta que alia fina sensibilidade e técnica esmerada ao espírito filosófico com que por vêzes se detém na interpretação de certos motivos poéticos. Osório Dutra iniciou-se na poesia ainda sob o influxo do nosso segundo parnasianismo, a que se filiam os versos de "Castelo de Marfim" e "Céu Tropical", seus dois livros galardoados pela Academia de Letras em 1929 com o primeiro prêmio de poesia e menção honrosa. Mais recentemente publicou "Inquietação" e "Emoção". É autor também de "Terra Bendita" (poema) e de um trabalho em prosa, "O País dos Deuses" (aspectos, costumes e paisagens do Japão).

RIBEIRO COUTO

Escritor dos mais notáveis entre os da sua geração, a data do aparecimento dos livros de Ribeiro Couto, de poesia ("O Jardim das Confidências", 1921), e de prosa ("A Casa do Gato Cinzento", contos, 1922), garantem-lhe também cronologicamente um dos primeiros lugares na história do modernismo. Na poesia nova do Brasil êle se situa, segundo Tristão de Ataíde, como o "menos intencionalmente original dos modernos" e não obstante, ou talvez por isso mesmo, possuidor de personalidade poética inconfundível, como acentua o mesmo crítico, personalidade cujos traços mais frisantes são a discrição, os meios tons, a naturalidade e espontaneidade de inspiração. Poesia intimista é o título oficial da poesia de Ribeiro Couto, cujo estro é por vêzes genuinamente romântico e que de preferência

canta sentimentos delicados e ternos, estados d'alma bastante pessoais e sutis e pequenos quadros do cotidiano.

Essa feição principal da sua poesia, que levou Graça Aranha a chamá-lo de "o nosso Casimiro de Abreu", não deve fazer esquecer aquela outra, diversa, que ainda Tristão de Ataíde aponta em "Noroeste e Outros Poemas do Brasil" (1933), tôda voltada para a vida prática e ativa.

Rui Ribeiro Couto, que também é romancista, "conteur" e cronista, nasceu em Santos a 12 de março de 1893. Diplomata de carreira, é atualmente primeiro secretário de embaixada em Lisboa.

Outras obras de poesia: "Poemetos de Ternura e de Melancolia" (1924), "Um Homem na Multidão" (1926), "Canções de Amor" (1930), etc.

CECÍLIA MEIRELLES

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, onde se diplomou pela antiga Escola Normal. Ainda estudante publicava dois livros: "Baladas para el Rei" e "Nunca mais e Poema dos Poemas", a que se seguiu "Criança, meu Amor", livro para a infância. Em 1935 ocupou a cadeira de literatura luso-brasileira na Universidade do Distrito Federal e mais tarde a de técnica e crítica literária. Em Portugal, onde estêve a convite do Secretariado da Propaganda, e nos Estados Unidos, que visitou em 1940, realizou conferências e cursos sôbre pedagogia, arte e literatura. Em 1938 seu livro "Viagem" foi premiado pela Academia com um parecer consagrador de Cassiano Ricardo. O grande êxito registrado por essa obra repetiu-se com a sua mais recente produção, "Vaga Música" (1942), que assinala um grande momento de sua bela carreira literária.

ABGAR RENAULT

Abgar Renault nasceu em Barbacena, Minas Gerais, no ano de 1901, tendo feito estudos secundários e superiores em Belo Horizonte, em cuja Faculdade de Direito se bacharelou. Numerosos são os cargos do magistério por êle exercidos, entre os quais os de professor do Ginásio Mineiro, da Escola Normal de Belo Horizonte, do Colégio Pedro II e da Universidade do Distrito Federal. Foi também deputado estadual em Minas, diretor do Colégio Universitário da Universidade do Brasil, secretário do Ministro da Educação e Saúde e assistente do secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal. Dirige atualmente o Departamento Nacional de Educação.

Poeta de produção escassa mas valiosa, que de longe em longe condescende em figurar nos periódicos, Abgar Renault tem publicadas apenas duas traduções: "A Lua Crescente" de Rabindranath Tagore e "Poemas Inglêses de Guerra".

FRANCISCO KARAM

Acêrca da estrêia de Francisco Karam em 1925 com um livro de inspiração mística, "Levíticas", escreveu Tristão de Ataíde: "Como estamos longe aqui da religiosidade banal e puramente exterior da poesia edificante. Há realmente neste poeta de valor que se inicia uma chama alta e ardente de misticismo. Qualquer coisa de estranho, de longínquo, de distraído..." Sua produção posterior — "Palavras de Orgulho e de Humildade" (1926) e "A Hora Espêssa" (1933) — revela o mesmo artista pessoal, de inspiração naturalmente religiosa, infenso ao intencionalismo na poesia, mas também capaz de desenvolver motivos de amor em versos macios e sugestivos.

Paulistas e descendente de libaneses, Francisco Karam (que nasceu em Araçuaçu no ano de 1902) iniciou os estudos na cidade natal e formou-se em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, tendo durante alguns anos ocupado o cargo de delegado de polícia. Amigo, íntimo de Jackson de Figueiredo, participou da fundação do Centro D. Vital, em cuja revista "A Ordem" publicou as poesias depois reunidas em seus dois primeiros livros. Em 1941 deu a lume um trabalho sôbre economia e política: "O Estado Capitalista".

MURILO MENDES

A coexistência de dois poetas em Murilo Mendes, assinalada pela crítica: o poeta de processos supra-realistas e inspiração fortemente lírica e o epigramista da "História do Brasil" (1932), parece fadada a findar com a supremacia do primeiro, preponderante em suas duas últimas obras "O Visionário" (1941), e "Metamorfoses" (1944). Em ambas as feições de sua poesia, porém, possui êle trabalhos perfeitos, como as composições sôbre Pedro II, a proclamação da república, a linha sôbre a batalha de Itararé, sátiras definitivas, e o admirável

“Conto do Noivo”, nas palavras de Agripino Grieco “sua obra-prima e uma das obras-primas do irregular cancionista modernista”.

Murilo Mendes, que nasceu em Juiz de Fora em 1902 e em sua cidade natal iniciou os estudos, concluídos em Niterói, estreou em 1930, com um pequeno volume, “Poesias”, a que se seguiu o famoso livro escrito em colaboração com Jorge de Lima, no qual os autores se propunham a “restaurar a poesia em Cristo”: “Tempo e Eternidade” (1935). Com “Poesia em Pânico” (1938) está completa a relação da obra poética desse autor, “um dos cinco ou seis bichos-da-sêda da nossa poesia”. Foi funcionário do Patrimônio Nacional e do Banco Mercantil do Rio de Janeiro, exercendo atualmente as funções de inspetor federal do ensino secundário. Convertido em 1934, é um dos expoentes da intelectualidade católica do país.

MOACIR DE ALMEIDA

Um livro apenas deixou Moacir de Almeida: “Gritos Bárbaros”, de publicação póstuma, que reúne os mais belos versos por êle compostos em sua curta existência. Através desse volume veio o público e particularmente a crítica, a saber que perdera a poesia brasileira, contemporânea um dos seus mais promissores talentos, talvez o único de verdadeira vocação épica deste século. Romântico em pleno modernismo, Moacir de Almeida foi um remoto e inesperado descendente dos “condoreiros”, e entre os vates marcados pela influência castroalvescas, sem dúvida êle figura entre os mais vigorosos e bem dotados. Pintor de grandes painéis históricos, empolgado pelos temas heróicos e grandiosos, também soube cantar o amor com idêntica exaltação do estro e sonoridade da estrofe. Falecido no Distrito Federal em 1925, aos vinte e três anos de idade, e não pôde realizar-se, plenamente, deixou, entretanto, prova bastante das alturas a que teria ascendido.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902 em Itabira, Estado de Minas Gerais. Depois de fazer os estudos primários na cidade natal e iniciar os secundários em Belo Horizonte, prosseguiu êstes no Colégio Anchieta, de Friburgo, onde pouco se demorou dadas as divergências que cedo se manifestaram entre aluno e professores. Regressou então à capital mineira e fez o curso de farmácia, concluindo-o em 1925. Inicia a vida ensinando geografia em Itabira. E’ também desse tempo sua estréia no jornalismo, tendo colaborado no “Diário de Minas” e outros órgãos da imprensa do estado. Foi oficial de gabinete primeiro da instrução Pública, depois da Secretaria do Interior, até se transferir para o Rio de Janeiro em 1934 como chefe de gabinete do Ministro de Educação e Saúde Pública, cargo de que se afastou em 45, em virtude de esclarecida e patriótica atitude assumida perante a situação política do país. Sua obra pequena e preciosa testemunha a riqueza e originalidade de um talento poético já manifestado em 1925, quando Carlos Drummond de Andrade participou do movimento modernista em Minas, fundando com outros intelectuais o periódico “A Revista”.

“Alguma Poesia” (1930), “Beijo das Almas” (1934), “Sentimento do Mundo” (1940) e “Poesias” (1942), que reúne os anteriores volumes, representam a produção desse inconfundível poeta.

CARMEN CINIRA

Breve foi a vida de Carmen Cinira (pseudônimo literário de Carmen Cordosa Bordin). Nascido no Distrito Federal em 1902, deixou em meio o curso da Escola Normal a fim de melhor se entregar à literatura, para a qual sentia irresistível pendor. Jovem, bela, talentosa, parecia fadada ao êxito e à felicidade. Publica então “Primeiros Versos”, a que se seguem “Crisálidas”, (dado a lume em 1925) com prefácio de Osório Duque Estrada e “Grinalda de Violetas” (1929). Em princípios de 1933 Carmen Cinira, que nunca fôra muito robusta, enfermou gravemente e, mau grado a reclusão de vários meses em sanatório do interior, veio a falecer no Distrito Federal em agosto do mesmo ano.

Apresentando o volume “Crisálidas”, Osório Duque Estrada assinala que “a emoção — fonte fecunda e perene da verdadeira poesia — é elemento que não falta nunca nas composições da talentoso estreatante”.

Seus últimos versos foram reunidos no livro “Sensibilidade”, aparecido um ano após a morte da poetisa.

VARGAS NETO

Manuel do Nascimento Vargas Neto nasceu em S. Borja, no Rio Grande do Sul, a 30 de janeiro de 1903. Desde cedo interessado no jornalismo e na literatura, fez vida de imprensa, tendo trabalhado no "Diário de Notícias" e na "Federação", de Pôrto Alegre. De 1931 a 1934 dirigiu o "Uruguai", em S. Borja.

Formado em direito pela Faculdade de Pôrto Alegre, exerceu diversos cargos da magistratura. Foi secretário da Procuradoria Geral do Rio Grande do Sul, último pôsto que ocupou no Estado, antes de transferir-se para a capital do país, onde é procurador da Prefeitura. Muito ligado às coisas do esporte, foi presidente da Federação Metropolitana de Futebol, atualmente é presidente do Conselho Nacional de Desportos.

Seus livros "Tropilha Crioula" (1925), "Joá" (1927), "Gado Chucro" (1928), e "Tu" (1928), conferiram-lhe posição de destaque entre os modernos poetas regionalistas do país.

ADALGISA NERY

No desalinho intencional dos versos da Sra. Adalgisa Nery palpita um temperamento poético de intensa vibração. Governa-a um pensamento filosófico, que procura decifrar os mistérios do mundo, interpretar a vida e surpreender o terrível segredo da morte. Repete-se, em cada página, nos seus poemas, uma ânsia constante e contraditória de dispersão e integração. O seu ser se distende, desdobra-se, multiplica-se, em tôdas as coisas, para depois tentar, num delírio místico, re-trair-se e integrar-se numa unidade inatingível." Estas linhas de Jaime de Barros, sintetizam as características da autora de "Poemas", com justiça por êle considerada possuidora de inconfundível estilo poético. Tendo estreado com o aludido livro em 1938, colocou-se logo entre os nossos melhores poetas modernos, colocação confirmada com a publicação em 1940 do volume "A Mulher Ausente".

E' autora também de um livro, de contos, "Og" (1942), e de uma elogiada tradução de "O Jardim das Carícias", de Franz Toussaint.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Augusto Frederico Schmidt nasceu no Distrito Federal em 1906, tendo feito os primeiros estudos parte aqui, parte na Suíça onde estêve algum tempo. De regresso ao Brasil cursa o ginásio e ingressa no comércio, trabalhando em diversas firmas desta capital até entrar para a Livraria Católica, de onde se retirou para fundar a Schmidt Editôra, que em seus dois anos de existência logrou concorrer para que as letras e a cultura nacionais se enriquecessem de obras como "Caetés", o primeiro romance de Graciliano Ramos, e "Casa Grande e Senzala", o famoso livro de Gilberto Freire. E' atualmente dinâmico e próspero "businessman", cuja carreira acompanha a do autor aclamado como uma das mais puras vozes de nossa poesia moderna.

Entreou em 1926 com o "Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt", calorosamente recebido por Tristão de Ataíde. Seguiram-se "Canto de Liberto", "Pássaro Cego" (1930). "Navio Perdido" e "A Desaparição da Amada" (1931). Foi "Canto da Noite" em 1934, porém, que o situou entre os grandes poetas modernos do Brasil. Após alguns anos de silêncio publicou mais "A Estrêla Solitária" (1940) e "Mar Desconhecido" (1942), outros tantos êxitos literários. E' autor de uma versão de "O Cântico dos Cânticos" e tem para publicar um volume de reflexões, "O Galo Branco".

VINICIUS de MORAIS

Natural do Rio de Janeiro onde nasceu em 1913, Vinicius de Moraes bacharelou-se em letras pelo Colégio Santo Inácio, datando dêsses anos de ginásio as primeiras manifestações de sua vocação literária. Formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1933 publica nesse mesmo ano seu livro de estréia, "O Caminho para a Distância", seguido em 1935 de "Forma e Exegese", laureada com o prêmio de poesia da sociedade Filipe d'Oliveira. Mais três obras deu a lume: "Ariana a Mulher" (1936), "Novos Poemas" (1938) e "Cinco Elegias" (1943), que confirmaram a justiça do destaque concedido pela crítica a Vinicius de Moraes.

Distinguido com uma bolsa de estudos para a Universidade de Oxford em 1938, aí seguiu cursos de língua e literatura inglesa. Apaixonado pela arte cinematográfica, da qual é profundo conhecedor, foi censor de filme no Ministério da Educação e crítico de cinema de "A Manhã" e do extinto diário "Diretrizes". Trabalhou no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários, do qual se afastou para ingressar por concurso na carreira diplomática do Ministério das

BRASILEIRAS DE AMOR

Relações Exteriores. Sua obra, batida de um largo sôpro de lirismo, tem-se enriquecido nos últimos anos de produções que revelam um artista receptivo às aspirações coletiva e côncio da gravidade da presente fase histórica.

J. G. DE ARAÚJO JORGE

José Guilherme de Araújo Jorge nasceu no Território do Acre, a 20 de maio de 1916. Em Rio Branco fêz o curso primário e o secundário no Internato do Colégio Pedro II, onde se formou em 1932. Colou grau em direito em 1937 pela Faculdade Nacional da Universidade do Brasil.

Como estudante, no curso secundário, já revelava seu pendor para as letras e na Faculdade de Direito destacou-se como orador, tendo vencido vários concursos de oratória. Representou seus colegas em diversas caravanas a Portugal, Argentina, Uruguai e Chile.

Em sua vida universitária foi um denodado lutador antifascista, tendo dirigido dois jornais políticos, "Nós" e "Cartaz", e sido prêso várias vezes.

Ainda acadêmico publicou seus primeiros livros de poesia: "Meu Céu Interior" (1934) e "Bazar de Rítmos" (1935).

Outras obras: "Cântico dos Cânticos" (1937), "Amo!" (1938), "Poesias" (1939), "Cântico do Homem Prisioneiro" (1941), "O Eterno Motivo" (1943), que lhe valeu o prêmio Raul de Leoni, (para o melhor livro do ano), "O Canto da Terra" (1945), saudado pela crítica como "a mais forte mensagem social depois de Castro Alves", "Festas de Imagens" (poesias).

Tem inéditos vários trabalhos, entre os quais: "Fim do Mundo" (romance), "Marilena" (novela), e um livro sôbre Raul de Leoni.

Em 1942 estreou no romance, publicando "Um Besouro Contra a Vidraça". Jornalista, tem colaborado em inúmeros periódicos do país.

Í N D I C E

| | |
|-----------------------------------|----|
| Prefácio | 5 |
| Sonêto | 7 |
| GREGÓRIO DE MATOS | |
| Sonêto | 8 |
| SANTA RITA DURÃO | |
| Caramuru — A morte de Moema | 10 |
| CLAUDIO MANUEL DA COSTA | |
| Nize | 11 |
| Sonêto | 12 |
| ALVARENGA PEIXOTO | |
| Estela e Nize | 13 |
| TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA | |
| Em uma frondosa... .. | 14 |
| Meu sonoro passarinho... .. | 16 |
| Um dia que o gado... .. | 17 |
| Nesta triste masmorra... .. | 19 |
| MACIEL MONTEIRO | |
| Sonêto | 20 |
| GONÇALVES DIAS | |
| Se se morre de amor! | 23 |
| O amor | 25 |
| Amor! Delírio — Engano | 29 |
| Ainda uma vez — Adeus! | 34 |
| Desejo | 35 |
| BERNARDO GUIMARÃES | |
| Se eu de ti me esquecer | 36 |
| FRANCISCO OTAVIANO | |
| Recordações | 37 |
| LAURINDO RABELO | |
| À minha mulher | 39 |
| Sonêto | 40 |
| ALVARES DE AZEVEDO | |
| Saudades | 42 |
| Sonêto | 43 |
| Amor | 44 |
| JUNQUEIRA FREIRE | |
| Femor | 45 |
| Aqui | 47 |
| LUÍS DELFINO | |
| Os seios | 48 |
| A sombra de sua mão | 49 |
| In her book | 50 |
| Ever... for ever... .. | 51 |
| JOAQUIM SERRA | |
| A minha madona | |

A S M A I S B E L A S P O E S I A S

| | |
|------------------------------|-----|
| CASIMIRO DE ABREU | |
| Moreninha | 52 |
| Canto de amor | 50 |
| Amor e medo | 59 |
| Ontem à noite | 62 |
| MACHADO DE ASSIS | |
| Noivado | 63 |
| À Carolina | 65 |
| Versos à Corina | 66 |
| VITORIANO PALHARES | |
| Canção | 68 |
| FAGUNDES VARELA | |
| A flor do maracujá | 69 |
| Estâncias | 71 |
| Juvenília | 75 |
| GONÇALVES CRÊSPO | |
| A confessada | 78 |
| Canção | 79 |
| LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR | |
| Hora de amor | 80 |
| Guitarra | 81 |
| O coração | 82 |
| CASTRO ALVES | |
| O adeus de Teresa | 83 |
| Boa noite | 84 |
| Hebréia | 86 |
| Adormecida | 88 |
| Amemos! | 90 |
| LÚCIO DE MENDONÇA | |
| Pelo rio | 91 |
| TEÓFILO DIAS | |
| A estátua | 95 |
| Os seios | 96 |
| O leito | 97 |
| A matilha | 98 |
| ARTUR AZEVEDO | |
| Vem! | 100 |
| ALBERTO DE OLIVEIRA | |
| A mão | 101 |
| Versos do coração | 101 |
| Horas de ouro | 101 |
| BERNARDINO LOPES | |
| Gesto | 105 |
| Five o'clock | 106 |
| ADELINO FONTOURA | |
| Beatriz | 107 |
| AUGUSTO DE LIMA | |
| Noite de estio | 108 |
| Almas paralelas | 109 |
| RAIMUNDO CORREIA | |
| Beijos do céu | 113 |
| Peregrina | 111 |
| Lágrimas românticas | 112 |
| Après le combat | 117 |
| LUÍS MURAT | |
| Vendo-a passar | 111 |

BRASILEIRAS DE AMOR

| | |
|--|-----|
| CRUZ e SOUSA | |
| Corpo | 115 |
| Enclausurada | 116 |
| Madona da tristeza | 117 |
| OLAVO BILAC | |
| A alvorada do amor | 118 |
| Um beijo | 120 |
| Sonêto | 121 |
| Tercetos | 122 |
| Beijo eterno | 124 |
| VICENTE DE CARVALHO | |
| Olhos verdes | 127 |
| Última confiança | 129 |
| Faz frio. Há bruma. Agôsto vai em meio | 131 |
| Sonêto | 132 |
| EMÍLIO DE MENESES | |
| Noite de insônia | 133 |
| GUIMARÃES PASSOS | |
| Non racionar de lor | 134 |
| Barcarola | 135 |
| MÁRIO PEDERNEIRAS | |
| Suave caminho | 136 |
| Ruínas | 137 |
| MEDEIROS E ALBUQUERQUE | |
| Para sempre! | 138 |
| Forget me not | 140 |
| EMILIANO PERNETA | |
| Desde que comecei | 141 |
| Veio | 142 |
| ALBERTO SILVA | |
| Vincit amor... .. | 143 |
| ZEFERINO BRASIL | |
| Zelos | 144 |
| AZEVEDO CRUZ | |
| O amor | 145 |
| Olhos que não vêem | 146 |
| ALPHONSUS DE GUIMARAENS | |
| Sonêto XIX | 147 |
| Madrigal | 148 |
| Ao poente | 148 |
| FRANCISCA JÚLIA | |
| Pérfida | 149 |
| ALBERTO RAMOS | |
| Estâncias | 150 |
| BELMIRO BRAGA | |
| A volta de Ani | 152 |
| AMADEU AMARAL | |
| Sonhos de amor | 153 |
| MARCELO GAMA | |
| Num leque | 154 |
| GOULART DE ANDRADE | |
| Pela rosácea do vitral desfeito... .. | 155 |

A S M A I S B E L A S P O E S I A S

| | |
|---|-----|
| CARLOS GÓIS | |
| Uxor consolatrix | 156 |
| CASTRO MENESES | |
| Sonêto | 157 |
| MARTINS FONTES | |
| Vulcão | 158 |
| Fascinação | 160 |
| LUÍS EDMUNDO | |
| Êxtase | 161 |
| HUMBERTO DE CAMPOS | |
| Beatriz | 162 |
| MANUEL BANDEIRA | |
| Poemeto erótico | 163 |
| Madrigal melancólico | 164 |
| Confissão | 166 |
| HEITOR LIMA | |
| Asas | 167 |
| ADELMAR TAVARES | |
| Por sua voz, tal como um cego | 168 |
| Trovas | 169 |
| HERMES FONTES | |
| Carnaval | 170 |
| Solenemente | 171 |
| OLEGÁRIO MARIANO | |
| Deslumbramento | 172 |
| Versos de felicidade | 173 |
| Noturno | 174 |
| GUILHERME DE ALMEIDA | |
| "Tu és o amor" | 175 |
| Os três gestos | 176 |
| Nós | 177 |
| FILIFE D'OLIVEIRA | |
| Ubi Troia fuit | 178 |
| GILKA MACHADO | |
| Embora de teus lábios afastada | 180 |
| Ânsia múltipla | 181 |
| Queda de estrêlas | 183 |
| MÁRIO DE ANDRADE | |
| Rondó para você | 184 |
| RONALD DE CARVALHO | |
| Teu vulto leve, ao fundo do passado | 185 |
| Bucólia | 187 |
| MURILO DE ARAÚJO | |
| A suave espera | 187 |
| ALCEU WAMOSY | |
| Duas almas | 189 |
| RAUL DE LEONI | |
| História antiga | 190 |
| Sonêto | 191 |
| CLEÔMENES CAMPOS | |
| O meu amor vai para o teu devagarinho... .. | 192 |
| Cor cordium | 193 |
| RENATO TRAVASSOS | |
| Sonêto | 194 |

BRASILEIRAS DE AMOR

OSÓRIO DUTRA

| | |
|----------------|-----|
| Berceuse | 195 |
| Meu amor | 196 |

RIBEIRO COUTO

| | |
|--------------------------------|-----|
| Epitalâmio | 198 |
| Elegia para a que partiu | 199 |
| Segrêdo | 200 |

CECÍLIA MEIRELES

| | |
|-------------------------------|-----|
| Poema da grande alegria | 201 |
| Canção | 202 |

ABGAR RENAULT

| | |
|--------------------|-----|
| Encantamento | 203 |
|--------------------|-----|

FRANCISCO KARAM

| | |
|------------------------|-----|
| Êstes teus olhos | 204 |
| O meu madrigal | 206 |

MURILO MENDES

| | |
|-------------------------|-----|
| A primeira espôsa | 206 |
| Canto do noivo | 208 |

MOACIR DE ALMEIDA

| | |
|---------------------------|-----|
| Domadora do oceano | 209 |
| Tua voz e teu olhar | 210 |

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

| | |
|---|-----|
| Balada do amor através das idades | 211 |
|---|-----|

CARMEN CINIRA

| | |
|------------------|-----|
| Incansável | 213 |
|------------------|-----|

VARGAS NETO

| | |
|---------------|-----|
| Chinoca | 214 |
|---------------|-----|

ADALGISA NERY

| | |
|------------------|-----|
| A um homem | 215 |
| Estigma | 216 |

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

| | |
|-----------------------|-----|
| Poema | 218 |
| Elegia | 219 |
| Exercício N.º 1 | 221 |

VINICIUS DE MORAIS

| | |
|----------------------------|-----|
| A que há de vir | 222 |
| Soneto de contrição | 223 |
| Soneto de inspiração | 224 |

J. G. DE ARAÚJO JORGE

| | |
|----------------------------|-----|
| Essa... .. | 225 |
| Bom dia, amigo Sol | 226 |
| Oráculo | 227 |
| Os versos que te dou | 229 |

| | |
|--------------------|-----|
| Bibliografia | 231 |
|--------------------|-----|

Composto e impresso
nas oficinas da
CASA EDITORA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144
Rio de Janeiro

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY
Los Angeles

This book is DUE on the last date stamped below.

REC'D MLD

LD-URL MAY 5 1966
MAY 6 1966

REC'D MLD

LD-URL NOV 14 1966
NOV 12 1966

REC'D LD-URL
LD-URL APR 3 1968

DEC 6 1968

REC'D LD-URL
LD-URL MAY 16 1977

MAY 31 1977

LD-URL
REC'D LD-URL

AUG 23 1977

LD-URL

OCT 19 1985

REC'D LD-URL
REC'D LD-URL

OCT 19 1985
REC'D LD-URL

NOV 02 1985

REC'D LD-URL

ORION
LD-URL DEC 27 1988

DEC 15 1988

REC'D LD-URL

ORION
LD-URL MAY 31 '90

MAY 21 1990



3 1158 00255 3997

118

